

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O LUGAR DA TANATOPEDAGOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SOB A ÉGIDE DO
LETRAMENTO LITERÁRIO – VOZES DE PROFESSORES E ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO

RAH ABREU AMADO JASPER SOARES
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a BERENICE ROCHA ZABBOT GARCIA

JOINVILLE - SC
2025

RAH ABREU AMADO JASPER SOARES
O LUGAR DA TANATOPEDAGOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SOB A ÉGIDE DO
LETRAMENTO LITERÁRIO – VOZES DE PROFESSORES E ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado em Educação, linha de pesquisa Políticas, Práticas Educativas e Tecnologias, da Universidade da Região de Joinville (Univille), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da professora Dra. Berenice Rocha Zabbot Garcia.

Joinville - SC

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

S676L	<p>Soares, Rah Abreu Amado Jasper O lugar da tanatopedagogia na educação básica e sob a égide do letramento literário: vozes de professores e alunos do ensino médio / Rah Abreu Amado Jasper Soares; orientadora Dra. Berenice Rocha Zabbot Garcia. – Joinville: Univille, 2025.</p> <p>143 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville)</p> <p>1. Adolescentes e morte. 2. Letramento. 3. Tanatologia. 4. Professores de ensino médio. I. Garcia, Berenice Rocha Zabbot (orient.). II. Título.</p> <p>CDD 373</p>
-------	---

Elaborada por Ana Paula Blaskovski Kuchnir – CRB-14/1401

TERMO DE APROVAÇÃO

Termo de Aprovação

“O Lugar da Tanatopedagogia na Educação Básica e sob a Égide do Letramento Literário – Vozes de Professores e Alunos do Ensino Médio”

por

Ramone Abreu Amado Jasper Soares

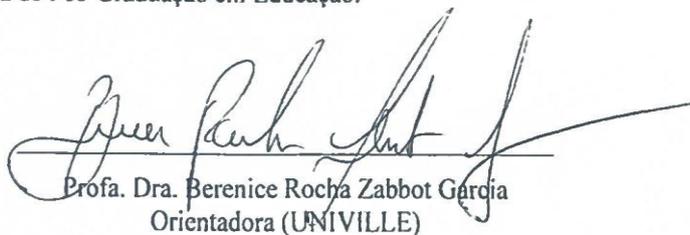
Banca Examinadora:

Profa. Dra. Berenice Rocha Zabbot Garcia
Orientadora (UNIVILLE)

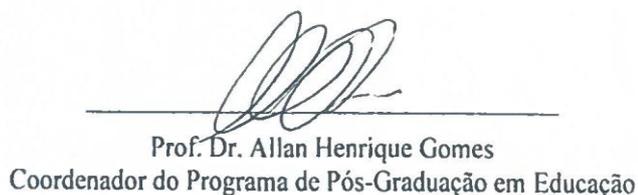
Profa. Dra. Daniela Tomio
(FURB)

Profa. Dra. Marly Krüger de Pesce
(UNIVILLE)

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Educação, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.



Profa. Dra. Berenice Rocha Zabbot Garcia
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. Allan Henrique Gomes
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Joinville, 20 de fevereiro de 2025.

Dedico esta dissertação aos que não deram conta de viver, àqueles que morreram e não alcançaram o entendimento de suas mortes ou o acolhimento necessário, a todos os que não conseguiram impedir mortes evitáveis por desconhecimento de suas origens, aos que envelhecem e convalescem sozinhos, aos que não desenvolveram compaixão, aos sobreviventes, aos cuidadores cansados. E dedico esta pesquisa, sobretudo, aos que amam a literatura e buscam restaurar as suas e outras vidas nos respiros das narrativas e versos impetuosos.

AGRADECIMENTOS

Com todo o meu apreço e reconhecimento, agradeço

À minha mãe, Yolanda Salete Abreu, pelos ensinamentos sobre a morte e o luto, transmitidos com sensibilidade na educação informal, que moldaram minha compreensão sobre a vida;

Àqueles que se debruçaram sobre dores, narrativas, memórias e saudades e erigiram as estruturas da Educação para a Morte;

Ao querido professor Erasmo Miessa Ruiz, que me possibilitou o encontro com a Tanatologia e, assim, um mergulho crítico no universo dos temas tanáticos, por tanta disposição e solidariedade – seu legado será eterno em nós!;

Ao meu esposo Marcelo Ricardo Jasper Soares por sua disponibilidade de ouvinte, conforto e apoio em todos os momentos deste trajeto;

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Berenice Rocha Zabbot Garcia pela atenção plena, confiança e parceria comprometida e transparente;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Univille, pelo afeto e a transmissão sólida do saber;

Aos professores avaliadores da qualificação, Dr.^a Marly Krüger de Pesce e Dr. Erasmo Miessa Ruiz, pelas contribuições sinceras e disposição em ajudar – vossos olhares e palavras meticulosas me ajudaram a buscar ainda mais;

À professora Daniela Tomio (FURB) por aceitar prontamente compor minha banca em um momento desafiador, trazendo análises valiosas e contribuições fundamentais para o aprimoramento deste trabalho;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento financeiro que viabilizou esta pesquisa;

Ao LEPED – Grupo de Pesquisa Leituras e Escritas em Práticas Educativas – ao qual me associei durante o mestrado, pelas trocas genuínas e oportunidades.

Aos professores e alunos participantes desta pesquisa que compartilharam suas impressões, emoções e experiências e com os quais fui capaz de compreender para além;

Aos meus filhos de quatro patas que tanto amo, Rebeca e Tobias, por tanto carinho e fidelidade, por passarem intermináveis horas junto a mim e me lembrando de sorrir e relaxar enquanto meditava e redigia todas estas páginas.

Afinal se confirmou: era leucemia mesmo a doença de Matias, e a mãe dele mandou me chamar. Chorando, disse-me que o maior desejo de Matias sempre fora passear de trem fantasma; ela queria satisfazê-lo agora, e contava comigo. Matias tinha nove anos. Eu, dez. Cocei a cabeça.

Não se poderia levá-lo ao parque onde funcionava o trem fantasma. Teríamos de fazer uma improvisação na própria casa, um antigo palacete nos Moinhos de Vento, de móveis escuros e cortinas de veludo cor de vinho. A mãe de Matias deu-me dinheiro; fui ao parque e andei de trem fantasma. Várias vezes. E escrevi tudo num papel, tal como escrevo agora. Fiz também um esquema. De posse destes dados, organizamos o trem fantasma.

A sessão teve lugar a 3 de julho de 1956, às 21 horas. O minuano assobiava entre as árvores, mas a casa estava silenciosa. Acordamos o Matias. Tremia de frio. A mãe o envolveu em cobertores. Com todo o cuidado colocamo-lo num carrinho de bebê. Cabia bem, tão mirrado estava. Levei-o até o vestíbulo da entrada e ali ficamos, sobre o piso de mármore, à espera.

As luzes se apagaram. Era o sinal. Empurrando o carrinho, precipitei-me a toda velocidade pelo longo corredor. A porta do salão se abriu; entrei por ela. Ali estava a mãe de Matias, disfarçada de bruxa (grossa maquilagem vermelha. Olhos pintados, arregalados. Vestes negras. Sobre o ombro, uma coruja empalhada. Invocava deuses malignos).

Dei duas voltas pelo salão, perseguido pela mulher. Matias gritava de susto e de prazer. Voltei ao corredor.

Outra porta se abriu – a do banheiro, um velho banheiro com vasos de samambaia e torneiras de bronze polido. Suspenso do chuveiro estava o pai de Matias, enforcado, língua de fora, rosto arroxeadado.

Saindo dali entrei num quarto de dormir onde estava o irmão de Matias, como esqueleto (sobre o tórax magro, costelas pintadas com tintas fosforescentes; nas mãos, uma corrente enferrujada). Já o gabinete nos revelou as duas irmãs de Matias, apunhaladas (facas enterradas nos peitos; rostos lambuzados de sangue de galinha. Uma estertorava).

Assim era o trem fantasma, em 1956.

Matias estava exausto. O irmão tirou-o do carrinho e, com todo o cuidado, colocou-o na cama. Os pais choravam baixinho.

A mãe quis me dar dinheiro. Não aceitei. Corri para casa.

Matias morreu algumas semanas depois. Não me lembro de ter andado de trem fantasma desde então.

Trem Fantasma/SCLIAR, Moacyr.

RESUMO

A presente pesquisa fez parte do PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação – da Univille (Universidade da Região de Joinville) e situou-se na linha de pesquisa Currículo, Tecnologias e Práticas Educativas. Associada ao grupo de pesquisa LEPED – Leituras e Escritas em Práticas Educativas, a pesquisa se desenvolveu com fomento da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e da própria Universidade pela sua natureza comunitária. Tal investigação buscou responder o seguinte problema: Como a Tanatopedagogia se insere no contexto da Educação Básica, especialmente no Ensino Médio, e quais são as implicações de sua aplicação a partir de discussões intermediadas por textos literários? Considerando que a instituição escola é permeada por eventos de luto, morte e morrer a partir das vivências pessoais e familiares dos seus entes constituintes e que tais eventos influem nas práticas profissionais e educativas, esta pesquisa aspirou encontrar, a partir dos dados coletados, elementos significativos que contribuíssem para a reflexão acerca dos desafios da efetivação da tanatopedagogia nas unidades de ensino básico assim como de seus prováveis benefícios. A abordagem utilizada foi a qualitativa e a coleta de dados suscitada por meio da instauração de grupos de discussão nos parâmetros de Weller (2006). Já a análise dos dados seguiu os pressupostos da análise do conteúdo, Bardin (2021). Esta pesquisa teve como referenciais teóricos fundantes, no que tange à abordagem da morte, do morrer e dos lutos Kübler-Ross (2017) e Kovács (2008; 2012; 2021) e à tanatopedagogia Grzybowski (2009), Incontri (2010) e Kóvacs (2008; 2012; 2021). O letramento literário teve alta conta na construção deste projeto, sendo Cosson (2020) autor basilar para que fosse possível efetivar as associações necessárias entre a experiência literária e o desenvolvimento da tanatopedagogia. Como suporte teórico complementar para auxílio nas reflexões sobre as práticas pedagógicas e o currículo em relação ao estabelecimento de uma educação para a morte destacaram-se Freire (2021a; 2021b; 2021c; 2021d), Morin (2002; 2004) e Santomé (2012). Considerando-se seu recorte, a pesquisa evidenciou que a tanatopedagogia não se faz presente enquanto abordagem no ensino médio da educação básica, mas há receptividade para sua implementação. O estudo revelou a necessidade de uma educação que contemple o desenvolvimento emocional e a criação de espaços seguros, validando a literatura como ferramenta essencial para abordar a morte, o luto e o adoecimento. Destacaram-se enquanto fatores desafiadores à instauração de uma abordagem tanatopedagógica a carência de suporte emocional, a padronização do ensino, o desrespeito à diversidade e à autonomia do alunado e a necessidade de formação docente. Dentre os prováveis benefícios da efetivação de uma tanatopedagogia no ambiente escolar sobressaíram-se o exercício de uma educação holística, a promoção de saúde biopsicossocial e o respeito aos direitos humanos.

Palavras-chave: Tanatopedagogia. Práticas Pedagógicas. Letramento Literário.

THE PLACE OF THANATOPEDAGOGY IN BASIC EDUCATION UNDER THE AEGIS OF LITERARY LITERACY – VOICES OF HIGH SCHOOL TEACHERS AND STUDENTS

ABSTRACT

This research was conducted as part of the PPGE – Graduate Program in Education – at Univille (University of the Joinville Region) and was situated within the research line Curriculum, Technologies, and Educational Practices. Associated with the LEPED – Readings and Writings in Educational Practices research group, the study was funded by CAPES – Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel and the university itself due to its community-oriented nature. This investigation sought to answer the following problem: How is Thanatopedagogy inserted into the context of Basic Education, especially in High School, and what are the implications of its application through discussions mediated by literary texts? Considering that the school institution is permeated by experiences of grief, death, and dying through the personal and family lives of its members – and that such events influence professional and educational practices – this research sought to identify, based on the collected data, significant elements that contribute to reflections on the challenges of implementing thanatopedagogy in basic education units, as well as its potential benefits. A qualitative approach was used, with data collection carried out through the establishment of discussion groups, following the parameters of Weller (2006). The data analysis was guided by the principles of content analysis, based on Bardin (2021). This research had as foundational theoretical references, regarding the approach to death, dying, and mourning Kübler-Ross (2017) and Kovács (2008; 2012; 2021) and, regarding thanatopedagogy, Grzybowski (2009), Incontri (2010), and Kovács (2008; 2012; 2021). Literary literacy played a crucial role in the construction of this project, with Cosson (2020) being a fundamental author in enabling the necessary associations between literary experience and the development of thanatopedagogy. As complementary theoretical support for reflections on pedagogical practices and the curriculum in relation to establishing an education for death, Freire (2021a; 2021b; 2021c; 2021d), Morin (2002; 2004), and Santomé (2012) were highlighted. Considering its scope, the research evidenced that thanatopedagogy is not yet present as an approach in high school education within basic education, but there is receptivity to its implementation. The study revealed the need for an education that encompasses emotional development and the creation of safe spaces, validating literature as an essential tool for addressing death, mourning, and illness. Among the challenging factors for the establishment of a thanatopedagogical approach, the lack of emotional support, the standardization of teaching, the disregard for diversity and student autonomy, and the need for teacher training stood out. Among the potential benefits of implementing thanatopedagogy in the school environment, the practice of holistic education, the promotion of biopsychosocial health, and the respect for human rights were highlighted.

Keywords: *Thanatopedagogy. Pedagogical Practices. Literary Literacy.*

EL LUGAR DE LA TANATOPEDAGOGÍA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA Y BAJO LA ÉGIDA DE LA ALFABETIZACIÓN LITERARIA – VOCES DE PROFESORES Y ALUMNOS DE LA EDUCACIÓN SECUNDARIA

RESUMEN

La presente investigación formó parte del PPGE – Programa de Posgrado en Educación de Univille (Universidad de la Región de Joinville) y se situó en la línea de investigación Currículo, Tecnologías y Prácticas Educativas. Asociada al grupo de investigación LEPED – Lecturas y Escrituras en Prácticas Educativas, la investigación se desarrolló con el apoyo de CAPES – Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior, así como de la propia Universidad debido a su naturaleza comunitaria. Esta investigación buscó responder al siguiente problema: *¿Cómo se inserta la Tanatopedagogía en el contexto de la Educación Básica, especialmente en la Educación Secundaria, y cuáles son las implicaciones de su aplicación a partir de discusiones mediadas por textos literarios? Considerando que la institución escolar está permeada por eventos de luto, muerte y morir a partir de las experiencias personales y familiares de sus miembros, y que tales eventos influyen en las prácticas profesionales y educativas, esta investigación buscó identificar, a partir de los datos recolectados, elementos significativos que contribuyan a la reflexión sobre los desafíos de la implementación de la tanatopedagogía en las unidades de educación básica, así como sus posibles beneficios. Se utilizó un enfoque cualitativo, y la recolección de datos se realizó mediante la creación de grupos de discusión, siguiendo los parámetros de Weller (2006). El análisis de los datos, por su parte, se basó en los principios del análisis de contenido, según Bardin (2021). Esta investigación tuvo como referencias teóricas fundamentales, en lo que respecta al enfoque sobre la muerte, el morir y el luto, a Kübler-Ross (2017) y Kovács (2008; 2012; 2021) y, en cuanto a la tanatopedagogía, a Grzybowski (2009), Incontri (2010) y Kovács (2008; 2012; 2021). El alfabetismo literario tuvo un papel fundamental en la construcción de este proyecto, siendo Cosson (2020) un autor clave para posibilitar las asociaciones necesarias entre la experiencia literaria y el desarrollo de la tanatopedagogía. Como soporte teórico complementario para reflexionar sobre las prácticas pedagógicas y el currículo en relación con el establecimiento de una educación para la muerte, se destacaron Freire (2021a; 2021b; 2021c; 2021d), Morin (2002; 2004) y Santomé (2012). Considerando su alcance, la investigación evidenció que la tanatopedagogía aún no está presente como un enfoque en la educación secundaria dentro de la educación básica, pero existe receptividad para su implementación. El estudio reveló la necesidad de una educación que abarque el desarrollo emocional y la creación de espacios seguros, validando la literatura como una herramienta esencial para abordar la muerte, el luto y la enfermedad. Entre los factores desafiantes para el establecimiento de un enfoque tanatopedagógico, se destacaron la falta de apoyo emocional, la estandarización de la enseñanza, el desprecio por la diversidad y la autonomía del alumnado, y la necesidad de formación docente. Entre los beneficios potenciales de la implementación de la tanatopedagogía en el entorno escolar, se resaltaron la práctica de una educación holística, la promoción de la salud biopsicosocial y el respeto por los derechos humanos.*

Palabras clave: Tanatopedagogía. Prácticas Pedagógicas. Alfabetización Literaria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pesquisadora no Espaço Cultural Paulo Leminski (2010).....	14
Figura 2 - Lançamento do 2º livro da pesquisadora, <i>Origami em Eras Fágicas</i> , na Biblioteca Pública de Joinville/SC	16
Figura 3 e 4 - Visita Guiada ao Cemitério da Consolação pelo guia Sr. Francivaldo Gomes, conhecido como “Popó”	17

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estado do Conhecimento -Tanatoletramento em escolas brasileiras19

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ADEC** - *Death Studies, Association for Death Education*
- ASCOM** - Assessoria de Comunicação
- BDTD** - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- BNCC** - Base Nacional Comum Curricular
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP** - Comitê de Ética em Pesquisa
- Covid** - Coronavirus Disease
- EAD** - Educação à Distância
- E.E.B.** - Escola de Educação Básica
- Inep** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- LD** - Livro Didático
- LEPED** - Grupo de Pesquisa Leituras e Escritas em Práticas Educativas
- MEC** - Ministério da Educação e Cultura
- NEM** - Novo Ensino Médio
- ONGs** - Organizações Não Governamentais
- PCNs** - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PCSC** - Proposta Curricular de Santa Catarina
- PPGE** - Programa de Pós-Graduação em Educação
- PROLIJ** - Programa Institucional de Literatura Infantil e Juvenil da Univille
- SEDUC** - Secretaria de Educação
- SIMDEC** - Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura
- TLCE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UDESC** - Universidade do Estado de Santa Catarina
- UE** - Unidade de Ensino
- UECE** - Universidade Estadual do Ceará
- UFC** - Universidade Federal do Ceará
- Unesco** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
(*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, em inglês)
- Univille** - Universidade da Região de Joinville
- USP** - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 COMPREENSÕES TEÓRICAS	23
2.1 Tanatologia & Ars Moriendi - Imbricações	26
2.2 A Filosofia no Rastro da Morte	30
2.3 Morte e Tabu na Contemporaneidade – Breve Panorama	36
2.4 Processos de Perda e Luto na Contemporaneidade Fágica	40
2.5 Educação para a Morte na Educação Básica Brasileira – uma Urgência em Saúde Mental	43
2.6 Tanatoletramento Literário – Reconexão do Indivíduo com sua Experiência, sua Linguagem e sua Humanidade	60
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS	74
4 APRECIÇÃO DOS DADOS	82
4.1 Temas Recorrentes	83
4.1.1 O Lugar da Tanatopedagogia na Educação Básica.....	84
4.1.2 A Literatura como Ferramenta para Instauração da Tanatopedagogia na Educação Básica.....	89
4.1.3 Inadequação do Sistema Educacional no Período Pandêmico	99
4.1.4. Necessidade de Formação Docente	105
5 REFLEXÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICES	130
APÊNDICE A – Instrumento de Pesquisa	130
ANEXOS	132
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP	132
ANEXO B – Declaração de Instituição Participante	133
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	135
ANEXO D – TCLE (responsáveis pelo estudante)	137
ANEXO E – Texto do Workshop Literário	139
ANEXO F – Texto 2 do Workshop Literário	141
ANEXO G – Resenha do Texto 3	142

1 INTRODUÇÃO

Então o escritor teve que trabalhar com a Morte lendo por cima do ombro dele. Nunca teve coragem de se virar para olhar para ela. No máximo espiava a sombra na parede.

Ele não pediu nenhuma dica para os enredos, mesmo estando louco de vontade. Ela nunca reclamou das palavras que ele botou em sua boca, nem das cenas que a fez, digamos, viver. Daí que ele não tem a menor ideia do que ela achou do livro.

Ernani Ssó - **A morte e o Escritor** In Contos de Morte Morrida (2015).

Formada em **Letras** (2004) pela **Univille** – Universidade da Região de Joinville, durante os anos de curso fui pesquisadora voluntária do **PROLIJ** (Programa Institucional de Literatura Infantil e Juvenil da Univille) bem como desenvolvi com colegas de curso o grupo **Parafins de Literatura**, donde executamos apresentações relacionadas ao universo literário na própria Univille e na UDESC/Joinville. Foi período muito profícuo, aproveitado imensamente para desenvolver meu intelecto, ver/rever e apreender conceitos, elaborar ideias, inserir-me em projetos e criar os meus próprios, vivendo arte e política na universidade e além, estabelecendo amizades e parcerias que trago comigo até hoje.

Na época comecei a produzir meus primeiros ensaios de escrita poética, testando minhas habilidades de escrita artística significativa e buscando construir minha identidade também enquanto leitora de mundos e escritora. Passei a integrar o **ZARAGATA** – Grupo de Poetas de Joinville e Região – e nesse coletivo desenvolvi ainda mais o gosto pela leitura e o fazer literário e firmei minhas práticas de poeta. Nesses idos (2001) publiquei (pelo SIMDEC - Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura) meu primeiro livro solo de poesia – **Imitação de Espelho**, Editora Letradágua.

Concomitantemente à graduação, aos 18 anos adentrei às salas de aula, tanto em escolas públicas quanto privadas. Em 2005 efetivei-me na **Rede Estadual de Ensino – SC** (Santa Catarina), onde até hoje exerço o cargo de professora de Língua Portuguesa, na busca de cada vez mais ampliar meus conhecimentos e aprimorar minhas práticas pedagógicas, a focar em um processo ensino-aprendizagem no qual se explorem cada vez mais o multiculturalismo, o

(re)conhecimento de identidade(s) e memória(s), a comunicação não-violenta, dentre outros tópicos que penso serem mais significativos e urgentes para a construção de uma sociedade mais letrada e equânime em direitos e deveres.

Figura 1 - Pesquisadora no Espaço Cultural Paulo Leminski (2010)



Fonte: Acervo Particular da Pesquisadora (2010).

Concluí minha primeira especialização em 2009, em **Língua Portuguesa com Ênfase em Literatura e Artes** (Faculdade Guilherme Guimbala/Joinville-SC) e em 2015 lancei, novamente pelo SIMDEC, o livro **Origami em Eras Fágicas** (poesia e prosa poética), Editora Nave, resultado de um exercício de dez anos de dobrar-se e desdobrar-se em vida e, para mim, conseqüentemente, em laboração de escrita artística.

Meu interesse no **Mestrado em Educação da Univille** passou a se configurar assim que me propus a desenvolver, na Escola de Educação Básica Professor Gustavo Augusto Gonzaga (Joinville/SC), disciplina eletiva de **Letramento Literário com Ênfase em Literatura Local**. Assim, na busca de suporte teórico para estruturar minha disciplina, desenvolver minha prática docente e propor melhores análises e produções aos meus alunos, travei contato com a professora Berenice Rocha Z. Garcia e dela obtive ótimas referências bibliográficas para (re)estruturar minha atuação.

Além do mais, busquei associar ao meu apetite pelas questões relacionadas ao letramento literário outro de meus arrebatamentos – o interesse pelas temáticas da morte e do morrer, que perpassam o universo da literatura e atingem de forma

profunda os sentidos do alunado em formação, levando-o a experienciar pelas vias da erudição situações, comportamentos e juízos de valor relacionados àquilo que nas escolas se mostra quase que sempre interdito – o transcorrer pelo universo da tanatologia – as relações e reações entre os seres e os lutos, a morte e o morrer de si mesmos e dos seus semelhantes.

A temática da Morte (associada à do Morrer) excepcionalmente exerce um fascínio sobre mim. Pelo fato de que já passei por alguns muito dolorosos processos de luto – real e simbólico – enxergo nitidamente a necessidade de o ser humano se debruçar sobre tal tema para conseguir (re)conhecer-se melhor, ressignificar vários fatos bem como construir memórias mais significativas e humanizar-se para além. Alinhado a isso, no pico da Pandemia de **COVID-19** - *Coronavirus Disease* – tive a oportunidade de ter uma excepcional formação *online* em tanatologia (**Instituto Carpe Diem**), coordenada pelo psicólogo e professor Dr. em Educação (**UFC**) Erasmo Miessa Ruiz – promotor de diversas pesquisas acadêmicas em Tanatologia e Psicologia do Luto na **UECE**, onde ministra Introdução à Tanatologia em graduações, desde 1998.

Cheguei ao curso do doutor Erasmo simplesmente por conta do meu interesse pessoal em relação a certos aspectos da morte e do morrer. A partir de então, novos ângulos e problemáticas circunscritos aos temas se fizeram à minha frente, de modo que pude me dar conta da amplitude de relações que eles estabelecem com os mais variados campos da vivência e atuação humanas. Em todos os anos que venho trabalhando em educação jamais havia me deparado com a ideia de ‘aprender para’ a morte, imagine ‘educar para’ ela. São quase 22 anos na área e nunca havia ouvido falar em Tanatologia, quiçá Tanatopedagogia. Tal formação foi um divisor de águas em minha vida.

De lá para cá estive cada vez mais interessada em pensar sobre a necessidade de as práticas pedagógicas dos mais diversos professores, tanto de escolas públicas quanto privadas, estabelecerem este elo entre (re)pensar a vida a partir das visões e compreensões dos lutos, da morte e do morrer – o que para muitos soaria muito mórbido mas que para mim faz todo o sentido, uma vez que o deparar-se com esses temas ainda interditos no âmbito educacional pode fazer com que a vida seja ainda mais valorizada e vivida de modo mais significativo porque acessada pelas vias do autoconhecimento e da empatia.

Além de ministrar aulas do nosso idioma nacional, sou professora de literatura e redação, então volta e meia estou a analisar textos literários e não literários com os alunos nos quais aparecem traços da morte e do morrer. Nesses momentos aproveito para fazer com eles uma análise do significado do aproveitamento do instante em contraposição à finitude. Eles aproveitam, participam, comentam e, também, mostram-se um pouco apreensivos. Contudo, ao final parecem estar mais aliviados, porque tem alguém do lado deles indicando que ‘faz parte’ e ‘está tudo bem’. Na sequência, muitas das produções textuais dentro da formação desses educandos passam por este viés de estabelecer em escrita uma reflexão nesses domínios. Assim, já pensei em como me multiplicar para atender mais jovens.

Figura 2 - Lançamento do 2º livro da pesquisadora, *Origami em Eras Fágicas*, na Biblioteca Pública de Joinville/SC



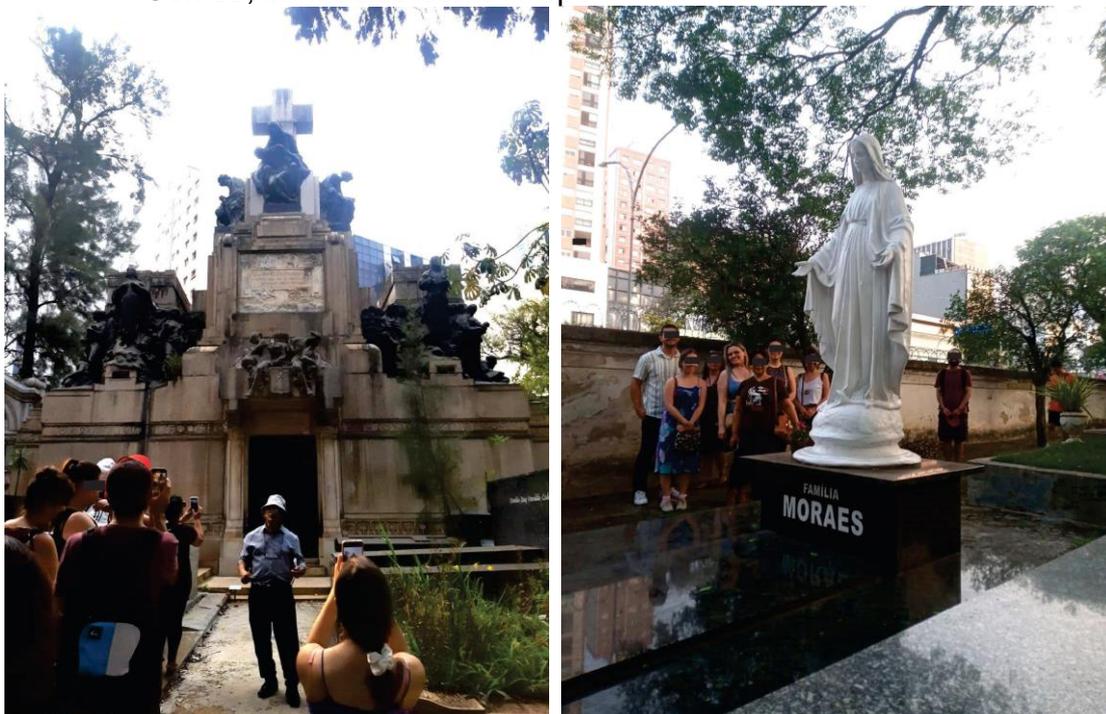
Fonte: acervo particular da pesquisadora, 2014

Isso porque percebo que a grande maioria dos profissionais em educação – não apenas professores, mas inclusive assistentes técnico-pedagógicos, gestores e outros mais que têm contato direto com alunos e colegas de profissão em situação de lutos variados ou vivenciando a morte de alguém próximo e até mesmo o morrer (de outrem ou de si mesmos) não sabem o que dizer ou fazer frente a essas demandas. Outros mais, não sabem nem como encaminhar ou a quem encaminhar uma situação envolvendo alguém em plena dor ou atordoamento psíquico relacionados a esses temas.

Dessarte, a proposta desta pesquisa, na **Linha de Pesquisa Currículo, Tecnologias e Práticas Educativas** versa sobre a **Tanatopedagogia** (educação para/sobre a morte, o morrer e assuntos congêneres) e, mais especificamente, o

Tanatoletramento Literário (a efetivação da tanatopedagogia por meio de práticas pedagógicas de letramento literário). Afinal, é preciso que professores e demais trabalhadores em educação tenham acesso à educação tanatológica, possam conhecer mais sobre a morte e o morrer e percorrer este universo de saberes sem interdição (mas com total ética) nas escolas e universidades – pois a Tanatopedagogia é uma educação sobre/para a vida, um aporte para se viver melhor, uma vez que ninguém consegue se esquivar dos processos de luto e da inexorável finitude do outro e de si mesmo. E já que os citados temas são parte do viver de todos, portanto devem ser explorados tanto quanto quaisquer outros temas essenciais nos currículos educacionais.

Figura 3 e 4 - Visita Guiada ao Cemitério da Consolação pelo guia Sr. Francivaldo Gomes, conhecido como “Popó”



Fonte: acervo particular da pesquisadora (2024).

Tal projeto se pauta na consideração de que educandos de diversos níveis de escolaridade também merecem ter acesso a conteúdo, debates, reflexões, propostas de leitura e produção textual (dentre outros sistemas) que abordem ou tenham relação com tais temas – uma vez que, desinterditando-os poderemos construir um ambiente educacional em que a morte e o morrer não sejam mais *tabus* como são hoje e, conseqüentemente, aliviar ansiedades e garantir um processo ensino-aprendizagem mais sensível e humanizado.

Nesse contexto, educadores, equipe pedagógica e demais funcionários de colégios e universidades, que se mostram quase sempre muito despreparados e inseguros frente aos mais diversos tipos de luto, mortes e morreres poderão também ter acesso a tais conteúdos e saberes e assim compreender melhor os processos de todos, exercer escuta ativa e fazer mais assertivas orientações e encaminhamentos de seus pares e alunado a serviços de atenção primária em saúde e a outros serviços que possam ter o aval do Ministério da Saúde.

Faz-se de suma importância este projeto nesse quadro quando chama atenção para esta urgência social, cultural e em saúde mental da indispensabilidade de se efetivar uma tanatopedagogia nas escolas de ensino básico de todo o país. Para tanto, a perspectiva teórica (que desde a graduação alicerça meus estudos e práticas no e para além do mundo do trabalho) a qual vejo como mais adequada para fundamentá-lo e argumentá-lo a respeito de tanatopedagogia ou tanatoletamentos é a **Perspectiva Histórico-Cultural** – uma vez que uma Educação para a Morte se faz necessária à compreensão de tudo aquilo que se relaciona à morte e ao morrer nos mais diversos níveis: histórico, social, científico, cultural, psicológico, econômico, político e outros mais. Tal compreensão (bem como as implicações e consequências da morte e do morrer nesses variados níveis) tem como imprescindível a análise de como a morte e o morrer são concebidas e desdobram-se ao longo da história humana e de como as sociedades, nas relações sociais, vieram/vêm lidando com elas até o presente. Assim, por processo histórico que desagua num presente onde os saberes populares ainda são tão potentes quanto a Ciência e a relação homem-mundo se faz mediada por sistemas simbólicos, a pesquisa, a ponderação e a proposição de uma tanatopedagogia ou de um tanatoletamento literário só podem ser efetivadas de modo mais profundo, abrangente, expressivo e sensível através das vozes de Paulo Freire, Lev S. Vygotsky e outros mais que com eles possam dialogar.

Em tal enquadramento, o referido projeto se propõe a defender a ideia da necessidade da abordagem das temáticas da Morte e do Morrer no cotidiano escolar a partir da investigação de se, como e por quais motivos tais temáticas são abordadas (ou não) em práticas pedagógicas no contexto escolar brasileiro contemporâneo (primordialmente de professores de Literatura) e a partir disso problematizar a importância do tanatoletamento literário (letamento literário com ênfase na abordagem das temáticas da morte e do morrer) com intuito reflexivo, da

promoção do autoconhecimento e, conseqüentemente, de melhor qualidade de vida. Desse modo, em abril de 2023 efetivou-se pesquisa para averiguar o Estado do Conhecimento relacionado aos objetivos desta pesquisa, o que se deu a partir dos seguintes descritores de pesquisa e nos seguintes sites específicos:

Descritor da pesquisa: a expressão **Tanatopedagogia**

Filtragem sem definição de período de tempo

Pesquisa realizada em 2 renomados sites de busca:

- Pesquisa em: **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**

0 resultados

- Pesquisa em: **Catálogo Online de Teses e Dissertações da CAPES**

1ª referência da tabela (seleção a partir de 3 resultados)

Descritores da pesquisa: Educação para a Morte AND Educação AND Luto na Escola

Filtragem entre os anos de 2007 e 2022 (período de 15 anos)

Pesquisa realizada em 2 renomados sites de busca:

- Pesquisa em: **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**

2ª e 3ª referências da tabela: (seleção a partir de 16 resultados encontrados pelos descritores)

- Pesquisa em: **Catálogo Online de Teses e Dissertações da CAPES**

4ª a 8ª referências da tabela (seleção a partir de 28 resultados encontrados pelos descritores)

Assim, chegou-se à elaboração do seguinte quadro de resultados (Quadro1):

Quadro 1 - Estado do Conhecimento -Tanatoletramento em escolas brasileiras

TÍTULO	AUTOR	ANO	UNIVERSIDADE	TIPO	OBJETIVO	LINK
Tanatopedagogia e educação para a saúde nos anos iniciais do ensino fundamental: um material de apoio a professores(as)	OLIVEIRA, Bruna Tadeusa Genaro Martins de	2017	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	Dissertação de Mestrado	Investigar a relevância de se abordar Educativamente a temática da morte em contexto escolar e elaborar um material para auxiliar professores(as) a conduzir discussões sobre a morte nos primeiros anos do	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6088066

					Ensino Fundamental.	
Jovens enlutados: um estudo sobre a (re)significação da dor espiritual da perda	PEREIRA, Raíssa de Almeida;	2017	Universidade Federal do Ceará	Tese de Doutorado	A pesquisa em questão propõe a construção de um dispositivo psicopedagógico que (re)signifique a Dor Espiritual da Perda, de modo a auxiliar jovens enlutados em contexto escolar.	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/29899
Aprendizagens autobiográficas: pesquisa-ação-formação com professoras do atendimento educacional hospitalar e domiciliar	SILVA, Andréia Gomes da	2022	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Tese de Doutorado	O objetivo era investigar com 08 (oito) professoras cursistas as aprendizagens autobiográficas por elas desenvolvidas ao longo da vida e sistematizadas oralmente e por escrito durante a formação.	https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48244
Luto na Escola: um cuidado necessário	MARQUES, Patricia Regina Moreira	2012	Universidade Metodista de São Paulo	Dissertação de Mestrado	O presente trabalho trata de uma investigação sobre a presença e o processo do luto por morte nas escolas e, também, como professores, coordenadores e diretores podem apoiar estudantes enlutados.	http://tede.metodista.br/jsui/handle/tede/991
A arte de falar da morte: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores	PAIVA, Lucelia Elizabeth.	2008	Universidade de São Paulo	Tese de Doutorado	Este estudo tem como objetivo principal verificar como os educadores trabalham e como poderiam trabalhar o tema da morte na escola, utilizando a literatura infantil com foco nesse tema como instrumento de abordagem.	https://repositorio.usp.br/item/001710155
Luto na Escola: uma realidade a ser enfrentada	SARTORI, Antonia Aparecida Kroll	2018	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Dissertação de Mestrado	O estudo busca entender como a escola lida com crianças e adolescentes vivenciando experiências de luto por morte de parente próximo, buscando perceber se ela oferece suporte adequado e necessário a estes alunos.	https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21827

Cemitério é lugar de criança? a visita guiada ao Cemitério Consolação como recurso para abordar a educação sobre a morte nas escolas'	MAEDA, Tatiane Sayuri	2017	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Dissertação de Mestrado	A presente pesquisa qualitativa teve como objetivo compreender como professores de São Paulo percebem a questão da educação sobre a morte, a partir da experiência de levar os seus alunos à visita guiada ao Cemitério Consolação.	https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20674
As representações sociais de profissionais da educação dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a morte e o luto.	ANTUNES, Edivana Gomes Severini	2019	Universidade Estadual de Maringá	Dissertação de Mestrado	O presente estudo tem como objetivo analisar as representações sociais de profissionais da educação sobre a morte e o luto, bem como as práticas utilizadas para lidar com as questões envolvendo essa temática na escola.	http://www.pe.uem.br/teses-e-dissertacoes/1/dissertacoes/2019/2019_edivana.pdf

Fonte: primária (2024)

A partir do Balanço de Produções elencado na tabela acima foi possível verificar que alguns pontos da investigação, da problematização e da proposição deste projeto já foram arrazoados de um modo ou outro em algumas dissertações de mestrado bem como em teses de doutorado, sendo, pois, o principal enfoque na grande maioria dos trabalhos a análise de como os professores/coordenadores e demais profissionais lidam com o luto e prestam suporte a crianças e jovens enlutados nas escolas brasileiras.

Dois dos trabalhos (1ª e 2ª referências) se propõem ao vislumbre da criação/proposição de material (psico)pedagógico para se trabalhar com demandas do luto e até mesmo auxiliar a ressignificá-lo no ambiente escolar e a questão avaliação dos professores sobre a relevância de uma educação para a morte mediada pelas escolas se mostra visceral na penúltima referência.

Outrossim, a ponderação da utilização do texto literário como ferramenta de abordagem das temáticas da morte e do morrer se mostra explicitamente na tese **A arte de falar da morte**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores, de Lucélia Elisabeth Paiva (2008). Porém, buscar-se-á com esta pesquisa associada ao Mestrado em Educação da Univille tocar em outros vieses não explorados por Paiva (2008), tais como as imbricações da filosofia, sociologia, economia e política no contexto de como a escola se encarrega de

acolher os lutos de seus alunos (e até mesmo de seus colaboradores) e como isso se reflete no currículo, inclusive.

Aqui a problematização do letramento literário com ênfase nas temáticas da Morte, do Morrer não estará concentrada no ensino infantil, mas nos anos finais da educação básica, no ensino médio, trazendo à tona as demandas dos lutos e as narrativas dos adolescentes e seus educadores no sentido de se buscar alargar os horizontes da Educação para a Morte numa perspectiva de uma Educação para a Vida (enquanto compreender a Morte, o Morrer e os Processos de Luto são condições essenciais para uma maior valorização do viver e para a superação das dificuldades encontradas nas trajetórias de vida).

Desse modo, com clareza já do que se busca averiguar no âmbito de sua dissertação e considerando relevantes todos os saberes acadêmicos constituídos até então alinhados a certos pontos de seu projeto, a mestranda se debruça sobre tais construções de conhecimento em busca de aprender mais e ir além na busca de construir conhecimentos tão relevantes quanto aos dos acadêmicos relacionados e, assim, deixar também sua contribuição acadêmica para a construção de uma sociedade mais desperta, autônoma e melhor.

No cerne deste projeto definiu-se como problema de pesquisa a seguinte questão: Como a Tanatopedagogia se insere no contexto da Educação Básica, especialmente no Ensino Médio, e quais são as implicações de sua aplicação a partir de discussões intermediadas por textos literários? Tal questão delimita bem o escopo do trabalho assim como contribui para o avanço do campo de estudo uma vez que orienta muito apropriadamente a investigação no sentido de se alcançar o objetivo geral a que se oferece este trabalho – o de compreender o lugar da tanatopedagogia no Ensino Médio.

Quanto aos objetivos específicos, chegou-se à conclusão de que aqueles que resultariam nas melhores submetas ou etapas intermediárias desta pesquisa que contribuiriam para atingir sua finalidade global seriam: 1. Identificar em que contexto a tanatopedagogia ocorre (ou não) na escola; 2. Inferir em que medida a tanatopedagogia poderia ser aplicada na escola e quais seriam as implicações desse movimento a partir de discussões intermediadas por textos literários; 3. Averiguar os desafios da efetivação da tanatopedagogia nas unidades de educação básica bem como seus prováveis benefícios.

2 COMPREENSÕES TEÓRICAS

A tanatopedagogia, enquanto campo emergente da Educação, ainda carece de maior aprofundamento teórico e metodológico, especialmente no que se refere à sua aplicação na Educação Básica. Embora estudos em Psicologia e Filosofia tenham se debruçado sobre a temática da morte, do luto e da finitude, a produção acadêmica que investiga tais questões sob a ótica da prática pedagógica ainda é incipiente. Ainda mais escassa é a abordagem que vincula a tanatopedagogia ao letramento literário, explorando a literatura como ferramenta essencial para a elaboração simbólica da morte e do morrer no contexto escolar.

Diante dessa lacuna, torna-se necessário um aprofundamento teórico que permita compreender as múltiplas dimensões da morte e do luto, articulando diferentes áreas do conhecimento na construção de um olhar mais amplo sobre o tema. Neste capítulo será traçado um panorama de algumas relações que as temáticas da morte e do morrer estabelecem com determinados campos do conhecimento humano como a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia, a Educação e a Literatura, a fim de se conhecer e elaborar sobre tais interações observando suas origens, ramificações, influências, implicações e perspectivas.

Desse modo, optou-se por subdividir o capítulo em 2.1 Tanatologia & Ars Moriendi – Imbricações, 2.2 A Filosofia no Rastro da Morte, 2.3 Morte e Tabu na Contemporaneidade – Breve Panorama, 2.4 Processos de Perda e Luto na Contemporaneidade Fágica, 2.5 Tanatopedagogia no Ensino Básico Brasileiro – uma urgência em Saúde Mental e 2.6 Tanatoletramento Literário - Reconexão do Indivíduo com sua Experiência, sua Linguagem e sua Humanidade no sentido de oportunizar um vislumbre de como os temas tanáticos se afixam aos nossos dias e sentidos e carecem de ser libertos das amarras do sigilo e censura.

É fato que o ser humano ainda busca, de várias maneiras, revestir-se de certezas. A grande maioria dos seres precisa de uma base sólida, concretude para dar seus passos rumo ao futuro. Pouco fluente em incertezas e flutuações, procura a todo custo fugir do incerto e do acidental. Porém, cedo ou tarde é preciso defrontar a realidade. Em relação a isso Morin (2002) pontuou que

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e ideias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. [...] E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias

e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo [...] (Morin, 2002, p. 30).

Nessa condição, a escola é um ambiente em que desaguam os seres e suas e angústias em relação àquilo que não conseguem apreender, porque de certo modo isolaram-se ou foram isolados de certos conhecimentos ou experiências fundamentais para conseguir enfrentar os desafios da vida sem esmorecer. A morte, o morrer e os lutos pelos quais nossas vidas perpassam ao longo dos anos são dessas entidades às quais certas coletividades tendem a ignorar de forma involuntária ou voluntária na ilusão de manterem-se longe do sofrimento. Assim, nada fica inerte no campo escolar. Com o passar dos dias, meses, anos, repetem-se os episódios de crianças e jovens que se mostram em desequilíbrio e até mesmo convalescentes por conta do irrevogável enfrentamento da morte ou do morrer de um ente ou amigo. Isso se dá pelo fato de que

Diante de uma doença grave e de caminho inexorável em direção à morte, a família adoce junto. O contexto de desintegração ou de fortalecimento dos laços afetivos permeia, muitas vezes, fases difíceis da doença física de um de seus membros. A depender do espaço que essa pessoa doente ocupa na família, temos momentos de grande fragilidade de todos que estão ligados por laços afetivos, bons ou ruins, fáceis ou difíceis, de amor ou de tolerância, até mesmo de ódio. As consequências da experiência da doença alcançam a todos, e a rede de suporte que o paciente tem pode ajudar ou dificultar esse momento da vida [...] (Arantes, 2019, p. 43).

Desse modo, é inevitável que os professores e demais profissionais em educação vejam-se enredados em situações em que seja deles esperado fazer parte de tal rede de suporte. Nestas ocasiões poucos são os profissionais que se mostram preparados para uma escuta ativa, um acolhimento necessário e inclusive para fazer um encaminhamento a profissionais capacitados em assistência à saúde mental. Quando há um profissional disposto (dificilmente capacitado para) a demanda do alunado é atendida, quando não, a demanda emocional é ignorada ou relativizada. Assim, as angústias perduram e o sofrimento pode se agravar, podendo desencadear estados de depressão, ansiedade ou até mesmo gerar outros males. Isso se dá em razão de que

A experiência de ter seu mundo alterado substancialmente após uma perda apresenta ao enlutado a necessidade de recriá-lo, por meio dos significados que podem ser obtidos. Perguntas como 'Por que eu?', 'Como minha vida será daqui para a frente?' e 'Quem sou eu depois dessa perda?' procuram dar novo significado à pessoa e à

sua vida. O primeiro movimento é a tentativa de encontrar esse significado no terreno conhecido, que, porém, se mostra estéril de respostas para a nova situação. É nesse vazio que o construcionismo social ocupa lugar como recurso de enfrentamento ao luto [...] (Franco, 2021, p. 67) .

É imperioso, desta forma, que os profissionais em educação possam letrar-se em tanatologia, para que os meandros da morte, do morrer e dos lutos quotidianos possam fazer parte de seus repertórios, para que possam reconhecer em suas experiências diárias as facetas dessas entidades e poder lidar com as mesmas de um modo mais natural, menos inquietante, bem acolhendo e orientando o alunado no sentido de obter maiores auxílios para o enfrentamento de situações dolorosas que envolvam o passamento, enfermidades ou os mais variados tipos de luto. Em tal contexto, pela sua constituição psíquica em transformação e pelos desafios da passagem da infância para a pré-adolescência e adolescência propriamente dita, o jovem é aquele que pode possuir maior número de exigências a confrontar concomitantemente. Afinal, nas palavras de Kübler-Ross (2017),

[...] naturalmente, a adolescência já é um período difícil em si mesmo. Se a ele se acrescenta a perda de um dos pais, torna-se muito para um jovem suportar. Devemos ouvi-los e deixar que exteriorizem seus sentimentos, não importa se de culpa, ira ou simples tristeza [...] (Kübler-Ross, 2017, p. 184)

Um letramento em tanatologia adequado, empreendido por profissionais sérios, é capaz de despir a morte, o morrer e os lutos das roupagens que os homens costumam lhes dar. Uma revisão da figuração da morte no tempo e no espaço em contraste com as mais diversas culturas é capaz de levar o indivíduo e desvendar um mundo de possibilidades em revista ao seu (não) acatamento dessas entidades. Tais aprendizagens são fundamentais uma vez que

Deve-se tirar a morte da esfera da ausência, aversão, ansiedade e tabu, pela familiarização com a experiência consciente de seus processos. Tal abordagem permite a formatação do programa de educação tanatológica para os trabalhadores das instituições médicas, voluntários, pais e, acima de tudo, professores e pedagogos acadêmicos [...] (Grzybowski, 2009, p. 31).

Para dar conta dessas lides em específico de um modo satisfatório, além do empreendimento no tanatoletramento os profissionais precisam, processualmente, pelas vias da sensibilidade, desenvolver maior compreensão para executar melhor trato para com outros seres humanos. Isso pode ser acionado por meio da

exploração do conhecimento e trabalho com as artes e as ciências sociais e humanas (em consórcio com as demais ciências, logicamente), posto que

[...] literatura, poesia, cinema, psicologia, filosofia deveriam convergir para tornar-se escolas da compreensão. A ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada: vivemos em um mundo de incompreensão entre estranhos, mas também entre membros de uma mesma sociedade, de uma mesma família, entre parceiros de um casal, entre filhos e pais [...] (Morin, 2004, p. 51).

2.1 Tanatologia & Ars Moriendi - Imbricações

*Dona Morte dos dedos de veludo,
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me as asas que voaram tanto!
Vim da Moirama, sou filha de rei,
Má fada me encantou e aqui fiquei
À tua espera... quebra-me o encanto!*

Floribela Espanca *In Sonetos Completos* (1934)

A tanatologia é a ciência que estuda aquilo que essencialmente se relaciona à morte e ao morrer. Nesse viés, temos a morte entendida “[...] como um fenômeno individual e único, um momento em que se encerra a vida biológica. Ela pode ser acompanhada por outra pessoa, mas é vivida apenas por quem está morrendo.” (Araújo; Vieira, 2004, p. 361). Já o morrer é um processo que ocorre ao longo da vida e que precisa ser compreendido existencialmente. Assim, ele pode ser experimentado, mas a morte nunca. Desse modo, o morrer pode ser testado e experimentado tanto por aquele que se aproxima da morte tanto por aqueles que também são atores partícipes desse momento, sejam parentes, amigos, médicos, enfermeiros, psicólogos, religiosos e outros mais que possam se incluir nesse cenário no sentido de colaborar para a “boa morte” do(a) convalescente.

Kovács (2008) explica que, com objetivos de promover encontros de estudos do tema, elaborar materiais para divulgar o assunto, capacitar pessoas para atuação na área e outras atividades no sentido de educar profissionais e sociedades para a morte e o morrer, periódicos e instituições se fizeram e fazem de grande importância, dentre os quais *Omega Journal of Death and Dying* e *Death Studies*, *Association for Death Education* (ADEC), Laboratório para Estudos sobre o Luto na Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo e o Laboratório de Estudos sobre a Morte no Instituto de Psicologia da USP.

Ao longo da leitura do artigo de Kovács (2008), ficamos cientes de que ao universo da tanatologia pertencem muitos temas, estudos, áreas de conhecimento e de aplicação que se relacionam à morte e ao morrer, dentre os quais estariam: os estudos sobre o luto (autorizado e não autorizado); os níveis de consciência de pacientes gravemente enfermos sobre sua doença e a aproximação da morte (consciência aberta X consciência fechada); a determinação exata do momento da morte dada à divisão em duas vertentes (morte clínica X morte cerebral); o estudo da violência presente nas guerras e nas guerrilhas urbanas que geram mortes na maior parte das vezes sem tempo de elaboração pelos indivíduos nelas abatidos; o papel da mídia na naturalização da violência e na banalização da morte dos sujeitos que por ela são destituídos de sua privacidade e personalidade; a produção literária, científica e filosófica sobre os desmembramentos desse trânsito vida-morte; a visão contemporânea da necessidade de capacitar profissionais da área da saúde e até mesmo educação em compreender em maior profundidade o processo de passamento bem como a função e abrangência dos cuidados paliativos desenvolvidos com ética e senso humanitário reais, dentre outros.

Segundo Caldeira (2013), ao longo da história, a morte veio sofrendo modificações, tanto no modo de ser concebida pelas pessoas quanto, conseqüentemente, nos rituais de decesso. Na Pré-história o homem não se dava ao trabalho de enterrar seus mortos. Já o Homem de Neandertal foi o primeiro da linhagem *Sapiens* a enterrar os seus com oferendas e em cavidades abertas em rochas. O homem Cro-Magnon continuou a cultura dos Neandertais em relação aos seus falecidos, mas alterando a posição dos corpos para fazer maior sentido ao seu arcabouço de crenças. A conservação dos corpos surgiria um pouco mais adiante, com o povo egípcio e o seu desenvolvimento do processo de mumificação, cujo legado foi de imensa importância para o desdobramento dos processos de embalsamamento atuais. Já os romanos se firmariam na história como os mentores da arte tumular e precursores, junto aos gregos, da cremação dos mortos.

Contudo, o mais importante desse nosso retorno à linha do tempo, observamos na continuidade da leitura do texto de Caldeira (2013) é o entendimento que podemos ter da relação entre o Homem e a Morte. Na Alta Idade Média (séc. V-XII) “[...] a Morte era mais presente na sociedade, mais ‘domesticada’ e ‘familiar’.

Nesta época o morrer era encarado com muita naturalidade [...]” (Caldeira, 2013, n.p.). A morte em tenra idade junto à baixa expectativa de vida tornava o morrer algo bastante previsível ou até mesmo esperado. Assim, ao seu vislumbre o moribundo pedia perdão por todos pelos seus pecados no intuito de ‘poder seguir para o paraíso em paz’. Nesse período era comum e até esperado que os familiares (até mesmo crianças) e amigos do convalescente estivessem ao seu lado no processo do passamento. Já no período da Baixa Idade Média (séc. XII-XV), há a ascensão da igreja e com isso a perseguição dos ‘infiéis’ pela Inquisição, que os pune com a morte. Neste momento, tanto a literatura quanto as pinturas europeias caracterizavam a morte como “uma figura de horror, medo e podridão” (Caldeira, 2013, n.p.). Nesse ínterim, a morte começa a tornar-se cada vez mais solitária. Famílias e amigos passam a afastar-se do leito do seu parente moribundo para dar lugar aos membros do clero, pois a eles estava relegado o poder de absolver ou condenar as almas viventes. Mas com o surgimento de grandes pandemias passou a ser quase que descabido o clero assistir os convalescentes. Uma grande parte dos membros da igreja fugia para bem longe de onde pudessem se contaminar. Desse modo, segundo Imhof (1996) uma morte solitária seria o único fim aos convalescentes desta época. Assim, surgiram as *Ars Moriendi* – brochuras pedagógicas em xilogravura que ensinariam ao homem, desde sua mais tenra idade, a conduta correta a se ter durante a vida, evitando as paixões, os excessos, o egoísmo, a vaidade e tudo o mais que lhe pudessem ferir moralmente perante Deus Pai. Prestando atenção aos ensinamentos dessas imagens e colocando em prática o aprendizado o homem não precisaria temer a morte nem a morte solitária e poderia contar com ‘a salvação eterna’.

Uma vez na Era Moderna, tanto as famílias e amigos quanto os clérigos dariam mais espaço aos médicos e a morte solitária deixaria de ter o espaço exclusivamente no quarto do convalescente para ter lugar também num leito hospitalar. Foucault (2012) nos recorda que antes do século XVIII o hospital uma instituição assistencial aos desassistidos, um espaço de “separação e exclusão”. O autor compara-o a um “morredouro”, pois as tecnologias cirúrgicas e medicamentosas ainda não tinham fôlego para dar conta de curar como necessário.

Em seguida, no século XIX, “[...] com a expansão do processo de medicalização do social, as famílias passaram a delegar os encargos dos cuidados dos seus moribundos às instituições médicas – então fortalecidas e reorganizadas

[...]” (Menezes, 2003, p. 105). Daí até mais ou menos pouco mais da metade do século XX, “[...] a família e o enfermo foram silenciados paulatinamente. A morte passou a ser ocultada socialmente, tornando-se rotinizada e institucionalizada [...]” (Menezes, 2003, p. 105).

Esse contexto de medo e mudez das instituições começaria a ter seu tom gradativamente alterado da segunda metade do século XX em diante. Menezes (2003) relata que

[...] em contraposição à crescente expansão do poder médico surgiram diversos movimentos pelos direitos dos doentes, a partir da década de 70. As reivindicações abrangem desde o direito de ‘morrer com dignidade’ até a regulamentação da eutanásia.

Tais movimentos acionaram o comando definitivo da engrenagem que moveria os interesses, estudos e ações científicos e clínicos voltados aos cuidados paliativos. Dar voz ao convalescente, bem como possibilitar-lhe autonomia e governança frente ao seu estado de saúde e ‘destino’ são fatores primordiais que se devem levar em consideração quando desse modelo de cuidado. Neste momento, a cura já não é mais perseguida, posto que descartada pela equipe médica. Portanto, dá-se a opção ao paciente de decidir como se dará o seu processo de morrer. Grande parte das vezes, quando há a possibilidade, ele opta por deixar o ambiente hospitalar e passar seus últimos momentos de vida em sua casa, ao redor dos seus familiares, onde lhe será possibilitado o conforto físico desejado de acordo com a capacidade técnica da equipe de profissionais que lhe acompanham, outrossim, despedir-se dos seus queridos.

Na contemporaneidade o sentido e os valores da morte e do processo do morrer não podem mais nos ser furtados. Mas para que possamos experimentar e sentir em toda sua profundidade e riqueza o processo do morrer, seria vantajoso que ao longo da vida pudéssemos pensar na nossa morte, não nos afugentássemos à lembrança de que ela nos será implacável, que a víssemos com naturalidade, que a consentíssemos em nossa natureza.

Para tanto, importante é que nos arrisquemos a viver bem nossa vida, nosso cotidiano, dando atenção às nossas vontades, intuições, abstrações e nos impulsionando em direção àquilo e àqueles que verdadeiramente desejamos/queremos. Assim, ao nos situarmos em nossa atividade de morrer, poderemos lançar mão de certa sensação de plenitude, que conseqüentemente nos concederá tranquilidade necessária a assimilar bem as particularidades do momento

e estarmos inteiros no processo, de modo que possamos arranjar aquilo que ainda não nos parece bem elaborado/acabado em nossa mente e em nossas relações.

Desse modo, quem sabe possamos finalizar nosso devido trecho sabendo em adiantado o que muitos só percebem ao deparar-se com a Morte, e que nos fica claro no seguinte diálogo de um eu-lírico do poeta Mário Quintana (2012, p. 75) com ela: “- *Mas como é que eu te receava tanto/(...)/e como podes ser assim – tão bela?!/Nas tantas buscas, em que me perdi,/vejo que cada amor tinha um pouco de ti...*” Sim, ela, está presente, a todo momento, em todos os múltiplos ciclos e amores aos quais nos entregamos em profundidade. Aplicando essa sabedoria aos nossos dias, daremos conta da arte de morrer pelo caminho menos doloroso: o da *Ars Vivendi* (Arte de Viver). Tão somente assim poderemos, quem sabe, como na poesia, entoar esse belo canto final: “*Fecha-me os olhos que já viram tudo!/ Prende-me as asas que voaram tanto!*” (Espanca, 1934, p. 172)

2.2 A Filosofia no Rastro da Morte

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, ir para o trabalho, quatro horas no escritório ou fábrica, almoço, trabalho, jantar, sono, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado. Um belo dia surge o por quê?” e somos tomados por uma fadiga assombrosa. A fadiga de uma vida maquinal inaugura um movimento da consciência.

Albert Camus *In O Mito de Sísifo* (2013)

A consideração e o amor ao destino, *amor fati*, eram características dos filósofos estoicos, cujo principal precursor fora o filósofo Lucius Annaeus Seneca. Pregavam a ataraxia, isto é a indiferença frente àquilo que não se pode alterar, tal como a velhice, as catástrofes naturais e inclusive a morte. Remetendo a esta última, o filósofo paranaense Mário Sergio Cortella (1996), em seu artigo especial para a Folha **A Morte Inexorável, uma Evidência Recusada** cita que

[...] o filósofo romano Sêneca, contemporâneo do nascimento do cristianismo, diz em uma de suas ‘Cartas a Lucílio’, que ‘a hora final’, quando cessamos de existir, não nos traz a morte; ela simplesmente completa o processo de morrer. [...] Nós alcançamos a morte naquele momento, mas já estávamos há muito tempo no caminho [...] (Cortella, 1996, n.p.).

E na sequência Cortella nos coloca a seguinte questão: “Ora, se assim é, por que nossa recusa em aceitá-la?” (Cortella, 1996, n.p.).

Essas e outras questões relacionadas ao passamento humano na terra figuram na história da filosofia como que a demonstrar a densidade e a intermitência de nossas inquietações frente a este fenômeno que ainda não podemos perscrutar em sua inteireza. Desde a antiguidade até a pós-modernidade estamos envoltos nesta névoa existencial fremente e ao mesmo tempo instigante que insiste em nos ocultar aquilo que deveríamos ter por direito natural conhecer: os desígnios da morte. Assim sendo, quando ignoramos o tema por medo de ter que admitir nossa vulnerabilidade frente à morte, buscamos nas mais variadas expressões humanas sinais e possíveis entendimentos do que possa ser e revestir o corpo obscuro dela. Neste contexto, a filosofia nos munuiu sobremaneira, por meio de valorosos raciocínios, de possibilidades as mais diversas de observar este aspecto da vida. Sim, porque a morte não é uma cisão dela, mas um complemento da mesma.

No item 3 de **Carta a Meneceu**, Epícuro (1997, n.p.) delega: “[...] acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo o bem e todo o mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações”. Para este filósofo, a morte nada significaria e o entendimento de sua insignificância possibilitaria aos homens sábios a fruição da vida efêmera, ainda mais pela eliminação do desejo de imortalidade. Reportagem da revista **Nova Escola** (2018) pontua que

[...] um dos grandes méritos de Epícuro foi ter contribuído para libertar as pessoas do medo - sobretudo, da morte. Ao considerar o ser humano como uma entidade coesa, formada por um conjunto de átomos em movimento, Epícuro concebe o fim da vida como um processo tão inevitável quanto natural, descrito como a simples dissolução dessas partículas elementares - que, mais tarde, se reunirão novamente, dando origem a outros seres [...] (Nova Escola, 2018, n.p.).

Outro filósofo que deixa um manual de coragem ao homem frente à morte é Sócrates. Seu discípulo Platão, no tomo XV de **Apologia de Sócrates**, colocou a seguinte afirmativa na voz do mestre:

[...] não estás bem, meu caro, se acreditas que um homem, de qualquer utilidade, por menor que seja, deve fazer caso dos riscos de viver ou morrer, e, ao contrário, só deve considerar uma coisa: quando fizer o que quer que seja, deve considerar se faz coisa justa ou injusta, se está agindo como homem virtuoso ou desonesto [...] (Platão, s.d., n.p.).

Mais adiante, ele que não era um materialista, no tomo XVI assinala:

Ó cidadãos, o temer a morte não é outra coisa que parecer ter sabedoria, não a tendo. É de fato parecer saber o que não se sabe. Ninguém sabe, na verdade, se por acaso a morte não é o maior de todos os bens para o homem e entretanto todos a temem, como se soubessem, com certeza, que é o maior dos males. [...] Eu, por mim, ó cidadãos, talvez nisso seja diferente da maior parte dos homens, eu diria isto: não sabendo bastante das coisas do Hades, delas não fugirei. (Platão, s.d., n.p.).

Sócrates cria em vários deuses e, particularmente, vislumbrava a imortalidade da alma. Atentando-se também para uma relação do homem com o transcendente o filósofo dinamarquês Kierkegaard desenvolveu uma filosofia alicerçada na fé. Para ele o ser seria resultado de uma síntese entre finito e infinito e para viver em plenitude esses dois polos deveriam estar equilibrados. Kierkegaard observou que o desespero era um fator afixado à vida humana e que a existência seria um campo de “superação das contradições constitutivas do próprio ser”, como coloca Amorim (2014, p.14). Sobre esse desespero, Kierkegaard (2003, p. 27 *apud* Amorim, 2014, p. 14) esclarece que,

[...] da mesma forma como provavelmente não haja, segundo os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio de uma eventualidade exterior ou receio de si mesmo.

Segundo Amorim (2014), para Kierkegaard (2003) esse citado desespero seria nada mais nada menos do que “a falta de realização da existência”. Por outro lado, “[...] o nome que se dá para uma realização correta da existência é fé no sentido de um deixar-ser engajado, responsável na dialética do deixar-se ou dar-se no horizonte da liberdade concedida por Deus [...]” (Amorim, 2014, p.14).

Durante a vida o homem se faz um desesperado, pois diante das agruras da terra oscila em sua fé, não consegue sua plenitude por estar em maiores ou menores graus separado de Deus. De acordo com Guarnieri (2009, p. 67), na visão de Kierkegaard,

[...] quem desespera não pode morrer; é a consciência da presença da morte e não a morte concreta. ‘Viver a morte’ se vive em um só instante e se vive eternamente. No desespero, o morrer continuamente se transforma em viver, e o desespero ‘devora a eternidade do Eu’, que é o que sustenta o Eu [...]

O homem desesperado de Kierkegaard pode ser de certa maneira associado àquele que mergulha no absurdo camusiano, “caracterizado pela condição humana no mundo”, segundo Bispo e Rosa (2013, p. 19). Nesse contexto, os autores salientam que para Camus a questão filosófica primordial “[...] é saber se somos obrigados a viver conscientes da absurdidade existencial ou se o suicídio é coerente com o absurdo.” (Bispo; Rosa, 2013, p. 19). Afinal, “[...] a perceptibilidade do homem perante a sua existência pode levá-lo a repudiar a própria vida [...]” (Bispo; Rosa, 2013, p. 23).

Contudo, diferentemente de Kierkegaard, Camus repudia o enfrentamento do amargor existencial pelo mergulho num escapismo religioso. Para ele o homem deve enfrentar seus óbices com coragem e raciocínio ativos (sem apego a uma possível salvação pelo imaterial que incertamente lhe acolheria a alma após a morte) e durante sua caminhada ele irá tornar-se mais consciente do sentido de sua luta: sua existência. A resposta às suas angústias e ao seu clamor por felicidade não estará naquilo que se alcança ou poderá alcançar, mas na própria caminhada, nesse movimento constante de se lançar aos desafios quotidianos.

Outro filósofo que teorizou em defesa da autonomia do homem frente aos desígnios de seu próprio destino, o que diretamente interferiria em seu modo de viver enfrentar o morrer e a morte, fora Feuerbach. Segundo Pessanha (2018), “[...] o filósofo de Nuremberg compreende que o único ser divino que existe é o próprio ser humano, mas o medo e o sofrimento levam esse homem a acreditar na existência de um ser onipotente que o ajudará a suplantar toda essa dor [...]” (Pessanha, 2018, p. 22).

Feuerbach fez duras críticas à ‘teologização da filosofia’. A respeito disso, de acordo com Lira (2018, p. 27), Feuerbach, “[...] além de acusar a filosofia de Hegel de teologia, propõe que se reverta a teologia em antropologia, pois só assim se funda uma filosofia que se volta para o objeto mesmo do filosofar, o homem [...]”.

Essa ‘realocação’ da filosofia ao atendimento de sua real função auxiliaria o homem no rompimento de sua relação com entidades abstratas. Desse modo,

O homem recupera sua autonomia, toma a si como parâmetro comportamental e finalmente liberta-se da alienação imposta pelo dogmatismo da teologia. O gênero humano, enquanto categoria material, torna-se, pois, autossuficiente e capaz de buscar sua felicidade sem temer limitações, uma vez que é consciente de que seu gênero é ilimitado para ele mesmo, ou seja, pode viver o aqui

livremente, sem preocupações com normas morais que antes o restringia. Nesse estágio, não sonha em viver uma realidade perfeita em outro mundo, mas vive-la agora, neste mundo. Não despreza seu corpo, nem inferioriza sua essência, porque é capaz de reconhecer-se perfeito em si mesmo [...] (Lira, 2018, p. 40)

Em seu artigo para a revista **Vida Simples** intitulado “As 7 Vantagens do Pessimismo” a jornalista e especialista em filosofia Margot Cardoso (2020) faz uma breve revisão da filosofia dita pessimista e afirma que “na perspectiva de Arthur Schopenhauer, ‘a vida é um processo constante de morrer’ [...] Viver é sofrer, com pequenos instantes de felicidade. Para o filósofo, a vida é dor, efemeridade e miséria e a única saída é esperar o repouso do nada [...]” (Cardoso, 2020, n.p.)

A partir dessas suas perspectivas, em que o morrer se faz incessante durante a vida humana e esta se mostra um ambiente mais desolador que dado a alegrias, Schopenhauer

[...] defende o direito ao suicídio como uma eutanásia, mas alerta o agente para o fato de que somente pela via do ascetismo encontrará a paz que tanto busca. Mas se o suicídio não soluciona o problema da existência, e a vida é uma mercadoria ruim, um pesadelo, um verdadeiro inferno onde o homem é o diabo do outro, seria a felicidade uma quimera? Para o pensador, sim. Porém isso não implica que não se possa viver bem. Nos Aforismos Para a Sabedoria de Vida o filósofo oferece uma série de alternativas para se contornar o problema do sofrimento, dentre eles se destacando a prudência e a serenidade, de modo a se viver da melhor forma possível, não da mais desejável: O prudente aspira não ao prazer, mas à ausência de dor [...] (Santos, 2010, p. 31).

Posto isso, é possível observar que até mesmo um filósofo pessimista fora capaz de buscar alternativas para que os dias de dor e frustração humanas pudessem ser atenuados na terra de modo que os indivíduos pudessem conviver em maior e melhor harmonia com seus diversos morreres ao longo da vida e até mesmo com a derradeira morte, tornando por consequência suas próprias vidas passíveis de momentos de alegria e satisfação. Apesar de muitos indivíduos ficarem deleitados e saciarem-se constantemente na sabedoria de Schopenhauer e outros filósofos para compreender e encarar melhor suas questões, a maior parte da comunidade humana na terra ainda insiste em manter a morte e o morrer como entidades ocultas em sua linha do tempo. É como se ao simplesmente pronunciar seus nomes já as estivesse atraindo para si mesma e isso a apavora em demasia, pois acredita não dar conta de lidar com as suas faces. Exemplo disso foi dado por Cortella (1996) ao discorrer que

As crianças, antes de serem por nós adulteradas, têm por hábito mencionar a morte dizendo: ‘Quando eu morrer...’, ‘quando você morrer...’ etc. São corrigidas rapidamente pelos adultos, de modo a substituírem o advérbio de tempo por uma conjunção condicional: ‘Se eu morrer’, ‘se você morrer’ etc., como se a alteração morfológica mudasse a substantividade do fenômeno e afastasse a ocorrência. (Cortella, 1996, n.p.)

Todavia, a anúncio da *Coronavirus Disease* em 2019 – COVID19 – pela Ciência e o decorrente cenário pleno de dificuldades de controle do seu espalhamento pelo mundo e gerador de morte em massa em países como E.U.A., Brasil e inicialmente também Itália bem como em outros países europeus, tem tornado a morte um fenômeno impossível de se dissimular. Por mais que se queira é quimérico não ouvir ao menos falar de amigos ou parentes de amigos próximos que tiveram seu passamento por conta da doença. Atento a essa conjuntura, Cortella (2021, n.p.) salienta que “[...] a consciência da nossa mortalidade ficou muito mais evidente na pandemia. Algumas pessoas esquecem de que a morte não é uma ameaça, mas uma advertência de que não somos infinitos.” Em adendo à sua reflexão, propõe que

[...] temos de cuidar para que a vida que temos, enquanto a temos, não seja banal, inútil, fútil, descartável. De modo algum, entendo a morte como ameaça. Ela é apenas uma condição de qualquer ser vivo. Nesse sentido, é preciso entender que esse perigo não significa uma impossibilidade de enfrentá-lo. Viver é perigoso, mas enfrentar o perigo é preciso [...] (Cortella, 2021, n.p.).

Àqueles que se negam a ouvir as indicações de Schopenhauer pela não afinidade com algum aspecto de sua biografia ou filosofia, pensadores munidos de boas propostas para que o homem consiga vencer seus temores quanto à morte e ao morrer não faltam à história da filosofia. Epícuro *in Carta a Meneceu*, item 10 (Sobre a Felicidade) indicou certo tipo de meditação:

[...] medita, pois, todas essas coisas e muitas outras a elas congêneres, dia e noite, contigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens. Porque não se assemelha absolutamente a um mortal o homem que vive entre os imortais [...] (Epícuro, 1997, n.p.).

Essa reflexão ativa é de fato peça chave no processo da dissolução de ansiedade, pânico, depressão e inclusive outras síndromes ou transtornos

relacionados às vivências e imagens da morte e do morrer que concebemos. Nesse viés, Buchard (2012) coloca que

Montaigne concebe que a constante representação mental da morte, do momento infinitesimal que antecede este momento, do “processo de morrer” e da morte já presente no momento do nascimento faz com que nos acostumemos com essa realidade, livrando-nos do medo pela familiaridade com este momento. A constância demonstrada no ato da morte, para Montaigne, só é possível se ao longo de toda sua vida a pessoa refletiu sobre essa questão [...] (Buchard, 2012, p. 127)

Com base nessa sintética amostragem de teorias filosóficas que abrangem os temas da morte e morrer é possível afirmar que foram e são muitos os mestres filósofos que se puseram e se põem a investigar o motivo e a razão de tudo aquilo que envolve e faz parte da vida humana na terra – inclusive o próprio homem – e não se furtaram ou se furtam, portanto, de investigar os temas em destaque. Por conta disso, na atualidade temos uma gama de teses as mais diferentes e complementares possíveis sobre esses dois elementos também componentes do viver.

Portanto, ao indivíduo cabe absorver esses ensinamentos/orientações e, de acordo com as suas próprias ideologias e vontades, selecionar os mais favoráveis como ferramentas que poderão encaminhá-lo a uma vivência mais saudável e tranquila com as alegorias da morte e os exercícios de morrer que se mostrarão em sua vida. Assim terá o melhor suporte para encarar a iminência do seu passamento quando este se der – o suporte de si mesmo.

2.3 Morte e Tabu na Contemporaneidade – Breve Panorama

Só os que padecem um extremo infortúnio estão aptos a usufruir uma extrema felicidade. É preciso ter querido morrer para saber o que vale a vida.

Alexandre Dumas *in* **O Conde de Monte Cristo**

A morte em nossa sociedade atual é tabu – rejeitada e ocultada das mais variadas formas; diferentemente do sexo, que ao longo do tempo veio ficando menos cerceado, a ponto de o tema até ganhar programa televisivo na maior rede de televisão do Brasil *Amor e Sexo*, apresentado pela atriz Fernanda Lima. O maior despudor na atualidade é a morte, que se mostra proibida em discursos manifestos.

Nos hospitais ninguém é autorizado a anunciar que alguém morreu – é preciso utilizar-se sempre de um eufemismo ‘veio a óbito’, o que corrobora com a atitude dos familiares: ‘descansou’, ‘foi com Deus’, ‘cumpriu sua missão’, ‘dormiu o sono dos justos’.

Dentre o local do passamento até o necrotério a maca que sustenta o corpo sem vida é coberta por um pano branco, como que a negar que ali não haja mais vida; e toma-se um elevador de serviço, para não ‘chocar’ o visitante do hospital com a ideia da possibilidade de que alguém próximo de si (ou si mesmo) possa também morrer tão brevemente. Espera-se que ninguém chore copiosamente, desmaie ou entre em desespero com o passamento do seu amigo ou ente querido. A morte se mostra ausente no luto das roupas e os velórios na contemporaneidade em sua maioria se fazem nas capelas mortuárias instaladas já no interior dos cemitérios, donde não é possível mais executar um cortejo fúnebre que passe pelas vias das cidades a fim de promover uma despedida pública ao morto.

A crescente aceitação da cremação nos últimos tempos é mais uma atitude do homem que demonstra esta sua busca por uma alternativa que lhe possibilite abandonar a vida de modo rápido, poupando a si e aos demais das exéquias, como que para jamais ser associado a finitude. Por fim, desqualificar o luto do outro em todas as suas etapas se faz uma constante em nossas comunidades, uma vez que a tristeza, a melancolia e a depressão não podem figurar numa sociedade em progresso.

No campo dos valores, a economia de mercado postula que é necessário ser feliz e mostrar-se feliz a qualquer custo. Além do mais, é preciso estar sempre bem e disposto para também contribuir com a felicidade coletiva. Nessa sociedade capitalista você precisará estar sempre apto a comprar/adquirir bens duráveis ou não duráveis para demonstrar que é digno, pois a dignidade aqui se resume a conseguir produzir e consumir. Desse modo, os moribundos e os idosos sofrem interdição, são invisibilizados, pois se aproximam da morte e já se encontram em um estado em que não conseguem produzir mais nada segundo a ótica mercadológica.

Lógica em primeiro lugar – a visão biológica da vida e da morte é o que predomina – o sentimento de onipotência humano reprime o processo natural de morrer. Mesmo quando com possibilidades mínimas de restabelecimento do doente, é preciso curá-lo, ressuscitá-lo, até que se compreenda minimamente que à frente de si está um doente terminal. Neste momento ele é alocado em um quarto de

hospital onde um novo modelo de morte se faz – a ‘morte aceitável’ – um modelo no qual a equipe médica em acordo com a família do paciente decide os procedimentos a serem tomados para ‘aliviar as dores’ do paciente, o que na maior parte das vezes simplesmente o deixa dopado sem conseguir estar consciente de nada que está se passando em seu entorno e o impede de ser sujeito do seu processo de morrer. Contudo, isso evita a dita ‘morte embaraçosa’, aquela que foge dos domínios da equipe médica.

Nesse contexto, os mitos e os ritos não são mais explorados. As metáforas e a poesia são banidas das manifestações, que são agora pomposas, discretas e simplistas. Assim, o homem não consegue mais formar representações significativas da morte e, por consequência, nem mesmo da vida. Finge-se que se sabe o que é viver em plenitude, mas os significados esvaziados abrem espaço a um vazio existencial difícil de ser preenchido, já que isso prescinde de autorreflexão, autoconhecimento e, em alguns casos de terapia, para que se possa iniciar o processo de autossignificação e encontrar um sentido de ser ao seu viver.

Diante deste autoengano, o que se precisa veicular na televisão e em outras mídias são ‘imagens significativas’ da vida, da juventude, da criação e da manutenção constante de todas as coisas. Dificilmente mostra-se algo que traga a finitude à reflexão nos meios de comunicação em massa, pois a morte não vende e reflete-se nesses meios a crença geral de que ‘espanta a felicidade’ ou ‘atrai desgraça’. Contudo, como gera grande ibope, por possibilitar algum ganho emocional ou simbólico ao telespectador, a violência exacerbada que leva à invalidez e até mesmo à morte é também muito veiculada por esses meios. Estes dois extremos apresentados de forma velada, obedecendo à cartilha dos patrocinadores e sem abertura em programas midiáticos sobre o porquê de ser dessas realidades e a exaltação das mesmas nas programações faz com que o homem comum se sinta angustiado, ansioso e até mesmo deprimido ao longo de um tempo médio de exposição desproblematizada às notícias corriqueiras. Como fugir de tanta desgraça, viver tantos desafios, dar de cara com a dor em cada esquina e manter um sorriso no rosto 24h por dia?

Em seu precioso artigo **O Tabu Frente ao Problema da Morte**, a doutora em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas, Wilma da Costa Torres (1979), coloca que, diferentemente do modo mecânico de apresentar o universo tanatológico, segundo Edgard Morin, a Literatura e a Filosofia jamais abandonaram

as narrativas, questionamentos e investigações ricas em relação ao tema. Por outro lado, outras áreas da expressão e do saber humanos por muito tempo se mostraram alheias ao trabalho de esmiuçar o tema e buscar respostas, mesmo que vagas, as possíveis, para as questões, refletindo a interdição até mesmo nas produções acadêmicas e, por conseguinte, fundando um atraso clínico-social em relação ao trato com as questões da morte e do morrer. Essas repressões das expressões que impedem aprendizagens têm sido nas últimas décadas.

Dando continuidade à leitura do artigo, observa-se pelas palavras de Torres, a ponderação do historiador medievalista Philippe Ariès de que tanto ele quanto o sociólogo Geoffrey Gorer se questionavam “[...] se grande parte da patologia social de hoje não teria sua origem na expulsão da morte da vida quotidiana.” (Torres, 1979, p. 56). Esse questionamento se dá frente à observação da existência de um homem ainda hoje muitas vezes quase tão violento quanto o homem dito ‘das cavernas’. A **inadequação do conceito de morte** que prevalece nas sociedades neoliberais atuais faz com que o homem transcorra sua vida sem se autossignificar, uma vez que vive efetuando esforços diários para jamais perecer, mostrar-se sempre bem e satisfeito, sem se dar espaço para lamentar, sem aceitar suas doenças, nem se fale da sua possibilidade de morrer; e, assim, em seu viver se mostra represador de sentimentos e emoções que mais adiante não conseguirá mais controlar, já que desconhece a si mesmo. Esse ser, limitado em simbologias e que foi política e socialmente usurpado da possibilidade de tomar consciência de si, de suas possibilidades e fraquezas, é o psicologicamente marginalizado que logo veremos nos noticiários como marginal encarcerado. Não se dá conta de que o cárcere já o tinha muito antes.

Nesse contexto, em que o homem é cerceado pela economia de mercado (nutrida por banqueiros e políticos de pouca ou nenhuma ética) de se ver como mortal, de poder se ver inclusive como fraco ou incapaz em certos momentos/situações ou, ainda, de sua capacidade de viver um luto em plenitude pelo passamento de alguém querido, faz-se bastante pertinente o juízo do intelectual Jean-Marie Domenach, descrito por Torres (1979, p. 58):

Domenach (1976, p. 417) acha difícil que uma sociedade que coloca os indivíduos abaixo da instituição possa ter alguma contribuição a dar em relação ao tema da morte. Segundo este autor, ‘a elaboração do luto permanece incompleta quando nem a comunidade, nem a fé, nem a festa estão presentes para ajudá-la’.

Assim, o homem deficiente de uma autoconsciência e embotado em sua aptidão de estabelecer empatia frustra-se com facilidade e constância e pode vir a apresentar uma série de problemas psíquicos e sociais que lhe fazem bastante distante de um estado de felicidade.

Frente a isso, necessário é que os homens um pouco mais despertos recuperem os mitos, os ritos, rituais, a poesia, as pérolas da filosofia clássica e façam cada vez mais a difusão de teorias, ideias e reflexões libertadoras do ser humano das amarras desta sociedade limítrofe, positivista, meritocrática e gananciosa que tanto lhe asfixia e desqualifica quando a questão é produzir seu próprio raciocínio crítico, ser financeiramente merecedor de uma vida digna e ter expressões naturais/espontâneas nas relações interpessoais. Esforços de resgate nesse sentido já têm sido feitos por muitos, mas é preciso ampliar esforços. Afinal, apenas uma transformação nesse nível é capaz trazer o homem coisificado à luz do seu autodomínio.

2.4 Processos de Perda e Luto na Contemporaneidade Fágica

*A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.
(...)*

Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Feçam-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.

Dalton Trevisan – **Uma Vela para Dario** In Cemitério de Elefantes (1972)

Os mais diversos meios de entretenimento da atualidade ainda evidenciam a imagem da juventude e da beleza física como ideais a serem perseguidos e mantidos a todo custo. Nesse contexto, não há espaço para o exercício da tranquilidade frente ao envelhecimento, da naturalidade e da aceitação frente à morte e ao luto; afinal, idosos não produzem mais nada pela sua força de trabalho,

mortos não compram e os enlutados precisam ficar isolados – estes perfis chocam com o perfil do *workaholic*, do jovem hiperconsumista que sai por aí se esbaldando em festinhas e *lives* do *YouTube*, que nunca se deprime, já que é preciso ‘se manter positivo’ (a todo e qualquer custo!).

Nesta levada de ter que se manter ‘sempre bem’, sem ir a fundo no entendimento do sofrimento e de sua diferenciação de uma depressão, a sociedade se impõe que chorar não faz bem, que é ruim melancolizar, que ‘*rir é o melhor remédio*’ e outros clichês dos tempos modernos. ‘*Não envelheça, não morra, não surte, não abrace seu próprio luto*’, ‘*Apenas espaiреça e volte quando estiver com um sorriso aberto, pois é isso o que queremos ver!*’ Aqui os fármacos estão sempre disponíveis para ajudar. ‘*Para que viver a dor da perda se você pode anestesiá-la?*’, ‘*Já deu, acabou!*’, ‘*Vida que segue!*’. Mas a que preço? Com o tapete turbinado da mais grossa poeira existencial debaixo de si, de um ‘lodo’ que não se compreende, porque ninguém se debruçou sobre ele para entendê-lo, aceitá-lo e transformá-lo.

Nesse quadro de plena impessoalidade e aridez fraternal muitas das vezes o luto é invalidado e o enlutado segue com pouco ou nenhum suporte social, o que é considerado um fator de risco para o luto complicado. Segundo Bousso *et al.* (2014, p. 175),

[...] um estudo realizado com a aplicação de 1.304 questionários, em todas as capitais do Brasil, ao perguntar: ‘qual deve ser o comportamento de uma pessoa em trabalho de luto?’, obteve 77,6% das respostas indicando a discrição como desejável. Em outra questão do estudo: ‘Qual deve ser o comportamento de um indivíduo que mantenha vínculos de amizade, de trabalho ou outro com o enlutado?’, 72,01% responderam: ‘não importunar’ e somente 18,71%, ‘dar apoio’ (Koury, 2003). Tal autor aponta que a sociedade brasileira urbana é caracterizada pelo refreamento das ações de partilha e expressão do sofrimento; mascaramento do morrer; distanciamento em relação ao morto e aos enlutados; receio social de contaminação em relação à dor do enlutado e vergonha de estar enlutado.

Aos idosos, essa situação de desamparo no luto pode ser ainda mais comum, já que muitos dos seus já faleceram, impossibilitando a presença amiga que ouve os lamentos, entende o choro, oferece um ombro acolhedor na aflição.

Em contraponto a isso, a *Internet* tem se mostrado uma expansão do espaço *off-line* – nela questões relacionadas à vida e à morte se inseriram e o suporte social necessário pode advir dali, de conhecidos ou até mesmo ‘estranhos’. Em seu artigo, Bousso *et al.* (2014, p. 176) afirma: “[...] acreditamos que as novas tecnologias e

práticas interacionais aproximam a comunidade do enlutado, e a rapidez na qual os comentários fluem, resulta em um acolhimento quase que imediato do enlutado".

A comunidade virtual tem feito grande parte da escuta e acolhimento dos que de algum modo se encontram absorvidos pelo luto; essa doação à escuta ativa e muitas vezes ao reencorajamento para a vida estabelecidos pelos internautas é bastante valorosa; contudo, se maior que as medidas de acolhida estabelecidas pelos que se lhes encontram próximos no plano material, alguma coisa não anda muito bem. Assim, podemos concluir que projetos de educação para a morte e educação para o luto (difundir conhecimentos a respeito desse fenômeno e das necessidades do enlutado) são indispensáveis para que as pessoas se conscientizem da necessidade de enxergar os enlutados e de fazer parte de um sistema dinâmico de amparo.

Os rumores e testemunhos dos enlutados fazem parte das medidas de elaboração. Portanto, importante se faz ouvir suas narrativas. Porém, na sociedade neocapitalista em que nos alçamos à aventura da sobrevivência e da significação do ato de ser e estar neste mundo, os silêncios à nossa volta ampliam-se e é comum nos vemos emocionalmente desabrigados. Para amenizar esta situação de negligência, pela qual passam muitos dos que cultivam o luto, civis, ONGs e associações de pessoas em prol de uma causa comum oferecem todo amparo possível. Segundo Caniato e Faustiloni (2019, p. 7-8) "[...] os movimentos sociais que promovem a escuta da narrativa dessa experiência servem à construção simbólica que coloca o sujeito em movimento, em busca de representação, por conseguinte, em movimento em direção à vida."

Tal auxílio é sobremaneira essencial e traz em si circunscrito os ícones do amor e da compaixão – algo detectável apenas no comportamento daqueles que se veem congregando em uma comunidade de fato, na qual o vivido e sentido pelo outro é parte de si mesmo.

Essa tomada para si do entendimento da dor do outro enquanto de uma responsabilidade coletiva tem se mostrado nos mais diversos contextos: quando da perda de um filho prematuro ou abortado, quando do luto invalidado do(a) cônjuge numa relação homoafetiva ou transexual, quando do luto por vítima de violência, suicídio, desaparecimento de entes queridos nos porões da ditadura e outras mais situações de perda factual ou presumida. Nessa conjuntura, em relação às mortes reais ou presumidas por conta de violência ou tortura, mostram-se usuais as

manifestações públicas de ordem material ou imaterial a serviço da manutenção da memória do indivíduo morto ou em busca do impulsionamento de pressão popular por justiça. Isso porque, de acordo com Hallam e Hockey (2001 *apud* Grisales, 2016, p. 85) “[...] a vida social das pessoas pode persistir, além da morte, nos objetos materiais que são metáforas e metonímias associadas à criação da memória. Os objetos, assim, são o veículo para a comemoração, o elo entre a vida e a morte.”

Dos objetos mais costumeiros, não somente no Brasil como mundo afora, destacam-se os memoriais *online* e os altares espontâneos erigidos no ou próximos a local associado à morte daquele(a) que está tendo a memória mantida no alicerce deste objeto. Sobre a dimensão deste último, temos que

[...] a criação de altares propiciou a expressão das narrativas de luto por meio das quais foi possível tornar público o sofrimento. Narrar, compartilhar com os vizinhos e expressar-se, ainda que de modo sutil, geraram uma experiência compartilhada da dor. Esse espaço permitiu, em alguns casos, a construção de um relato comum sobre o evento; a experiência deixava de ser individual e passava a ser intersubjetiva [...] (Grisales, 2016, p. 99).

A dinâmica desse processo de escuta ativa, amparo e manutenção da memória, em contexto de luto se faz essencial para que aqueles que ficaram possam seguir adiante com qualidade de vida; afinal, na contemporaneidade, nestas eras fágicas, em que a humanidade do ser tende a ser digerida pela cultura de mercado e a liquidez das relações, fundamental é que se restabeleçam valores e sentidos imperiosos como os da solidariedade, justiça e reponsabilidade socioafetiva.

2.5 Educação para a Morte na Educação Básica Brasileira – uma Urgência em Saúde Mental

*Lá de cima dava para ver o lago.
Tão tranquilo – e tão solitário.
‘Vai ser assim quando eu estiver morto’, pensou o pato.
‘O lago, sozinho, sem mim.’
Às vezes a morte podia ler pensamentos.
‘– Quando você estiver morto, o lago também não vai estar mais lá, pelo menos não para você.’*

Wolf Erlbruch *in* **O pato, a morte e a tulipa** (2009)

Não raro evitado pelas sociedades humanas, envolto em tabus, o tema da morte se faz certo na vida de todos nós, posto que todos a encararemos em algum

momento. Embora essa seja uma garantia, discussões sobre o assunto, bem como sobre o adoecimento, o morrer e os lutos, dificilmente são realizadas, de modo específico, na educação brasileira. Diante disso, deparamo-nos com uma situação de despreparo, tanto no que tange aos trabalhadores em educação, como no que se refere à instabilidade emocional dos educandos para lidar com estes tópicos quando vivenciados na prática cotidiana. Essa lacuna cria campo fértil para o desencadear ou agravamento de problemas de saúde mental como depressão, ansiedade e automutilação. Assim, a urgência na inclusão da tanatopedagogia nos currículos escolares se mostra de significativa importância com vistas à promoção do bem-estar psicossocial dos educandos.

Feitas tais considerações iniciais, acredita-se que o desvelamento do tema da morte, do morrer e dos lutos nos currículos escolares deva ocorrer de maneira progressiva, efetiva, mas também afetiva, tendo-se em vista que uma melhor compreensão do processo viver-morrer, atrelada às mais variadas realidades, possa nos auxiliar a pensar novas abordagens em educação, priorizando o desenvolvimento integral do alunado e trazendo à tona a emergência do acolhimento de suas tristezas/angústias, auxiliando ainda na prevenção e posvenção ao suicídio e à autolesão. Nesse sentido, atentar para os mais diversos clamores de professores e alunos, buscando trazer à luz algumas das propostas/indicações/reflexões de profissionais/filósofos/estudiosos que se debruçaram sobre o estudo do universo tanático parece de suma relevância no intuito de se caminhar em direção a uma estratégia de construção de uma educação preocupada com a inclusão, a integralidade de cada sujeito e que atenda aos direitos humanos.

Uma educação tanatológica talvez possa auxiliar alunos e trabalhadores em educação no desenvolvimento de ferramentas para lidar com situações-limite, sem a exasperação e o desalento habituais. Kovács (2008) descreveu essa educação como

[...] a que se faz no cotidiano, envolvendo comunicação, relacionamentos, perdas, situações limites, nas quais reviravoltas podem ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento. Está calcada nos questionamentos, na procura do autoconhecimento, na busca de sentido para a vida, o verdadeiro sentido de aprendizagem significativa. Nunca se trata de dar receitas, respostas simples, padrões, normas ou doutrinação, é a busca do sentido para toda a existência [...] (Kovács, 2008, p. 466)

Assim, a tanatopedagogia, longe de ser fechada, possui abrangência ao tratar de questões existenciais que auxiliam para que as pessoas reflitam, com maior profundidade e de forma mais pessoal, sobre temas diversos tais como viver bem, recuperar-se, lidar com o sofrimento, a finitude e seus significados. É nessa linha de raciocínio que Grzybowski (2009, p. 31) pontua que

[...] a educação para a morte é, na verdade, educação para a vida. O pensamento que permeia a educação não se restringe completamente ao período decadente da existência humana; às circunstâncias do morrer, à morte como estágio terminal ou ao que vem depois. Não importa se envolve aquele que está por morrer ou os que passam por ela e sobrevivem. Esta categoria conceitual compreende tanto a doença quanto o sofrimento, que acomete as pessoas de todas as idades. [...] Este tipo de abordagem permite-nos levar a questão da tanatopedagogia para além dos aspectos escatológicos, paliativos ou gerontológicos [...]

A educação tanatológica é benéfica, ofertando formas de lidar com perdas inevitáveis de um modo menos exasperado e mais consciente, além de fornecer um maior entendimento sobre o processo do luto. Conforme Franco (2021), o luto configura-se como “[...] processo de construção de significado em decorrência do rompimento de um vínculo. É processo porque implica mudança, elaboração, movimentos para frente, para trás, para os lados. Implica ser dinâmico, não estático [...]” (Franco, 2021, p. 24).

Crianças e jovens processam o luto de acordo com seus próprios recursos. Em razão de que cada fase da vida possui suas especificidades, cada qual vive as situações de perda de formas bastante diversas. O infante, por exemplo, costuma ter maior proximidade com os pais e ser mais estimulado a manifestar suas emoções durante as séries iniciais. O jovem, por sua vez, na ânsia por maior independência/autonomia, aparenta mais afastado dos seus responsáveis, mostrando-se, por vezes, arredio. Além disso, com o passar do tempo, a escola vai deixando de incentivá-los a compartilhar seus sentimentos e impressões pessoais, uma vez que se sobressai a preocupação com disciplinas curriculares.

Nesse âmbito, os menores parecem possuir maior suporte ao luto, tanto no ambiente escolar como no lar, por mostrarem-se mais acessíveis/colaborativos, bem como por sua representação social, sendo associados à maior fragilidade/vulnerabilidade. Por outro lado, geralmente os adolescentes precisam enfrentar suas dores com menor suporte, uma vez que inclusive costumam

apresentar maior dificuldade em estabelecer confiança, o que dificulta a ação dos dispostos a acolhê-los e orientá-los.

Em razão do supracitado, acredita-se imprescindível a implantação de uma educação para a morte que inclua todas as fases da educação básica (sem excetuar sua necessidade também nos espaços universitários). No quadro até aqui esboçado, defende-se que todos os trabalhadores em educação devam dispensar um olhar mais atento ao jovem em função de certas características que Kovács (2021) descreveu, de modo geral, como período de transições biológicas e psíquicas velozes, busca do estabelecimento de uma identidade, bem como atração pelo inusitado – que pode ocasionar acidentes (inclusive seguidos de morte).

Quando, diante de um período de luto na vida de educandos e trabalhadores nas escolas, o sofrimento intermitente, as ausências constantes e até mesmo licenças médicas de longos períodos ocorrem, evidencia-se que a escola ainda não exerce uma acolhida adequada dos seus, logo não está conseguindo fazer sua parte na demanda por saúde mental. Evidentemente uma educação para a morte no ambiente escolar, caso se tornasse realidade, não seria a solução para os lutos vividos, mas, juntamente com uma acolhida afetiva, facilitaria o trabalho daqueles dispostos ao cuidado do(s) enlutado(s). De acordo com Alves (2023, p. 445),

[...] a morte está no cotidiano da escola, mas como é assunto interdito, a maioria tenta agir como se não tivesse percebido e seguir a rotina. A questão é que todas/os se sentem incomodados com ela e quem não a pode negar, sofre solitariamente e sem acolhimento.

Em momentos de desalento como os descritos, a oferta de uma rede de apoio nas instituições educativas parece de grande relevância, porém raramente se ousa mencionar a palavra morte ou doença, tampouco se abre espaço para que o outro fale abertamente de seu luto/suas dores, uma vez que “[...] educadores não se sentem capacitados para abordar o tema da morte por não terem discutido sobre isso na sua formação [...]” (Kovács, 2021, p. 164). Ocasões em que o mal-estar e o caos tendem a se instalar em razão dos lutos não-acolhidos parecem sinalizar para a necessidade de uma educação para a morte nas escolas brasileiras. No entanto,

[...] na medida em que a morte, embora tenha dimensões sociais e políticas, coletivas e históricas, tem também dimensões existenciais, subjetivas e espirituais, sua temática parece transcender os objetivos da educação pública proposta pelo Estado, que se limitam ao exercício da cidadania [...] (Incontri; Santos, 2011, p. 73)

Uma educação que dê relevo exclusivamente às questões relacionadas à cidadania, deixando de explorar e problematizar apropriadamente questões filosófico-existenciais, é uma educação que priva seus educandos de uma compreensão mais profunda da vida em suas vastas dimensões e perspectivas. Nesse contexto, uma vez que a empatia não é estimulada, os alunos investem apenas em seus desejos pessoais, sem se importar com a colaboração social; logo, ironicamente, tornam-se cidadãos incompletos. Vale destacar aqui que nossas questões pessoais são permeadas por questões coletivas, donde o cultivo das relações interpessoais são essenciais e requerem um aprofundamento nos estudos e entendimento de circunstâncias inerentes à existência humana. Assim, é neste sentido que o desocultamento e a abordagem da temática da morte, na educação básica, parece algo que desponta como aspecto fundamental na formação integral dos alunos. A questão da morte e seus desdobramentos, se adequadamente dimensionados, mostram-se cruciais para direcionar o educando na projeção de uma visão mais ampliada de si mesmo, do outro, de si com o outro e determinar um propósito pessoal aplicável ao bem comum.

Alves (2023) pontua que a doença é a forma mais velada de chegada da morte às escolas, propiciando a negação. Em panoramas assim, déficits cognitivos, de memória e outras questões afins que denotam baixa performance educacional despontam. O advento da pandemia de Covid-19 serve para ilustrar e demonstrar a importância da abordagem das temáticas ligadas à morte e ao luto nas escolas, assim como a necessidade de acolhimento aos enlutados.

Porém, de maneira geral, outros fatores destacam-se como causas maiores de luto nos ambientes escolares. A alta prevalência de transtornos de personalidade, de transtornos mentais como a depressão e, ainda, o abuso de substâncias alcoólicas e psicotrópicas têm, conforme Pinheiro (2022), contribuído para um *boom* nas taxas de suicídio entre jovens nas últimas décadas. Neste cenário, estaria em relevo a geração Z, caracterizada por um senso de imediatismo e menor resiliência, fatores estes que contribuem para que apresentem maior suscetibilidade ao estresse, ansiedade e depressão, o que potencializa a possibilidade de comportamentos suicidas. Todo este cenário parece evidenciar o quão fundamental se torna a promoção de diálogo sobre ideação suicida, tendo como cerne a implementação de medidas de anteparo e alicerce aos jovens em crises emocionais e em vulnerabilidade socioeconômica e cultural.

Por meio de análise de dados coletados por entrevistas, Azevedo e Dutra (2012) apuraram que ocasionalmente certas relações amorosas podem ser fatores desencadeadores de tentativas de suicídio na juventude. A pesquisa por elas realizada teve uma perspectiva humanista existencial e como instrumento a narrativa, a partir do pensamento de Walter Benjamin. Participaram do estudo quatro adolescentes que já haviam praticado tentativa de suicídio. As pesquisadoras relataram o seguinte:

[...] o que percebemos em diversos momentos da fala desses jovens é que os limites do *self* entre cada um deles e seu (sua) namorado(a) se confundem, de maneira que eles não sabiam mais o que pertencia a eles e o que pertencia ao outro. [...] A baixa autoestima, uma concepção de si negativa, os fez adotar como ponto de referência a fala, a voz do outro que passa a ser introjetada por eles como se fosse a sua real experiência [...] (Azevedo; Dutra, 2012, p. 26).

Ao cabedal de aspectos que podem deflagrar uma ação suicida, Pinheiro (2022) acrescenta a preocupação com os traços de gênero e temas relacionados à identidade e orientação sexual. Crianças e adolescentes que enfrentam tais dilemas, uma vez que se encontrem em situação de falta de respaldo dos pais, familiares e escola para lidarem com seus desafios, acabam por lidar com dificuldades de integração e ausência de modelos para um desenvolvimento saudável.

Conforme é notório, a partir dos estudos de Pinheiro (2022), Alves (2023), Azevedo e Dutra (2012), os episódios de morte e luto podem ser desencadeados por origens e motivações diversas e os desafios do mundo de relações terminam por repercutir nas escolas. Assim sendo, resguardar as escolas das situações de adoecimento, morte, morrer e luto é algo inviável. Qualquer esforço no sentido de ocultá-las, no ambiente escolar, acreditando-se evitar o sofrimento, pode surtir efeito contrário e intensificar os danos iminentes ao(s) envolvido(s). Nesse sentido, a resistência ao tanatoletamento – ou seja, para uma educação para a morte – cria espaço profícuo à agudização da dor e ao prolongamento de lutos. Granja, Costa e Rebelo (2012) denotam isso quando depõem que “[...] a dificuldade que os jovens sentem em lidar com o sofrimento de colegas em luto leva muitas vezes a que se afastem, provocando aquilo a que Balk (2020) chama de ‘perdas secundárias’” [...] (Granja; Costa; Rebelo, 2012, p. 75).

A prevalência desse encobrimento das questões tanáticas pode suscitar um ambiente escolar apático e até hostil em que relações verdadeiras e de suporte dificilmente se instituirão. Em escolas com tais características, a evasão escolar de

alunos e readaptação de profissionais são costumeiras. Este panorama é desenhado da seguinte maneira por Alves (2023) ao declarar, fazendo referência à obra de Kovács (2021), que nas escolas os profissionais não sabem lidar uns com os outros e tampouco com seus alunos frente às perdas por morte/luto, ao passo que as próprias instituições de ensino não logram dar conta de assistir ao luto dos seus funcionários, alunos e familiares. O silêncio domina, infundindo-se a ideia de que não falar ou expressar emoções sobre o evento tanático solucione o problema – é o tamponamento psicológico.

Em instituições escolares com um cenário como o descrito acima, o ambiente da sala de aula e a qualidade do ensino podem ser bastante prejudicados em decorrência da falta de confiança dos professores em estarem exercendo seu papel de educadores e arrimo empático dos educandos de maneira apropriada. Além disso, pode haver séria cisão no trabalho colaborativo, uma vez que os colegas professores não sabem ou possuem dificuldade para lidar com seus pares enlutados. Percebida como instituição incumbida pela promoção do bem-estar, a escola pode ter sua imagem prejudicada frente àqueles que dela se acercam, por não ter criado e implementado um plano de suporte aos seus integrantes.

De acordo com Pinheiro (2022), algumas instituições, atentas na observação de situações como estas e almejando encontrar soluções frente a tal realidade, já se aperceberam da imprescindibilidade de se readequar e de capacitar seus profissionais e o têm feito com foco no desenvolvimento de habilidades de comunicação sobre questões de vida e morte, consolidação da competência de distinguir manifestações de sofrimento, depressão e comportamento suicida, bem como aumento de saberes sobre recursos e suportes disponíveis.

Sob tal perspectiva, segundo Alvez (2023), com o objetivo de prover alicerce à transformação de escolas em espaços mais afetivos, acolhedores e seguros, ocorreu a promulgação da Lei nº 13.819, em 26 de abril de 2019 (Brasil, 2019), a qual implementou a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio no Brasil. A partir de então, fez-se obrigatório que instituições de ensino públicas e privadas comuniquem ao Conselho Tutelar sobre casos confirmados ou suspeitos de automutilação e suicídio. A legislação determinou ainda que é de responsabilidade das UEs (Unidades de Ensino) instruir e capacitar os trabalhadores em educação quanto aos protocolos de notificação impostos.

Diante do exposto, a Lei 13.819/2019 não somente visa a prevenção direta de automutilação e suicídio, mas também cria um espaço apropriado para a promoção de uma tanatopedagogia (Brasil, 2019). À vista disso, no que concerne aos riscos de suicídio da população jovem, Pinheiro (2022) propõe a essencialidade de, no contexto escolar, capacitar professores para a promoção de diálogos, assim como de atividades preventivas conscienciosas no que se refere ao comportamento suicida, reconhecendo-se que alunos que se depararam com suicídios próximos possam estar propensos e mesmo necessitar dialogar sobre tais eventos, enquanto se evidencia a importância de lidar cautelosamente com o luto no sentido de se viabilizar uma escuta e um diálogo mais propositivos em relação às inquietações e atribulações dos educandos e evitar riscos de progressão à psicopatologias graves.

Com o objetivo principal de redução dos índices de suicídio, o tema da prevenção ao suicídio ganhou algum enfoque nas escolas a partir da campanha nacional *Setembro Amarelo*, realizada no Brasil desde 2014. Procura-se, com a campanha em questão, conscientizar a sociedade sobre o tema e promover políticas públicas em saúde mental. Contudo, apesar de que a citada campanha – inspirada no Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, celebrado em 10 de setembro – constitua um importante movimento, faz-se imperativa, nas escolas, uma abordagem mais abrangente, contínua e sólida das questões concernentes à morte autoinfligida para de fato colaborar na diminuição das taxas de suicídio entre todos os membros da comunidade escolar – o que abrange a implementação e consecução da tanatopedagogia nas instituições. Considera-se que, diante da adesão desta pedagogia nas redes de ensino, a posvenção deverá figurar como uma intervenção, vez que se faz crucial no fomento da recuperação dos sobreviventes e prevenção de futuras fatalidades. Ao versar sobre a *posvenção*, Pinheiro (2022, p. 101) destacou:

[...] foi um termo utilizado por Edwin Shneidman, para caracterizar uma proposta de ações que são desenvolvidas após o suicídio. Dentre seus objetivos, minimizar as consequências após a morte é fundamental, já que os sobreviventes necessitam de cuidados. Isso também pode ser visto como uma prevenção para as novas gerações.

A conexão entre prevenção e posvenção ao suicídio, que se emolda no âmbito da educação para a morte, está pontualmente relacionada aos indicadores de proteção ao suicídio. Conforme a pesquisa de Prieto (2007), citado por Pinheiro (2022), destacaram-se fatores que cooperam para a proteção contra o suicídio, os

quais englobam autoaceitação, disponibilidade de suporte, sustentação da serenidade e ter metas a alcançar. Assim sendo, a fim de que os indicadores de proteção possam estar ao alcance de todos os envolvidos na comunidade escolar, de maneira adequada, faz-se essencial tomar ciência de certos aspectos pertinentes aos lutos e às particularidades concernentes ao morrer. Um deles é que nem todos os lutos são experienciados da mesma maneira ou possuem um tempo pré-determinado para serem superados/ressignificados. Segundo Pinheiro (2022, p. 104), “É preciso muita cautela ao lidar com algo tão delicado como o processo de luto. Cada pessoa, de acordo com sua singularidade, reage de uma forma diferenciada”. Considerando-se, ainda, que as mortes possam ter causas diversas, outro aspecto fundamental reside no fato de que se fazem necessárias estratégias de prevenção, posvenção e educação para a morte que abranjam os seus distintos contextos.

Diante dos recentes acontecimentos no RS (Rio Grande do Sul), de inundações e deslizamentos de terra que assolaram grande parte do estado, desalojaram muita gente e ceifaram diversas vidas, entre o final de abril e início de maio de 2024, muitos foram os especialistas renomados em educação e saúde mental consultados tendo-se em vista buscar possíveis soluções para as demandas do cenário e caminhos para reparar os impasses encontrados no sistema educacional diante da tragédia. Relata Reis (2024) que Claudia Costin, ex-diretora do Banco Mundial e especialista em educação, pontuou a importância de se dar início a um diálogo com as crianças sobre a crise climática na retomada das aulas. Segundo ela, o contexto atual configura um desafio maior do que o enfrentado durante a pandemia. Costin pondera que, no período da pandemia, as crianças e os professores tiveram que regressar às suas casas. No contexto atual, entretanto, muitas crianças e jovens das áreas afetadas, principalmente do Vale do Taquari, não têm como retornar às suas residências e estão sendo deslocadas para outros municípios e/ou ainda suas famílias estão lidando com a perda de entes queridos, lidando pesadamente com todo o estresse e todo tipo de desgaste e dor advindo dessa situação (Reis, 2024).

O psiquiatra Jorge Jaber, membro fundador da *International Society in Addiction Medicine* e associado ao *World Federation Against Drugs*, em entrevista concedida à Gandra (2024), afirmou que as tragédias climáticas, como as enchentes no RS, impactam significativamente a saúde mental das pessoas afetadas, englobando aquelas que foram acometidas com a perda de entes queridos e de seus bens materiais, assim como profissionais e voluntários implicados nos esforços de resgate e que, por muitas vezes, não

lograram êxito na empreitada. Destacou ele que eventos relacionados a desastres naturais têm impactos nocivos e costumam durar por longo período, sendo as repercussões da tragédia do RS análogas às da pandemia de Covid-19 – que ainda estão sob análise.

Diante destas declarações, parece plausível destacar a importância de abordar temas concernentes a crises climáticas, sua conexão com questões tanáticas e as consequências que elas podem imputar à saúde mental, especialmente em situações de grandes tragédias como as enchentes no RS – o que já poderia ser encarado como um estratagema em educação para a morte, que carece alcançar progressivamente mais todos os públicos, fora e dentro das escolas. Aliás, muitos são os educadores que já visualizam a importância do exercício deste tipo de pedagogia. Kóvacs (2021, p. 164), neste tocante, esclarece que “[...] um número significativo de educadores pensa que o tema da morte deve, sim, ser abordado nas escolas, mas não se sentem preparados para essa função”.

Alves (2023) destaca que é constantemente requisitada a intervir em escolas em períodos de crises, quando já ocorreu ou há iminência de haver uma morte. Em momentos assim, ressalta a autora que sempre encontra profissionais desorientados, sem conhecimento para lidar com a situação ou com colegas, alunos e familiares. Observou ela que, mesmo com instruções à disposição, não há solicitações para cursos, capacitações ou *workshops* para prover educadores de orientações e procedimentos sobre como lidar com perdas, morte e luto. Além disso, enfatizou a psicóloga que poderia haver prevenção de muitas situações caso os educadores fossem preparados para uma educação para a morte.

Por meio de relatos como o de Alves (2023), pode-se verificar que embora a promulgação da Lei 13.819 (Brasil, 2019) tenha aberto espaço para a formação em tanatopedagogia aos educadores do país, no entanto, esta preparação não tem sido consolidada. A abordagem sobre o tema da morte, adoecimento, o morrer e os lutos nas escolas é ainda vista como algo inapropriado ou temeroso. A omissão desses assuntos constitui parte do currículo oculto educacional – aprendizagens que não integram o currículo formal, mas que são implicitamente disseminadas – e, desta maneira, o ensino do que sentir ou de como se comportar frente a tais acontecimentos ocorre na ausência de uma proposta efetiva de educação para a morte nos currículos

A esquivia dos temas tanáticos da apreciação pelos estudantes faz com que os mesmos possam efetuar uma interpretação de que trazê-los à tona constituirá

algo insultante, imprudente ou até mesmo potencializador do sofrimento e declinam da chance de desenvolver uma maior e mais completa compreensão do mundo ao seu redor (considerando-se que a omissão possa repercutir de forma indireta nas suas percepções). Comportamentos e atitudes ensinados pelo currículo oculto, de acordo com Silva (2011), são considerados prejudiciais, desvirtuando os reais objetivos da educação ao suggestionar que crianças e jovens se conformem com as injustas estruturas da sociedade capitalista.

No tocante ao entendimento de Silva (2011), convém destacar que a presença (por omissão) da convalescença, do morrer, da morte e dos lutos como parte do currículo oculto nas escolas brasileiras se correlaciona com a manutenção do sistema do capital de variadas formas. O currículo oculto transmite a ideia de que certas adversidades pessoais e coletivas pertinentes a temas tanáticos, como o sofrimento psicológico prolongado, comportamentos autodestrutivos, e inclusive evasão escolar (tendo-se em vista a atuação de uma necropolítica) não são réverberos de questões estruturais ou sociais, mas sim individuais. Isso denota que este currículo robustece valores competitivos e, por consequência, desabona o exercício da empatia. Por fim, ele restringe a competência dos educandos no sentido de desenvolver uma consciência crítica em relação às condições socioeconômicas que concorrem para a experiência de morte, doença e luto ao propiciarem desigual acesso à saúde e bem-estar.

Quando o currículo prescritivo não abrange temas como a morte, o processo de morrer, o adoecimento e os lutos — que se conectam, porém não exclusivamente, às “culturas da terceira idade”, conforme destacado por Santomé (1995) — é improvável que tais assuntos e suas inter-relações sejam abordados nos livros didáticos para análise e reflexão dos alunos. Em seu artigo intitulado *Alcances e fragilidades: os temas de vida e morte nos livros didáticos*, Müller (2005) investigou como esses temas são tratados no âmbito educacional, com ênfase nas áreas que, segundo sua análise, apresentam maior probabilidade de ocorrência. A pesquisa iniciou com estudo dos documentos orientadores, como os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a PCSC (Proposta Curricular de Santa Catarina), e avançou com a investigação sobre a presença desses temas nos livros didáticos. Concentrando-se nos PCNs, sua análise abrangeu o Ensino Médio (Parte III – Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, e Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias), e, na PCSC, o Ensino Fundamental e o Ensino

Médio, com ênfase em Ciências Naturais e Ensino Religioso. A pesquisadora constatou que:

Das 151 ocorrências registradas sobre a morte, encontramos, inicialmente, na PCSC (Ensino Fundamental e Médio) apenas 14 registros nas Ciências Naturais e 13 registros no Ensino Religioso, mostrando que há uma certa deficiência na abordagem da morte em tão importantes momentos da educação do indivíduo, se compararmos com os números de ocorrências de vida [...] (Müller, 2005, p. 172)

No que se refere aos PCNs, Müller ressaltou que “[...] por último, e não menos curioso, está o fato de os volumes analisados nas disciplinas dos PCNs (Ensino Médio), não haver nenhuma ocorrência registrada sobre o tema morte [...]” (Müller, 2005, p. 172-173). Já, quando da análise dos LDs (Livros Didáticos), Müller observou que

Sobre a análise aos LDs, podemos afirmar que o tema está mencionado. Dos catorze (14) LDs analisados, foram encontradas ocorrências de morte em todos os exemplares do ensino fundamental e em dois (2) exemplares do ensino médio. Torna-se oportuno lembrar que na análise dos PCNs do ensino médio, não houve ocorrências para a temática [...] (Müller, 2005, p. 175).

É possível notar a morte, o processo de morrer e a convalescença como temas proibidos no contexto curricular brasileiro. Raramente os profissionais da educação conseguem lograr acesso a esses assuntos por meio de materiais impressos ou digitais que atendam às diretrizes dos currículos normativos da educação básica. Exceto em situações excepcionais, como durante a pandemia de Covid-19 ou em eventos de catástrofes climáticas, esses temas são citados, mas de forma bastante comedida. Inclusive em formações docentes regulares, é pouco frequente que as secretarias de educação ou as equipes pedagógicas levantem tais temas, mesmo que com o intuito de proporcionar o autoconhecimento, e ainda mais raro é que sejam abordados com os alunos. Esse conjunto de temas, comumente considerado “mórbido” pela maioria das pessoas, acaba sendo mais acessível aos profissionais da educação por meio da autoformação. Dessa forma, esses temas não se determinam como elementos geradores de reflexão e permanecem apartados do universo escolar. Freire (2021c, p. 132) assinala que

[...] O fato de que indivíduos de uma área não captem um tema gerador, só aparentemente oculto, ou o fato de captá-lo de forma distorcida, pode significar, já, a existência de uma ‘situação-limite’ de opressão em que os homens se encontram mais imersos que emersos.

No contexto da morte, do morrer, da convalescença e do luto, frequentemente essa marginalização é resultado de uma questão de capital social. Segundo Paula (2009), em uma sociedade que enaltece a juventude e a produtividade como os principais padrões de beleza e sucesso, os idosos — que nos recordam da nossa finitude — são comumente preteridos e concebidos como desprovidos de capital social. Pode-se constatar que marginalizações como a do idoso se tornam mais comuns quando não há a elaboração de um currículo inclusivo, capaz de combater estereótipos. Conforme argumenta Althusser, na interpretação de Silva (2011), esse panorama é possível porque a sociedade capitalista não depende apenas da constância das condições materiais de produção, mas também da existência de mecanismos e instituições que garantam a preservação do *status quo*. Tais mecanismos podem atuar tanto pela força quanto pela persuasão — ou seja, pela repressão ou pela ideologia. Enquanto os aparelhos repressivos do Estado, como a polícia e o judiciário, lidam com a força e a coerção, os aparelhos ideológicos, encarregados pela persuasão, incluem instituições como a religião, a mídia e a escola. Certas ideologias econômicas, como o neoliberalismo — que salientam a privatização e a redução do papel do Estado na economia — são promovidas por organismos internacionais. Os aparelhos ideológicos de Estado, em especial o sistema educacional e os meios de comunicação, propagam essas ideias, delineando as percepções públicas e as políticas nacionais para se ajustar a essas ideologias. Nesta conjuntura, Alves e Oliveira (2020), conforme mencionado por Dantas e Pereira (2022), indicam que as políticas curriculares brasileiras estariam saturadas de uma visão utilitarista da educação e do mundo — a partir da qual a formação do alunado para o mercado de trabalho se põe em relevo e antagoniza com o desenvolvimento de uma criticidade emancipadora, uma vez que o lucro é validado acima de tudo. Essa perspectiva inclinada para os resultados, para o capital, teria nas escolas seu alicerce na configuração do NEM (Novo Ensino Médio), privilegiadamente pela disciplina PV (Projeto de Vida).

Componente curricular do NEM brasileiro, a disciplina PV poderia se afigurar como um magnífico veículo à prática da tanatopedagogia nas escolas, justificando-se por variadas razões, todas direcionadas ao desenvolvimento integral do estudante. A inserção desta abordagem melhoraria consideravelmente o currículo, ao tratar de uma dimensão holística e fundamental da existência humana, não raramente negligenciada pela educação formal. No entanto, em consonância com o

raciocínio de Alves e Oliveira (2020 *apud* Dantas; Pereira, 2022), o que se percebe nas escolas é um grande espaçamento dessa disciplina da concepção de servir como um apoio ao desenvolvimento amplo, equilibrado e preparado dos estudantes para os desafios da vida em suas diversas esferas. Na prática, a disciplina tem sido utilizada como um instrumento para a promoção da ideologia dominante, que foca na individualização, autodisciplina e empregabilidade. Frente a esse panorama, Paula (2009) esclarece que, sob o ponto de vista que encara a escola como um espaço de preparação da força de trabalho para o mercado, os idosos são, em princípio, claramente excluídos. Assim, em desacordo com uma educação permanente, observa-se uma visão restrita da escola, que limita sua função social apenas à qualificação profissional, negligenciando aspectos fundamentais concernentes ao desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos e segregando aqueles idosos que não são vistos como produtivos para o mercado de trabalho.

O modo como a educação e a produção cultural vêm sendo moldadas por forças econômicas e sociais privilegia o conhecimento técnico e a mercantilização, em prejuízo de outras formas de saber e expressão que poderiam comprometer a perpetuação do sistema capitalista. Silva (2011) aponta que, à medida que os critérios de admissão nas universidades sugestionam os programas de estudo em outros níveis educacionais, esses programas passam a priorizar o conhecimento técnico, que comumente galga prestígio, ao passo que outras formas de saber, como o conhecimento estético e artístico, são negligenciadas. Esse fenômeno favorece a reprodução cultural e social através do currículo. Han (2021), por sua vez, argumenta que, nesse contexto, a arte e inclusive os artistas experienciam uma transformação prejudicial, influenciados pelas pressões sociais e do mercado. A arte passa então, assim como o tecnicismo, a servir à manutenção e perpetuação das estruturas de subjugação. Han (2021, p. 15) expõe que

[...] a economificação da cultura e a culturificação da economia se fortalecem mutuamente. Desfaz-se a separação entre cultura e comércio, entre arte e consumo, entre arte e propaganda. Os artistas, por sua vez, se veem pressionados a se estabelecerem como marcas.

Dessa forma, assim como os artistas, os professores também se mostram aprisionados pelo capitalismo *laissez-faire*. Diante do aumento de medidas de *accountability*, como avaliações de desempenho fundamentadas em resultados de alunos, os professores tendem a assumir práticas pedagógicas mais conservadoras

e menos inovadoras, afinal, o receio de obtenção de avaliações negativas e a insegurança no emprego concorrem negativamente para a experimentação com novos métodos de ensino. Nesse mesmo sentido, outro fator importante a se destacar é que a autonomia do professorado é cerceada pelas instituições de ensino. Por conseguinte, destituídos do poder de decisão em relação ao que afeta suas salas de aula, os professores se sentem desestimulados para a adoção de estratégias educacionais que sustentem uma educação inclinada para a promoção da criatividade e da liberdade. Santomé (1995) lembra que o professor contemporâneo é reflexo de um modelo educacional que lhe encarregava somente da configuração de objetivos e procedimentos de ensino, sem opinar sobre conteúdos curriculares.

Ainda que uma grande parte dos docentes se limite a seguir as diretrizes impostas pelas gestões escolares, sem procurar fazer ouvir sua própria voz na reflexão sobre questões que envolvem suas práticas no ambiente escolar, há também uma fração de profissionais que se mostra questionadora e resistente às pressões de políticas neoliberais e às gestões menos democráticas. Educadores com esse perfil são aqueles mais propensos ou que costumam defender a implementação de uma tanatopedagogia nas escolas. Em determinadas situações, como observa Kovács (2021), alguns professores sugerem que o tema seja abordado em disciplinas específicas. No entanto, em uma pesquisa realizada com educadores e escolas na cidade de São Paulo, constatou-se que não existe uma disciplina exclusiva para tratar o assunto, mas sim a recomendação de que o tema seja debatido amplamente com toda a comunidade escolar.

Para que a educação se constitua como promotora de aprendizagens significativas, inclusivas e abrangentes, é crucial que os educadores sejam mais proativos, flexíveis, autorreflexivos e que busquem o aprimoramento constante, tanto no aspecto profissional quanto pessoal. A implementação de uma tanatopedagogia nas escolas requer profissionais atentos a estes aspectos, uma vez que, conforme Incontri e Santos (2011, p. 80),

[...] a educação para a morte passa por algumas mudanças no próprio paradigma da educação. Começamos por encarar a transformação por que deve passar o próprio educador, que para educar precisa educar-se. Somente através do processo de autoconhecimento (como queria Rousseau), no parto maiêutico socrático, conseguiremos de fato nos educarmos para a morte. Uma vez nesse caminho teremos possibilidade de criarmos as condições de ensino na área da Tanatologia.

De acordo com Kübler-Ross (2017), se enfrentássemos nossa mortalidade de forma naturalizada e auxiliássemos os outros neste processo, nossa sociedade poderia se tornar mais construtiva. A proposta da autora é, também, um caminho rumo ao autoconhecimento, com grande potencial transformador no contexto educacional. Afinal, professores que estão em harmonia com suas próprias emoções se sentem mais à vontade e aptos para abordar temas complexos, como a morte e o luto. Além disso, estão mais preparados para compreender e se conectar com os desafios emocionais e sociais enfrentados pelos alunos, criando um espaço de aprendizado mais inclusivo e significativo para eles.

No preparo para atuar na esfera da tanatopedagogia, a promoção do autoconhecimento não é o único aspecto que merece atenção do profissional. A fim de que os trabalhadores em educação compreendam amplamente as possibilidades de sua atuação neste campo, é fundamental que conheçam os objetivos desta abordagem pedagógica. Grzybowski (2009) elenca como objetivos tais a promoção e capacitação dos educadores com saberes específicos, o fomento à sua formação para que possam atuar em pesquisas científicas, o desenvolvimento de uma visão crítica e a participação em discussões no que se refere a temas relacionados ao sofrimento causado por doenças, o morrer, a finitude e o luto, além da prestação de apoio ou auxílio na superação dessas aflições.

Uma abordagem tanatopedagógica bem engendrada perpassa meras revisões ou discussões rasas sobre temas referentes à morte. Ela inclui também a compreensão das famílias dos alunos, proporcionando um processo mais consistente e seguro de superação da morte e dos lutos. Grzybowski (2009) argumenta que um educador bem capacitado para compartilhar e debater esses temas pode ampliar o entendimento dos alunos sobre a morte e o sofrimento, levando ao aprofundamento de conteúdos e afrontando crenças equivocadas. Quanto à metodologia de ensino, abordagem e diversidade dos alunos nas escolas, Müller (2005) pontua que todos os professores têm a possibilidade de incluir a temática da morte em suas disciplinas, ponderando as diferenças e preferências de seus alunos. A autora também destaca a significância do trabalho interdisciplinar, concanetando as questões vida-morte e ganho-perda, e sustenta que o método ativo, que abarca experimentação e engajamento, é essencial para desencadear uma aprendizagem mais consolidada.

Ao passo que uma educação direcionada para a temática da morte não ocupa significativo espaço nos currículos escolares, obtendo aos poucos atenção e força dentre os educadores, já se fazem notórias algumas iniciativas espalhadas pelo Brasil, que procuram atender às demandas concernentes à morte, ao morrer, ao adoecimento e aos lutos. Bueno e Gerson (2024) relatam que a Câmara Municipal de Porto Alegre aprovou, por 18 votos a favor, 10 contra e uma abstenção, o projeto de lei 029/20, de autoria do vereador Hamilton Sossmeier (PTB), que institui o Serviço Voluntário de Capelania Escolar na rede pública municipal. Com o suporte da direção e do Conselho Escolar, os capelães ofertam suporte espiritual, atividades preventivas, formações e acompanhamento durante períodos de aflição e instabilidade. Em síntese, eles prestam apoio em ocasiões de morte ou luto, tanto para alunos quanto para seus familiares e profissionais da educação. O parlamentar, ao versar sobre as repercussões do projeto, afirma que

[...] notou-se uma melhora significativa no ânimo dos professores, coordenadores, alunos e seus pais. Esse ambiente favorável tem repercussão direta no progresso do aprendizado e no ambiente fraterno tanto dentro quanto fora da sala de aula [...] (Bueno; Gerson, 2024, n.p.).

Apesar de que a cooperação de outros profissionais, na escola, possa melhorar o ambiente durante períodos de crise, ela não substitui uma educação para a morte administrada pelos próprios educadores. A tanatopedagogia tem a aptidão para ser constante, atendendo mais eficazmente às demandas dos alunos, sem interrupções. Constatar o papel de relevo do professor nesse contexto não menospreza o valor das iniciativas de outros profissionais – vale ressaltar que os psicólogos exercem um papel essencial na educação para a morte, assim como no suporte aos lutos. Entretanto, a atuação destes é diversa daquela esperada pelos professores. Em certos momentos, as atuações de professores e psicólogos podem até se efetivar de modo integrado, porém cada profissional trabalhará dentro das especificidades de sua área, dispondo de suas ferramentas próprias.

É previsível que, na iminência de lidar com a educação para a morte, o educador alimente diversas angústias oriundas do questionamento acerca de seus conhecimentos, habilidades e recursos para mediar conhecimentos sobre o universo tanato de maneira efetiva. Freire e Shor (2021), na obra *Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor*, destacam que essencial e expressivo na atuação do educador é uma pedagogia preocupada em “[...] como situar o processo de

aprendizagem nas condições reais de cada grupo [...]” (Freire; Shor, 2021, p. 50). A ênfase nesta ‘pedagogia situada’ amplia a chance de êxito do educador, pois oportuniza aprendizagem particularizada e, assim, mais significativa, preparando melhor os alunos para enfrentar os desafios do mundo em seu entorno.

É na coragem de confrontar seus próprios receios que o professor interessado em abarcar a tanatopedagogia em suas aulas galgará seus resultados mais promissores. Afinal, professores ousados são capazes de desvelar o currículo oculto, estimulando os alunos a questionarem normas e a problematizarem temas frequentemente considerados tabus. Silva (2011) propõe que a conscientização sobre o currículo oculto é determinante para desarmá-lo, pois, ao trazer à tona os aspectos antes opacos, é possível intervir nas repercussões deste tipo de currículo e, assim, consolidar uma real transformação nas instituições de ensino, contribuindo para uma verdadeira melhoria educacional.

A tal melhoria acrescente-se uma transformação social que pode ser desencadeada por uma abordagem coletiva com relação à morte, como sugere Kubler-Ross (2017, p. 273):

[...] em vez de sociedades dedicadas à criogenia, talvez devêssemos criar associações que tratem da morte e do morrer, incentivando os diálogos sobre este assunto e ajudando as pessoas a viverem sem medo até que a morte chegue.

Como sociedade no geral, devemos avançar neste sentido, uma vez que não são apenas professores e alunos que necessitam encarar seus medos em relação aos temas tanáticos e se envolver em uma educação para a morte. Todos os indivíduos possivelmente se beneficiariam ao se engajar nesta nova abordagem; que, ao constituir estratégia de saúde mental, também concorre para o bem-estar integral.

2.6 Tanatoletramento Literário – Reconexão do Indivíduo com sua Experiência, sua Linguagem e sua Humanidade

*num balde
toda água do mundo
menino afogado*

Marco Vasques *In Haicais Urbanos* (2006)

Ao pensarmos a educação brasileira deste início do século XXI e os desafios que a permeiam, de pronto as questões de alocação de recursos, desigualdade de acesso, desafios tecnológicos, inclusão de alunos com deficiência, gestão não democrática e violência nas escolas surgem dentre as principais demandas aflitivas. Frente a este cenário, a tendência dos educadores é de desânimo e ansiedade, pois seu investimento emocional, intelectual e inclusive financeiro parece não ter o retorno esperado. Desse modo, alguns optam por abandonar a profissão; enquanto outros permanecem nas escolas, mas esmorecidos pela situação, simplesmente engolidos pelo contexto, sem forças para reagir e quem sabe transmutar um pouco do seu mal-estar sem adoecer no trajeto. Certos profissionais, porém, parecem encontrar um ‘respiro’ dessas circunstâncias, algo que lhes dará algum prazer e motivação para prosseguir com maior ânimo ao buscar criar cenários diferenciados entre seus pares e em suas salas de aula, por meio daquilo que eles conseguem estabelecer certo domínio através de integração de saberes, planejamento e intervenção própria: suas práticas pedagógicas.

De acordo com a Almeida, Tartuce, Gatti e Souza (2021, p. 16) “[...] a noção de prática pedagógica é polissêmica [...]” não havendo uma definição única deste conceito no campo da educação. Os autores, em cartilha da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* pontuaram, a partir de pesquisas sobre o tema, que

[...] com base na análise dos artigos e teses, percebe-se que há duas modalidades de práticas pedagógicas: (i) aquelas relativas à atuação do professor com os seus alunos; e (ii) aquelas que dizem respeito ao trabalho com os seus pares e ao seu próprio desenvolvimento profissional [...] (Almeida *et al.*, 2021, p. 65).

A partir daí é possível perceber a multidimensionalidade da prática pedagógica, posto que não envolve apenas o momento de ensino face a face do professor com o alunado mas inclusive as reflexões crítico-colaborativas com seus pares, seu processo de formação e autoformação docente, dentre outras características que possam oportunizar uma educação mais completa e de maior qualidade aos alunos. Espelhando este caráter polifacetado Franco (2016, p. 547) destacou o seguinte em relação às práticas pedagógicas:

[...] incluem desde o planejamento e a sistematização da dinâmica dos processos de aprendizagem até a caminhada no meio de processos que ocorrem para além da aprendizagem, de forma a garantir o ensino de conteúdos e atividades que são considerados fundamentais para aquele estágio de formação do aluno, e, por meio

desse processo, criar nos alunos mecanismos de mobilização de seus saberes anteriores construídos em outros espaços educativos.

Logo após divulgação dos dados do Censo Escolar 2023, coordenado pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) que apontou que “[...] o ensino médio é a etapa com maior taxa de repetência e evasão, com 3,9% e 5,9%, respectivamente [...]” (MEC, 2024) o Ministro da Educação Camilo Santana argumentou em relação ao quadro e a ponderar sobre política pública de incentivo à permanência nos bancos escolares:

Não podemos deixar ninguém para trás! O Pé-de-Meia complementa uma série de iniciativas do governo federal para tornar a escola mais atrativa. É por isso que queremos mais vagas para a Escola em Tempo Integral e mais conectividade para fins pedagógicos nas instituições de educação básica de todo o Brasil [...] (MEC, 2024).

Tomando a sentença do Ministro em análise, é possível observar que, junto ao incentivo financeiro, ele pontua a expansão das vagas de tempo integral e aumento das redes e sistemas de tecnologia na educação básica como fatores preponderantes no combate à retenção e abandono escolares no Ensino Médio. Essas ações voltadas à aprendizagem se relacionam diretamente às práticas pedagógicas efetivadas pelos educadores, que podem tanto afastar o aluno das instituições como atraí-lo para o universo do conhecimento auxiliando a mantê-lo na escola até a finalização de seu percurso acadêmico.

Em relação ao Ensino Médio, a BNCC (2018, p. 461) indica ser

[...] a etapa final da Educação Básica, direito público subjetivo de todo cidadão brasileiro. Todavia, a realidade educacional do País tem mostrado que essa etapa representa um gargalo na garantia do direito à educação. Para além da necessidade de universalizar o atendimento, tem-se mostrado crucial garantir a permanência e as aprendizagens dos estudantes, respondendo às suas demandas e aspirações presentes e futuras.

E para que tais ‘demandas e aspirações’ possam ser respondidas a contento, necessário é saber caracterizar o público formador do Ensino Médio. Que juventude é esta? O que a define ou com o que podemos associá-la? Nesse sentido, a própria BNCC (2018, p. 462) pontua que

Na direção de atender às expectativas dos estudantes e às demandas da sociedade contemporânea para a formação no Ensino Médio, as DCNEM/2011 explicitam a necessidade de não caracterizar o público dessa etapa – constituído predominantemente

por adolescentes e jovens – como um grupo homogêneo, nem conceber a “juventude” como mero rito de passagem da infância à maturidade.

Deste modo, é possível falar, conforme indica a BNCC (2018) em culturas juvenis ou juventudes múltiplas que precisam ser analisadas, compreendidas e valoradas em suas particularidades. A partir deste entendimento é necessário construir uma escola que abrace as diversidades e promova os direitos humanos. E se considerarmos a profusão das práticas pedagógicas no cumprimento destas tarefas, crucial é que estas práticas se façam a partir de uma dimensão holística.

Assim, indispensável é que as temáticas trabalhadas no processo ensino-aprendizagem, além de favorecerem o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, também reflitam a diversidade, no sentido da multidimensionalidade da vida, seus aspectos, suas dinâmicas e auxiliem os alunos em seu desenvolvimento emocional. Portanto, impossível não ceder o devido lugar à morte, ao morrer e aos lutos no quadro de temáticas abordadas no intuito de oferecer uma educação mais completa, realista e humanizada aos alunos. Apontando para esta proposta, Granja, Costa e Rebelo (2012, p. 61) indicam que

Herrero e Poch (2003) defendem a importância de as escolas promoverem uma pedagogia da vida que também contemple a nossa contingência, a nossa vulnerabilidade e, claro, a nossa morte, pois pensar a vida em todas as dimensões inclui o sofrimento e a morte. As autoras acusam mesmo as nossas escolas de serem contextos onde o tema da morte não entra, e afirmam que ao não integrarem o fracasso nem o sofrimento nos seus projetos educativos, as escolas estão a promover uma pedagogia da infinitude que em nada ajuda as nossas crianças e jovens a enfrentar as inevitáveis situações de perda por morte de figuras significativas.

É constante vermos nas escolas trabalhadores em educação, alunos e até mesmo seus familiares descompensados emocionalmente pela morte de um ente querido, colega, amigo ou até mesmo animal de estimação. E nos períodos posteriores o sofrimento destes por vezes parece se agravar, como se não tivessem sido assistidos na dor, talvez porque os que poderiam prestar algum auxílio também não soubessem lidar com situações de morte e luto. Tais contextos, que além de angústia e dor podem gerar afastamentos do trabalho e aulas, baixo desempenho escolar e até mesmo evasão, denunciam que a escola precisa se preparar para trabalhar com uma dimensão da vida ainda ocultada nos currículos: a morte.

Este trabalho seria materializado na instauração de uma Tanatopedagogia na Educação Básica, o que no popular se faz conhecido como Educação para a Morte. Grzybowski (2009) indica alguns insumos e ferramentas a partir dos quais essa educação pode começar a se fazer nas instituições de ensino, elencando que a morte pode ser vista/conhecida por pesquisas na *Internet* ou filmes de ação mas inclusive em trocas dialógicas inspiradas por obras de arte como filmes e livros selecionados. Em relação ao trabalho com a literatura e sua associação com os temas tanáticos, Grzybowski (2009, p. 42) declarou:

A biblioterapia vem conquistando popularidade. Há séries especializadas de livros publicados mundialmente dos quais os volumes contam com o suporte de psicólogos, pedagogos e outros especialistas e funcionam como um pretexto para uma discussão séria sobre o adoecer, o sofrer e o morrer [...]

Esse caráter não apenas de estímulo intelectual mas sobretudo terapêutico do texto literário se faz compreender a partir das ponderações de Santos e Leão (2014 *apud* Faria; Dias; Camargo, 2019) de que para Vigotski conteúdos inconscientes que geram aflição ao homem podem ser, por meio da arte, (re)significados, trazidos à consciência e transmutados, superando o conflito. Logo, imprescindível é que toda escola esteja seriamente comprometida com o processo de letramento de suas crianças, pois será base à grande parte das suas vivências e aprendizados significativos no ambiente escolar. Soares (2009, p. 18) definiu letramento como “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.”

Porém, quando esse processo envolve a apropriação da literatura arte, esta que Grzybowski (2009) associa à biblioterapia, estamos nos referindo a um letramento literário. Cosson (2021, p. 17) assinala o compromisso desta literatura e seu papel em associação à escola que precisa assumir o trabalho com a mesma em benefício da comunidade escolar:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização [...] promovendo o letramento literário.

De acordo com Prieto (1999 *apud* Gramacho 2023) na tradição ancestral Sufi, assim que um membro da comunidade se desnor-teava, contadores de histórias eram incumbidos de “curá-lo” com suas narrativas até que o discernimento fosse recuperado. Este fato evidencia que o contato com o literário gera transformação, nova organização psicológica; pois, de acordo com Faria, Dias e Camargo (2019), Vigotski avalia que a fruição artística afeta o sujeito de um modo que a catarse advinda desta contemplação conduz à abertura de novas perspectivas que alteram o olhar para si e o outro.

Gramacho (2023) na busca de estabelecer um nex-o sobre a terapêutica da arte literária em sua obra *Que Conto nos Conta? A Literatura Inspirando a Prática Clínica* faz associações bastante interessantes entre os elementos que compõem e circundam o universo da arte da escrita com a psicoterapia, dentre as quais:

A literatura confessional, assim como a psicoterapia, está centrada no sujeito, tornando-o objeto de seu próprio discurso, que conta a memória. Mas acessar a memória implica ir além do simples recordar dos fatos, uma vez que ela constitui o que guardamos do que imaginamos ter vivido. Ao recordar a própria vida, nós a recriamos. Memória e imaginação fundem-se, acrescentando ao Eu vivido um segundo Eu, que se apresenta tecido pela multiplicidade psíquica [...] (Gramacho, 2023, p. 40)

A todo momento estamos a narrar nossas vidas de algum modo, seja por conversas e relatos informais, mostrando nosso dia a dia nas redes sociais, por reflexões internas, por práticas escritas, dentre outras formas. Nestas dinâmicas, que envolvem memória, imaginação e narrativa, a existência adquire significado. Silva Junior (2011, p. 41) sopesa: “[...] nossa vida vira uma narrativa, ou um romance, como nos ensinou Brás Cubas, quando morremos. Analisar um discurso sobre a morte é pensar sobre a solidão do fim.” A partir disso podemos estabelecer que o óbito ou sua ideia age como um dinamizador para uma introspecção do eu que é capaz de organizar as narrativas dos sujeitos, deixando-os ver com mais clareza o que antes se lhes fazia oculto.

Esta imersão transformadora na própria subjetividade deve de ser uma possibilidade concreta para todo ser humano e, se encarada fosse como um direito inalienável do sujeito, as escolas estariam entre as instituições incumbidas de promovê-la. Santos e Incontri (2010, p. 07) posicionaram-se sobre como uma maior aproximação do ser com o si mesmo pode ser construída no ambiente escolar:

[...] reivindicamos [...] que a centralidade do processo pedagógico seja a formação para a vida e para a morte, e não a inserção no mercado de trabalho; que o desenvolvimento da pessoa humana em sua integralidade seja a principal meta da educação, e não a aquisição de um conteúdo neutro e sem significado existencial.

Celório (2013, p. 09) partilha da opinião dos autores ao declarar: “Uma escola que tem como escopo apenas a formação para o mercado de trabalho não me parece uma escola que se presta ao papel de formar cidadãos críticos, de si e do outro. Também não me parece adequada para a (auto)formação humana [...]” Uma educação mais completa e expressiva, conforme Santos e Incontri (2010), de acordo com Pestalozzi (1746-1827) estaria alicerçada no pacto afetivo professor-aluno. Assim as aptidões poderiam se desenvolver de modo mais amplo e harmônico. Ao tratar da questão da emoção na educação Santos e Incontri (2010) anunciam que toda gama de arte deve de ser utilizada. A conceituação e o diálogo aberto e lógico são essenciais, porém a força dos símbolos é prevalente e, neste cenário, as canções e narrativas nas práticas educativas ganham destaque. Lembram os autores que neste trabalho com a arte é indispensável a seleção e oferta de obras subtis e mobilizadoras de comoção bem como produções das próprias crianças para significar suas percepções e emoções. Acrescentam que a prática pedagógica envolvendo os adolescentes não deve renunciar a isso; no entanto, deve incluir parâmetros estéticos mais elaborados como também exercícios de interlocução analítica e plural. A educação tanatológica, nesta contextura se eleva e consegue se expandir para contribuir na formação do sujeito rumo ao propósito final da vida humana, de acordo com a explicação de Santos e Incontri (2010, p. 28):

[...] talvez nosso maior desafio em nos educarmos para a morte, seja educar a nossa afetividade e aprendermos a simultaneamente amarmos mais as pessoas e as coisas que nos fazem felizes e desconstruir toda forma de apego e de posse, encontrando assim a nossa única meta aqui e além: a felicidade.

Embora não comuns em território brasileiro, práticas pedagógicas em Educação para a Morte ou simplesmente que se prestam ao suporte das pessoas em circunstâncias que envolvem a morte, o morrer ou os lutos se apresentam esporadicamente através de certos educadores melhor instruídos bem como mais ousados, seguros e crentes do valor da tanatopedagogia ou por conta de situações-limite – como a de consumação de suicídio, morte imprevista, acidente trágico de membro da comunidade escolar ou catástrofes naturais nas quais as perdas são em

maior volume (destruição de moradia, meio ambiente devastado, grande número de óbitos tanto de pessoas quanto animais ao redor de todos), dentre outras. Quando bem conduzidas, tais práticas exploram as vias da sensibilidade e se valem das artes em associação ao diálogo ou outra forma de significação no intuito de auxiliar os sobreviventes na assimilação do ocorrido e ressignificação das emoções. A educadora Carolina Campos, consultora Unesco na área de trauma e combate à violência no ambiente escolar, em referência a situações de catástrofes meteorológicas e abordagens delicadas ao trauma destacou:

Quando uma sociedade está saudável, a gente percebe os sinais nas crianças e nos adolescentes, que voltam a sorrir e a interagir. O papel da escola é fundamental para mostrar o que há de mais humano em nós. As pessoas que conseguem levar arte, cultura e música para dentro do ambiente escolar em uma situação de crise podem salvar, fazendo com que os alunos e professores se sintam melhores, acolhidos [...] (ASCOM SEDUC, 2024).

Pouco desenvolvidas nas escolas e, quando sim, no sigilo das salas de aula, algumas práticas em letramento literário voltadas a temas tanáticos figuraram na mídia no período da grande enchente que assolou o sul do Brasil em 2024. De acordo com Reis (2024), Rodrigo Augusto Trusz, diretor da Escola Municipal Wenceslau Fontoura, em Porto Alegre, declarou que naquele momento de calamidade que exigiria foco no diálogo e acolhimento aos alunos havia surgido obras de literatura infantil esclarecendo a situação e que auxiliariam na promoção de conversas com os alunos. Segundo Durand Junior (2024), uma das que se destacaram foi o livro **E a chuva...**, de autoria da psicóloga Sabrina Führ. Após leitura e discussão da obra, os alunos do Infantil V da Escola de Educação Básica Dirce Dall'Agnol, em Xaxim, Santa Catarina, trabalhando a compaixão e em gesto de solidariedade, produziram desenhos de otimismo para serem encaminhados junto a doações arrecadadas na cidade aos atingidos pelos alagamentos.

Assim como a ilustração, a escrita também é bastante associada a práticas pedagógicas que exploram/trabalham temas tanáticos, podendo estar diretamente associada ao universo do literário (constituindo-se assim parte de um tanatoletramento **literário**) ou não associada à literatura (segmento de um tanatoletramento). Alves (2023, p. 451) pontua algumas práticas pedagógicas que podem ser promovidas, a exemplo quando do falecimento de um professor, e que demonstram o quanto a produção textual tem relevância como ferramenta para processar e expressar emoções:

No retorno à escola, é importante que as/os alunas/os do/a professor(a) falecido/a recebam acolhimento especial e sejam estimuladas/os a falarem sobre seus sentimentos e homenagens que desejam fazer. Várias atividades são possíveis, como promover rodas de conversas com as/os alunas/os para que tirem dúvidas e expressem como se sentem; validar as falas e autorizar a expressão de sentimentos; propor que façam desenhos **ou escrevam cartas e bilhetes para o/a professor/a**; realizar atividades de despedida considerando quem nem todas/os participaram dos ritos fúnebres; **incentivar homenagem ao/à professor/a na sala com recados e mensagens das/os alunas/os** ou e outras estratégias desenvolvidas de acordo com o desejo das/os próprias/os estudantes. (Grifos da pesquisadora)

As catástrofes naturais são uma constante diante da crise climática, a letalidade da Pandemia de Covid-19 nos deixou ainda mais cientes da nossa vulnerabilidade enquanto humanos e, de acordo com a Associação Paulista de Medicina (2022), pelos dados de análise do Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde, associada ao Ministério da Saúde, verificou-se em relação a casos de suicídio que “[...] de 2016 a 2021, foi observado um aumento de 49,3% nas taxas de mortalidade de adolescentes entre os 15 e 19 anos, alcançado o valor de 6,6 por 100 mil.”. Frente à isso é válido dizer que, apesar de todas as interdições aos temas tanáticos, faz-se necessário e emergencial o exercício de uma educação para a morte nas escolas públicas e privadas de todo o país, tanto para esclarecer sobre aspectos da morte, do morrer, dos lutos e assuntos correlatos quanto gerar reflexão e debates assim como para melhor acolher, prevenir suicídios, autolesão, depressão, isolamento social, baixo desempenho escolar, dentre outros problemas e, ademais, instaurar posvenção junto aos sobreviventes após evento(s) traumático(s). Isso porque “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (Freire, 2021a, p. 127)

Conquanto o exercício de uma tanatopedagogia seja uma urgência na educação básica e além, é imperioso lembrar que somado ao fato de os temas tanáticos serem muito desprezados em nossa sociedade por conta, a saber, do medo de que falar da morte a atraia, de que falar do suicídio leve a suicídio por contágio (Efeito Werther) ou simplesmente de ter que abrir mão de uma condição ilusória de eternidade, outros fatores mais dificultam a inserção desta abordagem da pedagogia nas escolas – um deles, caracterizado por Han (2021, p. 14), é o fato de as populações atuais se estabelecerem como uma sociedade na qual “[...] Nada deve provocar dor. Não apenas a arte, mas também a própria vida tem de ser

instagramável, ou seja, livre de ângulos e cantos, de conflitos e contradições que poderiam provocar dor. Esquece-se que *a dor purifica.*”

Outro aspecto, ressaltado por Santomé (1995), é o de que os livros didáticos espelham currículos que pouco se renovam e, à maioria dos professores os conteúdos presentes nesses livros parecem ser a regra do que se aplicar em sala de aula; assim, conteúdos diferentes dos convencionais permanecem impronunciáveis. Deste modo, Santomé (1995, p. 157) avalia que “[...] não constitui nenhuma surpresa, pois, que nessa altura da história já seriam muitas as vozes ausentes e/ou deformadas na maioria dos currículos.”

Para que a tanatopedagogia possa cumprir seu papel e os temas tanáticos possam figurar nas escolas é preciso que a experiência real e os desafios quotidianos possam servir de base para que os educadores identifiquem esses tópicos e deem conta da importância de incluí-los em suas práticas pedagógicas. Afinal, Freire (2021c, p. 121) estabeleceu que

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática de liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores.

Deste modo, indispensável é que o educador se coloque à escuta dos educandos, para buscar apreender a riqueza de conteúdos, ideias e reflexões que já trazem com eles assim como para compreender o que querem ou precisam ainda saber, analisar e debater para desenvolverem-se mais e melhor nos mais diversos aspectos – intelectual, ético, psíquico, espiritual, dentre outros. Sobretudo porque “O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto, antidemocrático, do educador que, por isso mesmo, não escutando o educando, *com ele não fala. Nele deposita seus comunicados.*” (Freire, 2021b, p. 120)

Freire (2021c) assevera que a escuta ativa e o diálogo geram um clima de confiança entre os envolvidos no processo ensino-aprendizagem e que se a educação se quer dialógica, tanto educadores quanto alunos têm a prerrogativa de incluir e sugerir temas não elencados no conteúdo programático das aulas, os quais pela finalidade seriam chamados de temas dobradiça. Saraiva (2019, p. 147) em relação a questões tabu ou tópicos censurados que pouco ou nada aparecem nos currículos educacionais e as práticas pedagógicas envolvendo a literatura, proclama:

Não pode haver temas interditos no ambiente da escola, sob o grande risco de se perpetuar atitudes discriminatórias que inibem o jogo democrático e atentam contra a autonomia do estudante e o desenvolvimento de seu criticismo. Em vez disso, devem existir escolhas literárias racionais e pedagogicamente embasadas e justificadas por parte não somente do docente, mas da própria escola.

Tanto a tanatopedagogia quanto o tanatoletramento literário estão fadados a ser encarados, em primeira instância, como práticas transgressoras; afinal o espaço escolar tende a privilegiar conteúdos pragmáticos voltados ao desempenho acadêmico bem como temas mais 'positivos', que reforçam o silêncio ou a negação em torno da existência da morte, do morrer e dos lutos. Especificamente em relação à literatura que evoca a morte, a dor e a finitude, a escola geralmente prefere se utilizar de textos menos disruptivos, que não gerem introspecções existenciais profundas com as quais 'os educadores talvez não sejam capazes de lidar' e que não se desviem muito do espectro do utilitarismo apregoado pelo sistema mercantilista que prioriza a formação de competências para a simples moldagem de trabalhadores e consumidores. Walty (2006, p. 52) faz uma denúncia desse contexto de busca de regulação e restrição da leitura e de seu potencial de renovação:

Estudiosos da leitura têm mostrado como o ato de ler e seus rituais são marcados por uma necessidade de controle na busca de se evitar uma leitura não prevista, subversiva. É o fenômeno da legitimação da leitura, que, por sinal, não ocorre apenas na escola. Prova disso é o controle da leitura da bíblia e de outros textos, sobretudo pela Igreja Católica. Afinal foi por uma divergência de leitura que ocorreu a Reforma.

Zilberman (2004) sustenta que proporcionar a vinculação do leitor com o objeto literário de modo natural e particular pode levá-lo a uma vivência emancipatória pouco desejável pelo atual regime político-econômico. Gomes e Anjos (2019) compatibilizam com tal fundamento ao expor que a vida em sociedade e de seus próprios componentes em particular podem ter suas estabilidades associadas ao resgate da correspondência entre uma abordagem literária no ensino e o desenvolvimento humano. Nesse mesmo sentido, Silva Junior (2011, p. 46) delinea como a literatura envolta em temas tanáticos se mostra ferramenta propulsora de novas perspectivas em relação à própria vida, mostrando-se essencial para que o indivíduo possa dar conta das próprias experiências com mais leveza:

Mesmo que o homem pense mais na morte e descubra novas formas de linguagem, novas formas de representar, suas respostas estão

voltadas para a vida. A própria ideia de morte é resposta para o peso da insustentável leveza da vida. Para a investigação, a transformação e a construção de sentidos, também chamados de respostas, onde encontrar sabedoria? Na volta bio/tanato-gráfica e ao se perguntar como se deu o tempo de minha vida, os meus modos de morrer e os dos outros, o desejo de mais viver e como sobreviver à morte senão pelo discurso. Dessa representação literária extrai-se uma sabedoria.

Apesar destas ricas reflexões em torno do literário e suas potencialidades, é comum que professores de literatura atuem nos três anos correspondentes ao Ensino Médio perpetuando uma metodologia de ensino tradicional, focados em trabalhar apenas a famosa Linha do Tempo de autores e suas respectivas obras, cujo enfoque se faz mais no resumo das produções e no contexto histórico em que o texto fora escrito, sem um aprofundamento maior na leitura estética ou nos sentidos que as construções/palavras/ideias imprimem no leitor. É possível que isso se dê pelo fato de que, de acordo com Zilberman (2004, p. 16):

[...] mais que o pesquisador, o professor está distanciado do volume de conhecimentos a respeito das concepções diferenciadas da leitura, dependendo, de um lado, da formação obtida – que é antes metodológica que teórica – e, de outro, das vivências acumuladas. Por esta razão, seguidamente ele desiste em definitivo da teoria e hipervaloriza a experiência, afastando-se cada vez mais dos fundamentos que lhe ajudariam a entender e provavelmente alterar sua prática.

Na ciência de tal lacuna na formação dos professores, Saraiva (2019) sustenta que aos educadores devem ser ofertadas condições de formação continuada ou em seu próprio ambiente profissional para que estabeleçam ampla conexão com obras literárias de temas desafiadores. Neste contexto, no qual também o tanatoletramento literário se enquadraria, pontua que as instituições de ensino têm um papel fundamental na formação cultural e democrática dos seus entes associados:

[...] a escola tem a obrigação de defender que os professores continuem desenvolvendo suas identidades como leitores críticos e educadores culturalmente responsáveis por meio da literatura que aborda temas diversos, esclarecendo e orientando aqueles da comunidade escolar e fora dela a perceberem que a censura não é resposta [...] (Saraiva, 2019, p. 155).

Essa força-tarefa para a ampliação da qualidade do ensino da literatura nas escolas e na defesa da garantia de se ler o que se bem entender se justifica pelo poder renovador do objeto literário, potencial ativado pela representação, pelo

universo simbólico e que se pauta pelos deslocamentos – as alterações significativas na percepção, cognição e emoções que a leitura é capaz de provocar nos leitores. Nesse sentido, Walty (2006, p. 53) observou que “[...] a literatura é uma das produções sociais onde o imaginário tem espaço de circulação garantido. E é lá que, ao lado das regras, encontra-se a possibilidade de transgressão rumo à utopia.”

Quanto a este imaginário associado à arte, Vygotsky (2012) defendeu que a imaginação tem função crucial em relação às ações e maturação do ser humano, pois permite que ele transcenda suas experiências pessoais e assimile, de modo indireto, as experiências de outros homens e do meio histórico-social, de modo que seu repertório e compreensão do mundo se façam enriquecidos. Além disso, o desenvolvimento das capacidades emocionais do ser se eleva sobremaneira no contato com o objeto artístico: “[...] a arte sistematiza um campo inteiramente específico do psiquismo do homem social - precisamente o campo do seu sentimento.” (Vygotsky, 1999, p. 12) Deste modo, é possível dizer que habilidades sociais fundamentais para uma convivência saudável e pacífica em sociedade, como empatia, comunicação e resolução de conflitos se constroem e refinam mais com maior facilidade e gradativamente quando a arte faz parte do cotidiano do ser.

Esse processo de aperfeiçoamento do humano, por intermédio da arte, na maioria das vezes ocorre de modo inconsciente e com auxílio também de um aprendizado que sempre se efetiva. Explica Solé (1998, p. 46) em relação à arte literária que “Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer.”

Assim, como quando Soares (2009) explicou do surgimento do vocábulo **letramento** ao advogar que “[...] novas palavras são criadas (ou a velhas palavras dá-se um novo sentido) quando emergem novos fatos, novas ideias, novas maneiras de compreender os fenômenos.” (Soares, 2009, p. 16) é possível que também façamos a defesa da inserção da expressão **tanatoletramento literário** (proposta por esta pesquisadora) nos guias educacionais – uma vez que uma educação sobre a morte, o morrer, os lutos e questões correlatas por intermédio da leitura e da escrita da literatura se faz premente em nosso tempo. No entanto, verifica-se que a literatura acadêmica sobre a tanatopedagogia alicerçada pelo literário ainda é escassa, sendo necessário ampliar as pesquisas que explorem metodologias específicas para sua implementação nas escolas. A falta de estudos que relacionem

diretamente o letramento literário às práticas tanatopedagógicas reforça a urgência de aprofundar essa temática na Educação.

Essa escassez de abordagens sobre a tanatopedagogia e o tanatoletramento literário no campo educacional reflete uma problemática ainda mais ampla, que se insere no que Larrosa (2014, p. 54) denomina como uma crise da experiência. Vivemos um tempo em que a ausência de espaços para a elaboração simbólica da morte e do luto intensifica o esvaziamento do sentido da própria existência, como aponta o autor:

[...] já não há experiência porque vivemos nossa vida como se não fosse nossa, porque não podemos entender o que nos acontece, porque é tão impossível ter uma vida própria quanto uma morte própria [...] porque a experiência daquilo que nos acontece é que não sabemos o que nos acontece, porque a experiência de nossa língua é que não temos língua, que estamos mudos, porque a experiência de quem somos é não sermos ninguém. (2014, p. 54)

Neste panorama descrito por Larrosa (2014), o tanatoletramento literário seria capaz auxiliar o indivíduo na reintegração à sua própria experiência, pois a abordagem de tópicos tanáticos convida o leitor a contemplar sua própria existência e ressignificar episódios, favorecendo uma reconexão com aquilo que o define como ser humano. Em um mundo onde as experiências parecem fragmentadas ou anestesiadas, as práticas de leitura e escrita literárias associadas a temas tanáticos colaborariam para que os indivíduos se aprofundassem mais na vivência das emoções e reflexões relativas às suas práticas.

Ademais, a literatura que explora a morte, o morrer e os lutos opera para que o homem enfrente o “mudo” existencial descrito por Larrosa ao propiciar que encontre palavras para nomear o que lhe parecia incomunicável. Além disso, ao travar uma aproximação com os discursos tanáticos ou exercitá-los os indivíduos podem construir sentidos mais abrangentes para suas vidas, desassociando-se do “não sermos ninguém” e caminhando em busca de identidade e expressões genuínas. E, por fim, por meio de versos e narrativas que abordam finitude e vulnerabilidades, aqueles que se envolvem nas práticas de tanatoletramento literário elaboram uma consciência mais plena não apenas em relação a si, mas sobre a trajetória compartilhada da humanidade.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

*Amanhã é dia dos mortos
Vai ao cemitério. Vai
E procura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai.
//
Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
O filho tem mais precisão.
[...]*

Manuel Bandeira - **Poema de Finados** *In*
Estrela da Vida Inteira

No tocante à metodologia, esta pesquisa intencionou ser de abordagem qualitativa, uma vez que “[...] a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*.” (Bauer; Gaskell, 2021, p. 23). A tipologia adotada foi a descritiva, posto que em contato direto com os sujeitos pesquisados os dados foram coletados havendo possibilidade de “[...] uma análise aprofundada do problema de pesquisa em relação a aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos.” (Oliveira, 2011, p. 55).

Pelo critério de inclusão estabelecido pela pesquisadora instituiu-se que os sujeitos da pesquisa fossem trabalhadores em educação com formação na área de Letras e alunos regularmente matriculados e cursando o terceiro ano do Ensino Médio (uma vez que nesta etapa é maior a possibilidade de já terem experienciado grande parte do currículo previsto para a educação secundária). Participou da pesquisa um coletivo escolar composto de duas classes de sujeitos: uma formada por 5 (cinco) trabalhadores em educação com formação em Letras (sendo que destes 3 (três) atuavam em sala de aula no campo de pesquisa, 1 (um) como secretário escolar e professor no curso do curso de magistério de outra instituição e 1 (um) como professor readaptado na biblioteca escolar) e outra por 7 (sete) alunos de ensino médio regular.

Adotou-se a seleção por conveniência como critério metodológico para a definição do coletivo escolar participante do estudo, conforme apontado por Duarte (2012, p. 69) que destaca que “A seleção por conveniência é baseada na viabilidade. Ocorre quando as fontes são selecionadas por proximidade ou disponibilidade.” No contexto desta investigação, realizada na mesma instituição em que a pesquisadora

atua enquanto profissional, essa escolha se justifica pela necessidade de acesso contínuo aos participantes e pelo interesse em aprofundar as interações e reflexões mediadas por textos literários.

Tal seleção levou em consideração os seguintes aspectos: 1 - **Acessibilidade pedagógica dos professores colaboradores**: foram selecionados professores que já utilizam ou haviam utilizado textos literários em suas práticas pedagógicas e que, portanto, possuem experiência na mediação de leitura. O critério garantiu que as discussões sobre tanatopedagogia tivessem um embasamento em práticas pedagógicas já estabelecidas, facilitando a análise das interações discursivas; 2 - **Disponibilidade para participação na pesquisa**: Todos os colaboradores foram escolhidos com base na compatibilidade de horários e na viabilidade de acompanhamento da pesquisadora em sua rotina escolar; 3 - **Facilidade de acesso ao ambiente escolar**: A escolha dos participantes dentro da mesma escola em que a pesquisadora atua favoreceu o desenvolvimento de um olhar imersivo e processual, permitindo que as interações fossem melhor analisadas em sua complexidade discursiva e social; 4 - **Perfil dos alunos participantes**: Foram priorizados alunos que já demonstravam hábito de leitura ou engajamento em atividades literárias, pois esse fator contribui para uma apropriação discursiva mais aprofundada e para uma leitura crítica dos textos propostos. Além disso, foi considerada a curiosidade sobre temas reflexivos, permitindo um envolvimento mais espontâneo com as questões sobre morte e luto.

Aos voluntários foi explicada a razão de ser de um projeto de pesquisa e deste em específico bem como das ações da pesquisadora e da participação que eles enquanto participantes teriam no projeto. Na sequência, antes da coleta de assinaturas, foi-lhes apresentado em detalhes o TLCE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – e quanto a este documento foi dado ênfase ao fato de que poderiam se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento e que àqueles que aceitassem tal consórcio seria assegurado o anonimato.

Definidos os voluntários da pesquisa e coletados os TLCEs devidamente assinados, o próximo passo da pesquisadora foi a definição do local e data de efetivação dos encontros para a coleta de dados – optou-se pela recolha dos dados a partir da efetivação de grupos de discussão – ficando acordado que os encontros se dariam na biblioteca do campo de pesquisa, a E.E.B. Professor Gustavo Augusto Gonzaga – Joinville/S.C. entre março e abril de 2024.

A obtenção de dados junto aos sujeitos da pesquisa visou explorar os objetivos da investigação, quais foram: Objetivo Geral: Compreender o lugar da tanatopedagogia no Ensino Médio e Objetivos Específicos: 1. Identificar em que contexto a tanatopedagogia ocorre (ou não) na escola; 2. Inferir em que medida a tanatopedagogia poderia ser aplicada na escola e quais seriam as implicações desse movimento a partir de discussões intermediadas por textos literários; 3. Averiguar os desafios da efetivação da tanatopedagogia nas unidades de educação básica bem como seus prováveis benefícios.

Cada classe de sujeitos agrupados participou de um total (duas) discussões, as quais se deram de modo coeso, e respeitoso – garantindo a expressão de individualidades e subjetividades sem desprezo, desdém ou qualquer tipo de manipulação discursiva ou emocional. Nenhum dos voluntários aspirou à desistência do processo. Apenas uma educadora teve de ausentar-se à segunda discussão por apresentar sintomas de Covid-19.

Os grupos de discussão foram realizados tanto com alunos do ensino médio da educação básica quanto com profissionais da educação atuantes na mesma unidade de ensino, separadamente. O grupo de discussão foi considerado ideal de acordo com a proposição deste projeto pelo fato de que

A interação do grupo pode gerar emoção, humor, espontaneidade e intuições criativas. As pessoas nos grupos estão mais propensas a acolher novas ideias e a explorar suas implicações. Descobriu-se que os grupos assumem riscos maiores e mostram uma polarização de atitudes – um movimento para posições mais extremadas [...] (Bauer; Gaskell, 2015, p. 76)

Além do mais, segundo a doutora em Sociologia pela Freie Universität Berlin, Alemanha e especialista em Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais Wivian Jany Weller, enquanto método de pesquisa, os grupos de discussão

[...] passaram a ser utilizados a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas sobre juventude. Estudos clássicos da sociologia da juventude bem como da psicologia do desenvolvimento definem o *peer group* como sendo o espaço de maior influência na formação e articulação de experiências típicas da fase juvenil. É principalmente no grupo que o jovem trabalhará, entre outras, as experiências vividas no meio social, as experiências de desintegração e exclusão social, assim como as inseguranças geradas a partir dessas situações [...] (2006, p. 246)

Weller (2006) – cujos estudos e pesquisas se valem de questões que permeiam o universo do jovem, com destaque para projetos de vida juvenis em

contextos variados, o contraponto entre o estudante do ensino médio e o do ensino superior bem como os exames voltados ao ensino médio – versa sobre as vantagens obtidas por meio da utilização da metodologia de grupos de discussão em pesquisas com jovens e adolescentes, dentre as quais estariam: o estabelecimento de um diálogo que reflete melhor a realidade cotidiana por estarem entre colegas da mesma faixa etária, meio social e à vontade para utilizarem o vocabulário de costume; os detalhes desse convívio social ficarão em evidência pela discussão acontecer entre membros de uma mesma instituição/comunidade; os jovens estabelecerão diálogos interativos muito próximos dos travados em situações naturais de comunicação e expressão de modo que o entrevistador passa a assumir um papel de ouvinte e não de um intruso no grupo e, por fim, pode-se atribuir um grau maior de confiabilidade aos fatos narrados coletivamente, uma vez que a dialogia grupal pode retificar fatos deturpados, extremismos ou quaisquer tipos de desvios que não correspondem à realidade verificada em assembleia.

Durante o primeiro encontro, as discussões foram impulsionadas unicamente por questões geradoras; quais sejam, aos educandos e professores: *“Com o surgimento da Pandemia um novo cenário surgiu. Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por vocês neste cenário para manterem suas demandas – de estudos relacionados à escola (alunos) e de trabalho (professores)?”* e *“Vocês acreditam que falar sobre a morte, o adoecimento e os processos/momentos de luto pelos quais passamos em nossas vidas seria algo importante de se fazer na escola? Comentem sobre seus pontos de vista.”*

Contudo, o segundo e último encontro dos grupos de discussão foi marcado por dois momentos distintos, sendo o primeiro momento um *Workshop* literário por meio do qual a pesquisadora empreendeu junto aos participantes da pesquisa a leitura dos seguintes textos literários relacionados aos temas da morte, do morrer e dos lutos: um conto de Dalton Trevisan intitulado **Uma Vela para Dario**, um poema de Ferreira Gullar de título **Um Pouco Antes** e um livro infanto-juvenil de Peter Schossow denominado **Mas por quê – a história de Elvis**.

O *Workshop* literário ocorreu em uma biblioteca escolar, um espaço que, por sua estrutura, remete ao modelo tradicional de aprendizado. Os participantes estavam organizados ao redor de uma mesa, respeitando a disposição original do ambiente. Embora o formato não permitisse a criação de um espaço horizontal de

trocas proporcionado pelo uso de almofadas, a pesquisadora, atuando como uma contadora de histórias, buscou conduzir a dinâmica de forma envolvente e interativa.

Durante o compartilhamento dos textos, a voz modulada variava em tom e ritmo, criando suspense em momentos-chave e enfatizando passagens que evocavam emoção com o intuito de proporcionar uma experiência mais imersiva aos ouvintes. Atentou-se inclusive para que suas expressões faciais refletissem os sentimentos que atravessavam a leitura, tornando-a visualmente mais impactante, e seus gestos foram cuidadosamente pensados e utilizados para destacar trechos cruciais dos enredos.

Com olhar atento, buscou ler as reações dos participantes, ajustando tanto narrativas quanto declamação conforme percebia envolvimento, surpresa ou introspecção. O contato visual era constante, criando uma atmosfera de proximidade e confiança. Para complementar a experiência, quando do compartilhamento do livro de literatura infantil, fez questão de mostrar as ilustrações aos participantes, o que os auxiliou a se conectarem ainda mais com a história. Deste modo, as ações da pesquisadora, pautadas em sua paixão pela literatura e pelo ato de contar histórias guiaram a experiência não apenas ao desenrolar de uma atividade pedagógica, mas a um momento de autêntica partilha e humanização.

Neste ponto, os sujeitos envolvidos na pesquisa assumiram papel de leitores, mas não de forma apática, uma vez que

Observamos então que, na interação discursiva, o ouvinte/leitor/interlocutor tem papel essencial no pensamento bakhtiniano, pois a própria compreensão não é vista como passiva, mas ativa e responsiva [...] (Pistori, 2018, p. 26).

Isso se dá, principalmente, porque os conteúdos e os símbolos expressos nos/pelos textos avivam relações valorativas e dialógicas, pois ao ler/ouvir um texto sendo narrado o leitor considera não só o ponto de vista próprio, mas inclusive o “do outro” – a voz/conteúdo/valor daquilo que está sendo enunciado.

Assim, por exemplo, se num enunciado, ou mesmo numa palavra, ouvimos a voz do outro, é porque as posições semânticas dialogam. Na realidade, essas relações não se expressam na língua, mas no discurso [...] (Pistori, 2018, p. 27).

No segundo momento a literatura com a qual travaram contato tornou-se propulsora maior das discussões, a partir das seguintes questões geradoras aos educandos e professores: “*Quais as impressões de vocês sobre os textos?*”, “*Será*

esse tipo de leitura/literatura poderia contribuir de alguma maneira em nossas vidas? e *“De que modo vocês acreditam que esses temas poderiam chegar – aos alunos em geral (alunos) e aos trabalhadores em educação em geral (professores)?”*.

Neste contexto particular, necessário é deixar cair por terra a ideia de que a leitura literária não pode ser compartilhada, é um exercício unicamente solitário, que requer sempre plena introspecção. Neste sentido, essa espécie de “oficina de leitura literária” associada aos grupos de discussão, como o esperado, levou o debate mais além em exames e sentidos, uma vez que

O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que ele nos oferece. É por essa razão que lemos o mesmo livro de maneiras diferente em diferentes etapas de nossas vidas. Tudo isso fica ainda mais evidente quando percebemos que o que expressamos ao final da leitura de um livro não são sentimentos, mas sim os sentidos do texto. E é esse compartilhamento que faz a leitura literária ser tão significativa em uma comunidade de leitores. (Cosson, 2021, p. 28)

Em último estágio, a pesquisa fixada na análise dos dados coletados a partir dos grupos de discussão teve como substrato a análise do conteúdo. Tal análise é pertinente ao trato qualitativo dos dados. Sobre a análise do conteúdo, Bardin (2021, p. 44) afirma ser

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Tão logo findaram as discussões com os dois grupos a pesquisadora iniciou a transcrição dos áudios das entrevistas e se pôs a observar as falas dos sujeitos da pesquisa no intuito de identificar as categorias de análise. Firmadas as categorias, durante as análises a pesquisadora intentou desvelar percepções e significados a partir das falas dos participantes, por meio dos conteúdos explícitos – simples descrições, indicações de valores e pretensões. Pretendeu inclusive observar os conteúdos latentes – possíveis negações, contradições, figuras de linguagem,

reticências e entrelinhas; afinal, no empreendimento da análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2021, p. 40)

[...] o interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a «outras coisas». Estes saberes deduzidos dos conteúdos podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica, económica ... [...]

Levando em consideração a complexidade dos sujeitos e os elementos que poderiam se apresentar nas/a partir de suas falas bem como as problemáticas e objetivos de sua pesquisa, a investigadora definiu como essencial efetivar, tendo em conta a análise do conteúdo a partir das discussões e por meio das categorias de análise instituídas, um exame das ideologias que refletem valores de diversas ordens que inferem nas práticas das vivências escolares e práticas educativas (ou ausência delas) em relação à morte, ao morrer e aos lutos na educação básica. Tal procedimento se adequa à metodologia de análise de conteúdo ao atentarmos para a descrição de Bardin (2021, p. 43) sobre o fundamento da particularidade da análise de conteúdo:

[...] o que se procura estabelecer quando se realiza uma análise conscientemente ou não, é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, **ideologias** e atitudes) dos enunciados. De maneira bastante metafórica, falar-se-á de um plano sincrónico ou plano «horizontal», para designar o texto e a sua análise descritiva e de um plano diacrónico ou plano «Vertical», que reenvia para as variáveis inferidas. (Grifo da pesquisadora)

Neste sentido, a interpretação dos dados foi efetivada a partir da análise do conteúdo buscando a realização de uma pesquisa qualitativa acadêmica de modo ético, comprometida com a verdade. Assim, reforça-se aqui o compromisso da pesquisadora em ter estado atenta à consciência de seus próprios estímulos e ideologias peculiares para que não incorresse na deturpação dos sentidos quando da análise dos dados.

Assim, ao vislumbrar a importância de que o procedimento investigativo fosse sustentado por metodologias e abordagens que garantissem certa rigorosidade e clareza na inspeção dos dados a pesquisadora buscou espelhar essa crença no desenvolvimento da análise dos registros.

Respeitar uma teoria e um procedimento metodológico incorre também no respeito aos sujeitos da pesquisa e seus modos de vida, compreensão e expressão.

Portanto, buscou-se no processo desta pesquisa, desde a elaboração dos TLCEs até a reflexão analítica dos dados, considerar os voluntários em sua completude, levando em alta conta a manutenção de sua integridade física, moral e psíquica bem como o mundo de relações socioculturais do qual faziam parte e a partir do qual significavam e eram (re)significados.

Em suas reflexões finais a pesquisadora executou uma revisitação dos objetivos da pesquisa no sentido de analisá-los de forma rigorosa a fim de garantir que as conclusões em relação a eles fossem as mais confiáveis possíveis e fundamentadas em inferências concretas, sustentadas em análises não superficiais e interpretações coerentes.

Efetivada a aprovação do projeto pelo comitê de ética ficou estabelecido que os dados ficariam sob a posse da pesquisadora responsável pelo período de cinco anos. Ao fim deste período de guarda todo o material físico resultante da coleta de dados seria picotado e enviado para a reciclagem, sendo que o que fora coletado de outros modos seria excluído permanentemente.

4 APRECIÇÃO DOS DADOS

– Certo. É que a vida é assim mesmo: a cada um o que lhe é de direito. Agora é a vez de vocês. O importante é que, se ganharem o governo, vocês façam algo para acabar com esta coisa tão antipática de estigmatizar as pessoas, entre as que votaram “Sim” e as que votaram “Não”. É preciso ser moderno e sentar em cima das diferenças.

– O senhor pode se sentar no que quiser e onde quiser, Eu, não. A disputa entre o “Sim” e o “Não” vai permanecer por muito tempo, porque é uma questão de vida ou morte. Ou se deixam vivos os que pensam diferente ou se acaba com eles. Eu jamais esquecerei o que aconteceu.

Antonio Skármeta *In O dia em que a Poesia derrotou um Ditador* (2020)

Os dados a seguir postos e analisados foram coletados na dinâmica de grupos de discussão com um coletivo escolar a partir de duas classes de sujeitos – uma classe composta de 5 (cinco) trabalhadores em educação com formação em Letras e outra classe integrada por 7 (sete) alunos matriculados e cursando o Ensino Médio regular. Cada classe participou de dois encontros e conseqüentemente 2 (duas) discussões, tendo como desenho dos encontros o seguinte quadro: no primeiro encontro a primeira discussão a partir de 2 questões geradoras tanto para alunos quanto professores, que foram as seguintes: “*Com o surgimento da Pandemia um novo cenário surgiu. Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por vocês neste cenário para manterem suas demandas de estudos (alunos) ou trabalho (trabalhadores em educação) relacionadas à escola?*” e “*Vocês acreditam que falar sobre a morte, o adoecimento e os processos/momentos de luto pelos quais passamos em nossas vidas seria algo importante de se fazer na escola? Comentem sobre seus pontos de vista.*”.

O segundo encontro foi marcado por dois momentos, sendo o inicial um *Workshop* literário tanto com a classe de alunos quanto de professores no qual a pesquisadora apresentou textos literários com marcas de temas tanáticos – o morrer, a morte e o luto –, sendo estes: o conto de Dalton Trevisan de título **Uma vela para Dario**, o poema de Ferreira Gullar intitulado **Um Pouco Antes** e o livro infanto-juvenil de Peter Schossow nomeado **Mas por quê?! - A história de Elvis**. O momento seguinte se deu pela apresentação das questões geradoras da discussão que foram instituídas no sentido de os voluntários discorrerem acerca de impressões sobre os textos (re)conhecidos no encontro, sobre a literatura possivelmente

associada a um tanatoletramento e sua potencial relação com o cotidiano escolar: “*Quais as impressões de vocês sobre os textos?*”, “*Será que esse tipo de leitura/literatura poderia contribuir de alguma maneira em nossas vidas?*”, “*De que modo vocês acreditam que esses temas poderiam chegar a vocês (alunos/professores) em geral?*”.

Buscou-se, no ímo desta pesquisa, a partir de todo o planejamento das sessões de discussão, seleção do perfil dos voluntários, dos insumos para o *Workshop* literário bem como da formulação das questões geradoras, a obtenção de um *corpus* que pudesse nos auxiliar na observação de como os significados são construídos e as relações de poder, identidades e ideologias se constituem e se moldam por meio dos discursos de professores e alunos do Ensino Médio a fim de nos guiar a uma melhor compreensão em relação ao objetivo geral deste projeto – Compreender o lugar da tanatopedagogia no Ensino Médio – e específicos – Identificar em que contexto a tanatopedagogia ocorre (ou não) na escola; Inferir em que medida a tanatopedagogia poderia ser aplicada na escola e quais seriam as implicações desse movimento a partir de discussões intermediadas por textos literários e, por fim, averiguar os desafios da efetivação da tanatopedagogia nas unidades de educação básica bem como seus prováveis benefícios. Saliente-se aqui que os colaboradores da pesquisa dos dois grupos – de alunos e professores – receberam nomes fictícios com os quais suas falas estão associadas na análise dos dados: Grupo de Alunos: Aluna Alba, Aluno Dante, Aluna Esméria, Aluno Florian, Aluna Helena, Aluno Sereno, Aluna Solana e Grupo de Trabalhadores em Educação: Professora Aria, Professora Celeste, Professor Freya, Professora Gaia e Professor Orion.

4.1 Temas Recorrentes

As questões geradoras promoveram discussões dentre os grupos e, a partir da análise das transcrições das falas dos sujeitos da pesquisa e executando-se uma revisitação dos objetivos geral e específicos da pesquisa, efetivou-se a delimitação de 4 (quatro) temas recorrentes, sendo eles: 1 - O Lugar da Tanatopedagogia na Educação Básica, 2 - A Literatura como Ferramenta para Instauração da Tanatopedagogia na Educação Básica, 3 - Inadequação do Sistema Educacional no

Período Pandêmico e 4 - Necessidade de Formação Docente. A partir destes temas foi executada uma análise de produção de sentidos dos sujeitos para uma aproximação das percepções, inquietações e perspectivas dos sujeitos da pesquisa em relação à inserção da tanatopedagogia no ambiente escolar – com destaque no Ensino Médio – e pelo intermédio da arte literária.

4.1.1 O Lugar da Tanatopedagogia na Educação Básica

A carência de discussão sobre temas tanáticos – como a morte, o morrer e os lutos – no ambiente escolar dos participantes pesquisa é visível nos discursos de ambos os grupos colaboradores. Ponderou a Aluna Alba:

Bom, esse tema, de primeira, se chegasse aos alunos poderia gerar um pouco, talvez de espanto, de curiosidade, porque é um tema que eu não vejo muito ser tratado na escola. É um tema bem difícil de se falar. E se é falado, é muito pouco e você não tem um aprofundamento ou fala específica daquilo. A gente está ligado a uma coisa mais, digamos, a um teatro, algum filme, alguma coisa assim, então, a primeira impressão acho que seria bem diferente, uma coisa nova para aprender [...].

Declarou a **Professora Gaia**: “*Nós falamos nada...chegando você não sabe o que fazer. Estou só abraço e tipo não sei nem o que te falar. Fica quieto [...]*”. A fala da educadora coaduna com os resultados de pesquisas de Mahon, Goldberg e Washington, que

[...] verificaram que menos de um terço dos professores se sentem preparados para lidar com o tema da morte com seus alunos, a maioria acha que é importante que a criança tenha espaço para lidar com o tema. Entretanto, não cabe a eles cuidar desse aspecto, a responsabilidade é de profissionais especializados. (Mahon; Goldberg; Washington, 1999 *apud* Kovács, 2012, p. 75)

Contudo, a necessidade de abordagem desses assuntos em ambiente educacional é consideravelmente reconhecida tanto pelos alunos quanto educadores interlocutores, a partir de uma, Educação para a Morte. Nesse sentido, os educandos indicaram que todas as questões relacionadas ao seu desenvolvimento emocional, como as abordadas pela tanatopedagogia, devem ser incluídas nos currículos escolares:

Aluno Sereno: *O luto é uma experiência realmente muito complicada, eu só tive uma experiência de luto na época da*

pandemia. [...] Sou muito sensível, mas quanto a ele, eu não chorei. E isso me incomoda muito até hoje. [...] Quanto a ensinar isso na escola, é realmente necessário. As pessoas precisam saber gerir os próprios sentimentos, né? (Grifo da pesquisadora)

Aluna Helena: *Acho que é interessante falar sim sobre a morte, para acolher essas pessoas que estão passando por esse momento difícil e também para a gente ter uma consciência de que cada um lida com o luto de uma forma. [...] e aprender como lidar com as pessoas, acolher quem está passando por isso e até mesmo para entender os nossos sentimentos [...]* (Grifo da pesquisadora)

Aluna Solana: *[...] seria bom abordar esse tipo de assunto na escola sobre não se culpar por não sentir algo durante o luto, sua perda, porque isso também pode ser um processo normal de você se defender, de se proteger a si mesmo [...]* (Grifo da pesquisadora)

Tais ponderações e consentimentos em relação ao trato dos temas tanáticos por trabalhadores em educação em âmbito escolar possivelmente poderiam se sustentar pela ponderação de Weiss (1991) de que “o jovem não procura figuras parentais e sim os pares, figuras amorosas e amigos como principais fontes de apoio e encorajamento.” (Weiss, 1991 *apud* Kovács, 2012, p. 74). Nesse sentido, em relação ao luto, Kovács (2012, p. 75) explica que:

[...] jovens podem ser auxiliados na elaboração do luto. Nesta fase da vida, há desenvolvimento do pensamento formal com potencialidade para abstrações, por isso é importante estimular o jovem a fazer escolhas e expressar seus argumentos. Neste período, a ideia da morte se consolida, a discussão pode ser abrangente, permitindo reflexão. Jovens podem discutir e colaborar para a elaboração de programas de acolhimento de alunos que vivem situação de perda.

Os educadores do campo de pesquisa mostraram-se bastante abertos à instauração de uma Tanatopedagogia nas escolas, validando a proposição de Nardi *et al* (2022, p. 202) de que:

[...] a educação para morte é uma possibilidade que deve aparecer em diversos cenários. Circundar ambientes que proveem um dever social permite que haja movimentos instituintes de transformação social, ressignificando o silêncio ensurdecido da muda vivência do luto em um diálogo pautado no reconhecimento da finitude e do valor subjetivo da vida.

Deste modo, **Professor Orion** comentou: “[...] penso que falar sobre um assunto é sempre melhor, né? É sempre uma maneira de nós descortinarmos esse assunto, uma maneira da gente jogar luz, né...sobre um determinado assunto, né? E tantos assuntos que são tabus, né?” e **Professora Freya** declarou: “[...] a gente

sempre fala muito sobre vida, sobre ganhar, não sobre perder. Acho que trabalhar com as crianças sobre a morte pode fazer uma grande diferença, porque se a gente que é adulto não está sabendo lidar, imagina ela."

Quando os discursos dos educandos e trabalhadores em educação se mostram favoráveis à implementação da educação tanatológica, levando em conta a saúde emocional e psíquica dos envolvidos no processo educativo, opõem-se a ideologias sexistas e conservadoras ainda presentes no sistema educacional brasileiro, que ignoram a pluralidade de experiências humanas (como a de um menino se reconhecer sensível e querer chorar) e, deste modo, o debate sobre diversidade e violência de gênero, educação sexual, morte e outros temas considerados "tabus" nas escolas se torna explicitamente necessário. Isto porque estereótipos e exclusões não apenas ceifam e arruínam vidas mas também ocasionam um luto complicado. De acordo com Kovács (2012):

Domingos (2003) realizou pesquisa com adolescentes que perderam pessoas significativas por homicídio, suicídio e AIDS, situações carregadas de forte estigma. Essas situações podem levar a um não reconhecimento do luto porque são formas de perdas acompanhadas de violência e preconceito, como apontam Casellatto (2005) e Doka (1989). Nesses casos, família e escola deveriam trabalhar em parceria e não empurrar a tarefa como se não coubesse realizá-las. Às vezes o que se observa é que ambos os lados ficam na defensiva, família sentindo-se sem condições por estar sofrendo muito e educadores por não estarem preparados e também porque consideram que não é sua função. (Domingos, 2003; Casellatto, 2005; Doka, 1989 *apud* Kovács, 2012, p. 74)

Marcaram seus discursos os educandos, sobretudo, pela valorização de suas experiências pessoais relacionadas aos temas; e suas falas, alicerçadas na importância do suporte emocional e psíquico, indicaram que uma educação que envolva o exame e debate de conteúdos tanáticos é capaz de auxiliar na promoção de suporte emocional perante momentos difíceis: **Aluno Dante:** *"Perdi dois avós em 2017 e ainda tenho alguns problemas em relação à morte e traumas também. Acho que é um tema importante falar com os alunos, especialmente sobre suicídio."*, **Aluna Solana:**

Eu tive uma experiência com luto e com uma grande amiga minha. [...] Eu não entendia por que eu não podia mais ver ela. Eu não entendia por que ela estava no hospital. Isso realmente me afetou, então eu acho que falar na escola seria uma boa ideia.

Observando-se os depoimentos dos estudantes e, considerando-se que, de acordo com Schoen, Burrough e Schoen (2004 *apud* Kovács, 2012, p. 72) “A expressão do luto terá características e peculiaridades de acordo com ritos familiares e a cultura em que vive”, é plausível asseverarmos que a atuação da instituição escolar enquanto promotora de uma Educação para a Morte se faça fundamental para identificar, resguardar, acolher e orientar alunos, trabalhadores em educação e demais membros da comunidade escolar enlutados.

Em tal perspectiva faz-se indispensável (re)conhecer os tipos de morte e luto existentes para que se possa desenvolver um trabalho de manejo a contento. Nesta seara, Kovács (2012, p. 72) depõe e todo educador deve estar esclarecido de que:

É preciso considerar com cuidado o *bullying* como exemplo de morte simbólica para crianças e jovens na atualidade, envolvendo exclusão, isolamento, humilhação, relações desiguais, provocando medo, opressão, maus tratos, angústia e sofrimento. Podem ocorrer brigas, agressões físicas e, em casos extremos, até morte. Pode causar depressão, baixa autoestima, receio de expressar emoções, problemas de relacionamento interpessoal, uso excessivo de álcool e drogas, automutilação e, em casos mais graves, tentativa de suicídio.

É preciso que a escola e os trabalhadores em educação possam se preparar para perceber os enlutados anônimos no sentido de prestar-lhes o auxílio possível e dar-lhes espaço para expressar o que estão a vivenciar, o que talvez pudesse lhes fazer compreender melhor o processo. Não raro os próprios funcionários das instituições de ensino estão neste lugar de anonimato:

Rowling (1995) afirma que educadores, assim como profissionais de saúde, não têm seu luto reconhecido. Precisam continuar atividades de aula após perdas vividas no contexto escolar, sofrendo e sentindo desamparo. A ênfase nesses casos é que tudo deve continuar como se nada tivesse ocorrido, para não atrasar o programa, assim não há espaço para expressão do seu luto [...] (Rowling, 1995 *apud* Kovács, 2012, p. 76)

Desconhecimento, incertezas, dor e angústia – é provável que estágios intelectivos, emoções e estados psicológicos como estes expressos e reconhecidos pelos participantes da pesquisa em relação ao seu vínculo e modo de lidar com a morte, o morrer e os lutos e seu desejo de enxergar transformações novas e positivas no cenário educativo sejam a causa do não rechaço à discussão dos temas tanáticos em âmbito escolar. Sua aprovação é manifesta, com ambas as equipes levantando pontos a serem observados quando do empreendimento de estudos e esforços para a instauração de uma Tanatopedagogia na unidade de ensino: o

emprego de estratégias diferenciadas de abordagem dos assuntos correlatos, o apoio de profissionais da saúde mental, o emprego de seriedade e delicadeza na abordagem dos temas e interação com o alunado. Quanto a procedimentos possíveis, reportou a **Aluna Esméria**:

Eu acho que o jeito fácil de falar com essas pessoas talvez seria fazer uma pesquisa com pessoas que precisam de uma ajuda ou que queiram falar sobre esse assunto ou talvez até fazer uma palestra sobre morte, sobre suicídio e sobre o assunto que a gente está falando. E com um profissional, talvez uma psicóloga ou alguém do tipo que tragam conforto [...].

Há uma ampla gama de alternativas/caminhos em todas as áreas do saber para o desenlear de uma Educação para a Morte nas escolas e não é necessário temer a tenra idade do(a) aluno(a) para a abordagem de temas tanáticos. Esclarecem Conrad e Schwertner (2018, p. 149) que:

[...] não é necessário esperar que a criança esteja enfrentando um luto para então falar sobre a temática: o assunto pode ser introduzido quando a criança ainda é pequena, por meio de situações do dia a dia - perda de um objeto, tragédias que a assiste na televisão, mudanças de escola ou de cidade, morte de um animal de estimação, planta ou familiar.

Os autores, em adição, colocam que “Participar de um ritual ou cerimônia em lembrança aos mortos, independentemente das crenças que a família possa ter, é importante para que a criança compreenda o processo de ‘despedida’, de morte.” (Conrad; Schwerner, 2018, p. 159). Já Kovács (2012, p. 78) expõe alternativas distintas para integrar o tema da morte nos colégios:

[...] discussão de casos de alunos vivendo situações de morte; criação de espaços para sensibilização, escuta, acolhimento, reflexão, esclarecimento e expressão de sentimentos; [...] apoio familiares; atividades para o Dia de Finados e outras datas significativas; encaminhamento a profissionais especializados, produção de material didático sobre a morte.

Considerando a necessidade de sensibilidade e preparação para abordagem de temas delicados e estabelecimento de trocas com o corpo de estudantes, os professores mostraram-se preocupados em manejar uma Tanatopedagogia de modo eficaz e respeitoso, sem ferir crenças e ideias e trazendo os conteúdos à apreciação dos alunos de modo adequado. Sob este prisma **Professora Celeste** argumentou:

[...] *não é dar um foco na religiosidade, é falar sobre a questão. O sentimento de perda, da dor... você não vê religião, não vê cor, não vê gênero, não vê, é o que você está sentindo. Assim, tem que ter muita sensibilidade para não colocar no ponto de vista ou do catolicismo ou do espiritismo, entre outras é.... religiões [...]*

A preocupação da **Professora Celeste** em conduzir uma Tanatopedagogia no ambiente escolar de modo seguro e sensível, considerando crenças do alunado e suas subjetividades corrobora com a perspectiva freireana do professor libertador:

[...] o professor libertador nem manipula, nem lava as mãos da responsabilidade que tem com os alunos. Assume um papel diretivo necessário para educar. Essa diretividade não é uma posição de comando de ‘faça isso’ ou ‘faça aquilo’, mas uma postura de dirigir um estudo sério sobre um objeto, pelo qual os alunos reflitam sobre a intimidade de existência do objeto [...] (Freire; Shor, 2021, p. 283-284)

Um professor disposto a empreender uma Tanatopedagogia em associação às suas práticas pedagógicas não poderá fugir desta configuração, uma vez que um Tanatoletramento, uma Educação para a Morte, prescinde de um mediador capaz de construir um campo de diálogo para estudo crítico e sem omissões e engajar-se numa construção coletiva de sentidos, dando voz e vez aos seus alunos, o que nos leva a vislumbrar um outro conceito de Freire e Shor (2021) a tomar forma, o de aula libertadora – já que, se este professor não a concretizar, estará mais próximo de:

[...] a aula libertadora não aceita o *status quo* e os mitos de liberdade. Ela estimula os alunos a desvendar a manipulação real e os mitos da sociedade. Nesse desvendamento, mudamos nossa compreensão da realidade, nossa percepção [...] (Freire; Shor, 2021, p. 284).

4.1.2 A Literatura como Ferramenta para Instauração da Tanatopedagogia na Educação Básica

Nos grupos de discussão, tendo como ponto de partida o *workshop* literário com textos que trouxeram as marcas de conteúdos tanáticos – a morte, o morrer e os lutos – a literatura arte enquanto promotora de uma tanatopedagogia na educação básica (tomando como perspectiva maior o ensino médio) despontou como tema regular. Considerando-se as falas das duas classes de sujeitos participantes da pesquisa, entende-se que a literatura é valorada positivamente como ferramenta de uma provável instauração da tanatopedagogia na educação

básica, com destaque para o ensino médio. Tais falas demonstraram por meio de suas exposições que o literário pode estar a serviço da abordagem e ensino significativo de questões complexas (como a inevitabilidade da morte). Neste contexto, é possível levarmos em conta as palavras de Pennac (1993, p. 80-81) em relação ao exame de textos literários:

Cada leitura é um ato de resistência. De resistência a quê? A todas as contingências. Todas:

- Sociais.
- Profissionais.
- Psicológicas.
- Afetivas.
- Climáticas.
- Familiares.
- Domésticas.
- Gregárias.
- Patológicas.
- Pecuniárias.
- Ideológicas.
- Culturais.
- Ou umbilicais.

Uma leitura bem levada nos salva de tudo, inclusive de nós mesmos. E, acima de tudo, lemos contra a morte.

Estas linhas do escritor francês nos remetem à potência da literatura como instrumento facilitador de resistência e reflexão no que tange a temas desafiadores, delicados e omnipresentes, como os temas tanáticos. Aqui, tanto a literatura infantil/juvenil quanto aquela destinada ao público adulto podem ser levadas em consideração. De acordo com Cademartori (2010 *apud* Oliveira; Medeiros, 2020, p. 186):

[...] na investigação realizada durante o Mestrado de Ensino em Saúde evidenciamos as potencialidades da Literatura Infantil enquanto um material que pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem sobre a morte, por propiciar uma leitura do mundo através de outras perspectivas, entre elas, o entretenimento, a aventura estética e subjetiva e a reorganização de conceitos e vivências dos sujeitos envolvidos no processo da leitura.

Ao considerar a literatura como ferramenta pedagógica, os educadores colaboradores desta pesquisa realçaram sua capacidade de proporcionar um espaço acolhedor e protegido para o enfrentamento de questões mais densas, como as da morte, do morrer e dos lutos, permitindo que os alunos criem análises, explorem conceitos e emoções e elaborem significados ao seu modo e de uma forma mais descontraída:

Professora Aria: *E sobre esse livro? Desperta muita atenção a interpretação desse livro, cada um de nós aqui penso que tem na interpretação, elaborou uma interpretação. [...] Então te leva a várias interpretações, mas de uma forma gostosa, né, de uma forma lúdica, menos agressiva... porque hoje a morte, para nós, o principal medo do ser humano é o medo da morte. [...] Então precisa ser abordado de fato. O teu tema (da pesquisa), a tua abordagem é extremamente importante.*

Professora Gaia: *Fazendo uma ponte com o que a professora falou, de **Uma Vela para Dario**, trazendo para a realidade, né? Porque assim, depois que a gente morre, tem a curiosidade né... 'Meu, como é que funciona esse processo?' É né, meu, a gente não é nada, a gente vai lá...é levado, ninguém vê nada, tu não sabes...que só tem que lá dar uma roupa e pronto, mas e o resto, como é que funciona, né? Após morte a gente vai lá pro necrotério, fica lá, é mais um corpo lá, então se a gente...é um abandono que isso aqui retrata... [...]*

Aria apresentou a literatura com grande potencial educacional devido aos seus índices de polissemia e ludicidade. Assim, estabeleceu que a literatura tanática deve ter, sim, seu espaço e ser trabalhada nas escolas; Gaia deixou transparecer, quando da sua análise do conto, as grandes viabilidades formativas do objeto literário – a verossimilhança aqui é fator gerador de identificação e propulsora de instrução e contemplação.

Neste enquadramento da exequibilidade pedagógica da arte literária, a contextualização pedagógica dos conteúdos abordados fora também uma preocupação dos educadores. As exposições dos educadores se ajustam no sustento da importância do manejo do literário de modo que ele se torne acessível, faça sentido em relação às experiências e atenda às necessidades específicas dos educandos, como a de compreender melhor o universo do morrer, da morte e dos lutos:

Professor Orion: *E....gostei muito da abordagem do livro que a professora (pesquisadora) trouxe, **Mas por quê?**, uma **abordagem** muito interessante e poética sobre a questão da morte para trabalhar com as crianças né?*

Professora Gaia: *Poder adquirir conhecimento como uma pessoa que passa por esse processo e como professor você vai transferir o conhecimento na forma literária, na forma da literatura. A pesquisadora está abordando conosco aqui o tema e tem a maneira que a gente também pode adaptar para eles em sala de aula.*

Orion sugere que a poesia é um meio eficaz para tratar do enfrentamento de temas delicados; Gaia cita a necessidade de adaptar o conteúdo para a sala de aula, valorizando a personalização do ensino. A partir de seus depoimentos,

emergem percepções que reforçam o caráter formativo da literatura, não apenas como transmissora de conhecimento, mas como mediadora de experiências humanas fundamentais. No entanto, para que tal abordagem seja eficaz, necessário é um ambiente pedagógico que possibilite a modelagem e o engajamento criativo, o que demanda o respeito à diversidade e à autonomia do alunado, como advogou Freire e Shor (2021, p. 41): “[...] uma pedagogia autoritária, ou um regime político autoritário, não permite a liberdade necessária à criatividade, e é preciso criatividade para se aprender.”

Também os educandos se mostraram interessados em como uma tanatopedagogia poderia vir a figurar nas escolas, sugerindo que pudesse se dar a partir do emprego de diferentes insumos, metodologias e abordagens; porém, com a literatura sempre presente neste panorama:

Aluno Sereno: *Eu acho que a melhor forma é indiretamente né? Seguir essa linha que a Solana pensou, usando poemas, usando esses livros infantis é... no fundamental né? [...] mas também uma abordagem direta é interessante. Como a gente mencionou no...na entrevista passada é...com uma palestra para a escola inteira, sem chegar diretamente oferecendo apoio de forma geral né...para quem precisar poder vir conversar.*

Aluno Florian: *Eu acho que seria interessante trazer esse tema de uma forma mais interativa para a escola, né...através de livros, poemas também, filmes, teatros também seria interessante. E de uma forma mais leve, né, mais delicada, porque a maioria dos alunos têm problemas psicológicos, né?*

Sereno e Florian consideram importante a introdução da literatura relacionada a temas tanáticos no currículo escolar; contudo, a arte literária não deve ser a fonte exclusiva deste tipo conhecimento, o que atende à indicação de Kovács (2012, p. 77) de que “[...] há recursos didáticos como filmes e livros que se tornam elementos facilitadores para abordagem do tema da morte, como, por exemplo, ‘longas cartas a ninguém’ sobre suicídio, escrito por Julio Emilio Braz (1998) [...]”. Este entendimento de que o conhecimento deve de ser construído de uma forma ampla está alinhado à seguinte compreensão de Freire e Shor (2021, p. 300-301),

[...] devemos trabalhar, também, para ter algumas boas experiências em sala de aula com leitura de textos, que o professor deve considerar logo de início. Devemos continuar estudando nos livros, como outra forma de ler o mundo, além de ler o mundo sem passar pelos livros. Como é que a leitura dos livros pode dar aos alunos um contato com a realidade do país, e não apenas com a sua realidade

imediate? Isso exige que se leiam livros e jornais, que se veja televisão e se ouça o rádio, que se preste atenção à fala do povo nas ruas. O professor precisa saber como ler a realidade dos estudantes através dos livros, bem como através da própria realidade. A realidade não é um *positum*, estabelecido e perfeito, esperando que o professor o leve aos alunos como se fosse um pacote, ou um pedaço de carne. Não! A realidade é tornar-se, e não estar imóvel.

Pelas declarações dos educandos, é possível depreender que todas as disciplinas e setores da escola podem se desdobrar em torno de uma tanatopedagogia, que deve configurar-se de abordagem holística, uma vez que não apenas os aspectos cognitivos do alunado deverão ser considerados quando da sua efetivação, mas inclusive sociais, espirituais, físicos, criativos, emocionais, dentre outros. Esta educação multidimensional relacionada à tanatopedagogia (inclusive em associação à literatura que a intermedia) seria capaz, na aceção dos alunos, a partir do que se pode depreender de suas falas, de auxiliar na aceitação da morte desde a infância:

Aluna Helena: [...] *eu acho que é muito importante, desde pequeno já ser introduzido em filmes, na literatura até mesmo, pra gente se familiarizar com essa ideia de que a vida é um passeio, né? Todo mundo nasce e um dia vai partir e não ver a morte como uma coisa ruim.*

Aluno Sereno: *Eu acho que quanto mais for ensinado né para as crianças e para jovens, a gente previne mais problemas né; por que eu acho que o maior problema com relação ao luto é que as pessoas não entendem que é um processo completamente natural, né? Não só o sofrimento que é o luto mas também a morte [...] Uma literatura...um texto né...pode ajudar a gente a estar absorvendo isso, né? Para que problemas não aconteçam como a depressão, né...que afeta tanta gente [...]*

Helena e Sereno enxergam a literatura como artefato educativo e discorrem que por meio dela os temas da morte e dos lutos devem ser introduzidos de modo contínuo às crianças nas escolas. Depõem que a familiarização e a naturalização destes temas podem prevenir grandes choques e problemas emocionais como a depressão. Suas declarações comunicam que uma Educação para a Morte deveria se estabelecer desde cedo para qualquer pessoa, promovendo assim uma compreensão abrangente do ciclo vital, com a inclusão da morte, auxiliando as crianças a se desenvolverem menos temerosas e com saúde mental mais equilibrada. Referente a uma Educação para a Morte dirigida a crianças, Conrad e Schwerner (2018, p. 149) pontuaram que “[...] as histórias tornam-se um recurso

potente para abordar a temática. Se o livro for escolhido com cuidado e atenção, levando em conta a faixa etária da criança, fará com que ela reflita e pense sobre o assunto[...].”

Outro aspecto que uma educação sobre temas tanáticos poderia propiciar (envolvendo textos literários e até mesmo não literários), que foi possível extrair a partir das falas dos alunos, seria que se pode prestar ao suporte emocional, um espaço de acolhimento e ressignificação da dor: **Aluno Florian:** “[...] *eu acho esse tipo de literatura poderia contribuir para a nossa vida. Eu creio que até é uma forma de minimizar, não é... a dor de um luto.*”

Aluno Dante: *E lembrei aqui também que quando o meu avô por parte de mãe faleceu a minha mãe...ela pegou livros falando sobre morte né... E isso ajudou bastante ela assim; [...] minha mãe foi procurar ler, procurar saber mais sobre isso, sobre o luto né? E isso ajudou bastante ela.*

Os educandos veem na literatura um meio de educação, com destaque à formação emocional. Os verbos utilizados “ajudar” e “contribuir” evidenciam que a arte literária se faz uma relevante ferramenta de suporte quando da necessidade de manejo de emoções complexas no processo de cura. A literatura se faz recurso capaz de sustentar uma educação emocional (neste contexto relacionada às questões da morte, do morrer e dos lutos) a partir da qual os educandos poderiam compreender, gerir e expressar melhor suas emoções, sem receio de julgamentos. A questão é que muito raramente os profissionais da educação inserem literatura associada a temas como a morte em suas práticas pedagógicas e pouco desconfiam do potencial destas obras. Conrad e Schwerner (2018, p. 149) explicam: “[...] Acontece que, muitas vezes, a família e os próprios profissionais da Educação e da Saúde não têm conhecimento dos livros produzidos sobre a temática ou a forma de utilizar este recurso como função terapêutica para as crianças.”

Outro viés do tanatoletramento literário (letramento literário relacionado a conteúdos tanáticos) é de por meio do processo da leitura viabilizar uma identificação que se atrela à empatia – habilidade socioemocional que se faz condição para o suporte emocional. Quanto a isto, Aguiar (2006, p. 245) depõe que:

[...] O que importa [...] não é o texto em si, mas o uso que a ele se dá. Por tais vias, queremos salientar o caráter socializador da literatura, já que ela só se faz no diálogo com seu receptor. Por isso, ela pode atenuar o egocentrismo, dando margem a novas formas de interação com o mundo. Por essas vias, descobrindo o outro, o

sujeito se encontra enquanto ser humano; a consciência do outro leva-o à de si mesmo e das possibilidades de comunicação com seus pares [...] (Aguiar, 2006, p. 245).

É esta “consciência do outro” (Aguiar, 2006, p. 245), por intermédio do literário, que os relatos das Alunas Solana e Alba demonstram a seguir. A empatia, a habilidade humana de se identificar emocionalmente com as perdas e dores emocionais de outros humanos e, frente a situações adversas, reagir com cumplicidade e solidariedade se fez sentir através da literatura:

Aluna Solana: *Sobre **Uma Vela para Dario** como o Sereno disse é um texto mais mórbido. A minha sensação foi que mesmo que não seja algo visível, e seja um texto, dá uma sensação de revolta em mim. Tipo...você está lá vê uma pessoa agonizando, por 2 (duas) horas, as pessoas passam, não fazem nada. As moscas já estavam pousando no rosto dele ninguém fazia nada para espantar, roubavam...uma falta de respeito, falta...falta de tudo.*

Aluna Alba: *E o livro **Mas por quê? – a história de Elvis**...eu acabo até sentindo em mim só que não com pássaro só que com cachorro que eu já tive mais de 2 que vieram a morrer. E aí eu concordo com o pensamento da Solana que a gente acaba virando muito egoísta que a gente não quer ver o nosso colega nosso companheiro morrendo, queria que ele ficasse para sempre com a gente, o tempo todo. Então....então a forma que as pessoas nesse texto nesse livro falavam agiam com a garotinha mostra uma empatia.... compreensão.*

Solana expressa indignação frente à inoperância dos transeuntes em relação ao morrer de Dario, articulando a falta de empatia ao desrespeito e à desumanidade, enquanto Alba relaciona a narrativa do livro com suas próprias experiências de (re)conhecimento da impermanência, empatia e identificação. É possível, assim, destacar como as reações de Solana e Alba refletem diferentes formas de lidar com a morte e a passagem do tempo – a indignação de Solana pode ser interpretada como uma recusa ao esquecimento e à desvalorização da vida, o que se relaciona à ideia de legado ético e moral, uma vez que propõe que o modo pelo qual tratamos os convalescentes ou os mortos impacta nos valores transmitidos às futuras gerações. Já Alba associa a narrativa do livro às suas próprias vivências, demonstrando como a literatura pode servir como um meio de acessar e ressignificar memórias, ajudando a construir um legado emocional e simbólico sobre a morte e o luto que influencia na maneira como as pessoas lidam com a morte, o luto e a impermanência.

As intervenções de Sereno e Dante demonstraram esta relação entre literatura X transitoriedade da vida X memória X legados e destacaram o valor das lembranças e contribuições daqueles que já partiram para o consolo e inspiração à continuidade do viver dos sobreviventes:

Aluno Sereno: *Uma Vela Para Dario* (texto) *eu já tinha visto e é muito...é muito assim, mais mórbido que os outros. Assim, é uma visão um pouquinho mais triste do que os outros 2 textos, né? Fala mais sobre porque a vida acaba e que as coisas continuam. E que às vezes a gente pode até não ser lembrado, sabe? [...] Ser lembrado, ser amado e que às vezes a nossa vida se vai assim, questão de 2 horas, né?*

Aluno Dante: *É...o texto que eu mais gostei foi o poema né...Um Pouco Antes...que fala sobre a ideia de você lembrar da pessoa depois que ela morre. E aí uma coisa que eu lembro foi que quando o Diego Maradona morreu muitos argentinos falavam né...que ele era imortal entre aspas né? [...] essa ideia de que a pessoa não vai sumir porque está na sua cabeça ainda.*

Sereno pondera sobre o tom mórbido do conto de Trevisan, a partir de um exame pessoal que relaciona o morrer e a morte, respectivamente, com o inesperado e o esquecimento; Dante se refere ao poema em reflexão sobre a questão da memória e relacionando a morte do jogador argentino Diego Maradona com a lembrança eterna. Suas falas, ao trazerem à tona o impacto da empatia (ou sua falta) estruturam a forma como os indivíduos ou grupos preservam a lembrança dos que se foram. Neste quadro, o respeito e a solidariedade podem ser tidos como um legado humanizador, enquanto a indiferença leva à desumanização e apagamento das memórias. Assim, a empatia é índice de que as experiências e testemunhos daqueles que se foram permanecerão vivos na coletividade. Bosi (2023, p. 77) demonstra como esta permanência se constitui:

[...] os projetos do indivíduo transcendem o intervalo físico de sua existência: ele nunca morre tendo explicitado todas as suas possibilidades que ficaram latentes. Antes, morre na véspera: e alguém deve realizar suas possibilidades que ficaram latentes para que se complete o desenho de sua vida. [...] É a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desaparecem na aparência.

A memória e a força dos legados não apenas atestam uma permanência simbólica, mas também atuam na formação emocional dos indivíduos. Os professores demonstraram, através de suas manifestações, que coadunavam com

tal ideia quando sinalizaram que as produções artísticas relacionadas a conteúdos tanáticos eram capazes de auxiliar no desenvolvimento emocional dos discentes, impulsionando o fortalecimento da resiliência e da esperança no porvir:

Professora Aria: *Eu queria abordar o seguinte: aqui, o livro traz um pássaro. É importante hoje...as crianças, elas possuem pássaros, gatos, cães, peixes, todo mundo tem um pet. Se elas não conseguem, veja...é um apego muito grande. Então essa dor aqui, conforme o livro nos traz da personagem principal, é, muitas vezes o medo maior, é de perder o seu pet. [...] Então, além de nós trabalharmos com as crianças – é o momento de se deparar com a situação de perder pai, mãe e pessoas próximas – ainda temos o pet para administrar. [...] É a realidade, então temos que de fato trabalhar. Achei bem interessante.*

Professor Orion: *E uma frase do livro também que me chamou atenção e eu anotei, diz assim “e rimos, apesar de estarmos tristes”, então é possível, né? Nós mesmos é... com a dor do luto, ainda é possível sobreviver, ainda é possível rir, mesmo estando tristes. Então eu gostei bastante da abordagem do livro, gostei bastante das ilustrações também.*

As falas dos colaboradores revelam que a literatura pode ser ferramenta valiosa de desenvolvimento emocional para os alunos. Orion foca no potencial de superação de momentos dolorosos enquanto Aria destaca a importância de abordar a perda de animais de estimação como preparo para perdas humanas. As ideias dos educadores vinculam-se por uma noção de educação emocional ampla e contextualizada, que sublinha a que educação emocional abrangente deve de ser efetivada no sentido de auxiliar os educandos na preparação para a morte, o morrer e os lutos tanto de outros humanos quanto de seus *pets* ou qualquer outro tipo de vida que considerem e inspirá-los a seguir adiante rumo à felicidade, ao bem, ao belo e ao justo apesar dos contratempos. Neste contexto, a literatura em associação a uma tanatopedagogia seria uma via de acesso à promoção desta educação. Isto porque, como endossa Coelho (1991, p. 237):

[...] mais do que valores estabelecidos, a literatura de hoje deve propor *projetos de ação* e estimular a *consciência* reflexiva e crítica de seus leitores, a fim de que eles encontrem a *sua direção* e tenham capacidade para encontrar *um sentido* para a vida.

Enquanto os educadores estimaram o tanatoletramento literário como ferramenta de formação emocional em relação às questões tanáticas, os próprios alunos reconheceram este letramento como propulsor de autoconhecimento e meio

bastante eficaz para ressignificar conflitos e experiências pessoais e, deste modo, destacaram o papel da escrita artística para o fortalecimento da saúde mental:

Aluno Sereno: *Ano passado...ano passado eu passei por um momento muito complicado por causa de uma pessoa, mas muito complicado mesmo. Eu perdi peso, entrei numa depressão severa; assim, tive que até procurar ajuda médica. E uma coisa que ajudou pra caramba foi escrever, de fato. Eu comecei a escrever, haicai, e escrevo até hoje. Eu tenho um caderninho dos Beatles que eu comprei num dia lá e eu escrevo até hoje. Vou escrevendo, escrevendo, escrevendo. E ajudou muito, porque a gente expressa aquela dor, né?*

Aluna Helena: *[...] até mesmo, de repente fazer uma oficina para os alunos escreverem, porque eu acho que a escrita ajuda muito. Aí claro, né...fica aberto para quem quiser compartilhar, quem não quiser, só mostra para professora, porque eu acho que a escrita pode ajudar sim nesse processo de cura também.*

Helena e Sereno veem a escrita relacionada ao processo de ensino-aprendizagem dos temas tanáticos como um bom suporte terapêutico. A aluna destaca a importância do compartilhamento facultativo das escritas e o educando descreve uma experiência pessoal para ilustrar processos de enfrentamento da dor com auxílio do letramento literário. Suas concepções se integram numa ideia de escrita terapêutica catalizadora de autoexpressão, que reconhece a redação como ferramenta muito potente de (re)significação de emoções e materialização do eu – neste sentido, uma Educação para a Morte que inclua boas propostas de trabalho com a escrita literária pode contribuir bastante para a promoção do equilíbrio e inclusive da cura emocional dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, o que só é possível porque a escrita literária é via de manifestação da arte, que se faz meio de deslocamento da subjetividade, permitindo compreensões alternativas da experiência humana, como explicou Favaretto (2010, p. 232):

[...] as obras, os experimentos, as proposições de toda sorte, funcionam como interruptores da percepção, da sensibilidade, do entendimento; funcionam como um descaminho daquilo que é conhecido. Uma espécie de jogo com os acontecimentos, de táticas que exploram ocasiões em que o sentido emerge através de dicções e timbres, nas formas não nos conteúdos; uma viagem pelo conhecimento e pela imaginação: são imagens que procuram captar o tipo de deslocamento da subjetividade promovido pelas obras da arte.

Neste sentido, assim como outras formas de arte associadas a temas tanáticos, a escrita literária interrompe padrões estabelecidos de percepção e

promove uma reorganização do pensamento e das emoções, promovendo novos sentidos e perspectivas e, conseqüentemente, uma relação mais consciente e humanizada com a morte e o luto, indicativos de equilíbrio emocional.

4.1.3 Inadequação do Sistema Educacional no Período Pandêmico

A análise das falas presentes na primeira discussão de alunos e trabalhadores em educação revela que ambas as classes de sujeitos enfrentaram grandes adversidades no período pandêmico, o que repercutiu de modo desfavorável em suas experiências formativas, profissionais e afetivas. De acordo com Vieira e Ricci (2020, p. 04-05),

[...] o contágio pelo COVID-19 foi promotor de uma crise mundial nos diversos campos, ocasionando mortes, desemprego e instabilidade social. Além disso, restou evidente que a proclamada educação como direito de todos, ainda está longe de ser um direito efetivado, existindo, nos diferentes países, de forma mais ou menos acentuada, um abismo entre o direito anunciado e o direito efetivamente desfrutado [...]

Nas falas dos educadores, a menção a desafios administrativos em cenários complexos foi peculiar, e se fez manifesta em seus discursos, posto que os conflitos com pais e alunos negacionistas da pandemia de Covid-19 dificultou deveras a execução das funções burocráticas e pedagógicas dos profissionais da educação tanto dentro das escolas como por trás de uma tela: **Professora Freya:** “[...] *o que a gente via [...] é muita gente negando, que a pandemia não existia, que era só uma gripezinha. Os próprios pais já passavam isso pros filhos, desacreditando de tudo que a gente preparava e fazia.*”

Professora Celeste: [...] *lidar com a comunidade que são os alunos e os pais, foi muito complicado, porque muitos negavam a pandemia, não aceitavam, chegavam aqui no balcão completamente assim, fora de si, exasperados: ‘Ah, que isso é uma besteira, não tinha que fechar a escola!’.*

Os comportamentos e declarações dos pais e alunos sublinhados nas falas das educadoras são fruto de uma ideologia mercadológica neoliberal que tem como foco o crescimento econômico – neste contexto é praticável/conveniente negar uma pandemia para que crianças e jovens tenham onde permanecer enquanto os pais trabalham e produzem para o mercado. Pelas palavras de Fensterseifer e Santos

(2016 *apud* Nardi *et al*, 2022, p. 201), “[...] a morte se estrutura como um momento de tristeza, muitas vezes negada, já que fere o princípio de felicidade, presente na construção capitalista.” Assim, tudo precisa permanecer em pleno funcionamento, para que se propague uma sensação de normalidade e a roda da economia permaneça girando sem oscilações.

Nas falas dos professores vigorou uma ideia de inadequação do sistema educacional, o que indica que o sistema de ensino da educação básica, ao menos em instituições públicas (atentando-se que o campo de pesquisa foi uma escola pública) não se mostrou eficiente nem com qualidade ou sensível para atender as demandas do professorado e alunado durante aquela fase:

Professora Gaia: *Eu acho que a gente não estava preparada para lidar... a gente não sabia como lidar, né? A gente só via noticiário, noticiário. Eu acho que o que afetou primeiramente todo o mundo nessa questão de trabalho, para qualquer um, foi a questão do psicológico, não é?*

Professor Orion: *Eu tive apenas uma aula presencial...então é nesse cenário...muita dificuldade porque nós tínhamos que criar material para esses alunos...nós estávamos tentando criar materiais que inclusive nos deixavam um pouco frustrados. Porque parece que a falta da sala de aula acabava nos frustrando.*

As falas de Gaia e Orion desnudam o descompasso existente entre as necessidades dos docentes e as condições oferecidas pelo sistema no período pandêmico. Seus relatos indicam a incapacidade do sistema de ensino de se adaptar rapidamente às demandas emergenciais de suporte pedagógico e emocional tanto de alunos quanto de trabalhadores em educação, o que vai ao encontro da exposição de Parente, Barbosa e Lima (2022, p. 15) de que,

[...] além das perdas significativas e da situação de tensão permanente, um dos maiores desafios apontados pelos professores foi lidar com a sobrecarga de trabalho. O momento exigiu aulas remotas, mesmo dispondo de poucos recursos, além da prestação de auxílio pedagógico muitas vezes após o expediente, bem como o suporte às questões emocionais desses adolescentes, ainda que os professores não se sintam aptos para oferecer esse cuidado. Isso indicou uma situação de precarização do trabalho, uma vez que a categoria profissional se queixou de ter sido cobrada mais do que o costume e sobre a falta de valorização no cumprimento de seu papel.

Tanto alunos quanto professores elencaram como maior desafio, o Isolamento ao qual ficaram relegados, figurando nas falas dos alunos uma valorização da educação presencial – sem a qual foi possível vivenciar uma defasagem escolar e,

principalmente, perda no nível das relações sociais, pondo sentimentos de desconexão e desamparo em evidência: **Aluno Sereno:** “[...] a pandemia foi um momento muito complicado porque foi um momento de isolamento... e o estudo pra mim ficou completamente em stand by.” **Aluno Dante:** “[...] eu também tive dificuldade em conversar com as pessoas porque 2 (dois) anos em casa perdi muitas amizades. Com essa pandemia eu voltei muito mais tímido.”

Sereno dá ênfase ao isolamento pelo qual passou durante a pandemia, evidenciando a dificuldade da situação para ele, período em que pelo relato demonstra que priorizou o cuidado com a sobrevivência; Dante discute sua capacidade de interagir afetada pela Pandemia; tornar-se mais tímido após a pandemia reflete um certo comprometimento de suas habilidades socioemocionais, posto que sua desenvoltura para interações sociais fora prejudicada. Depreende-se, a partir de suas declarações, que no quadro vivido a percepção de isolamento e ações isoladas exacerbaram-se, pondo sentimentos de desconexão e desamparo em evidência. Parente, Barbosa e Lima (2022, p. 05) esclarecem que:

[...] o fechamento das escolas impactou não só para o processo de aprendizagem, mas também o desenvolvimento das habilidades socioemocionais devido ao isolamento social. Para famílias cujos membros foram alocados em trabalho remoto, a casa passou a ser um lugar onde as rotinas de estudo e trabalho se chocavam e isso também intensificou as relações dos membros.

Nas falas dos educadores observou-se a percepção de uma centralidade do ensino presencial na educação pela noção de que a educação não se pode fazer isolada das relações face a face, não pode prescindir da interatividade que se constitui no ambiente escolar. Tal visão pode ter origem em impactos e desafios enfrentados durante a pandemia, tanto na esfera educacional quanto emocional e psicológica, como dificuldades e inseguranças enfrentadas pelos educadores na adaptação de materiais didáticos e em performar aulas online bem como limitações em conceber a vulnerabilidade humana, a finitude e o trato com situações-limite: **Professor Orion:** “[...] a educação demanda muito contato, né? A educação demanda muito o presencial, né? É impossível a gente pensar numa educação é... isolada, sem o professor.”

Professora Aria: Nós tentamos nos adaptar ao ensino online, mas foi evidente que a qualidade do ensino caiu. Muitos alunos não conseguiam acompanhar as aulas e nós, professores, sentimos

muita falta do feedback imediato que temos em sala de aula. Isso tornou nosso trabalho muito mais difícil e menos gratificante.

A fala dos professores Orion e Aria evidencia como a pandemia expôs a centralidade do contato presencial no processo de ensino-aprendizagem, além das dificuldades enfrentadas no ensino remoto, como a queda na qualidade e a falta de interação direta. Essas questões dialogam com a análise de Vieira e Ricci (2020), que destacam a necessidade de repensar o modelo educacional e investir em políticas que garantam equidade e adaptação tecnológica:

[...] a pandemia provocou também reflexões profundas em todas as instâncias sociais e, logo, também, em relação ao modelo educacional vigente. Diante das dificuldades encontradas, tornou-se claro que assentir às mudanças do campo educacional e às tecnologias exige um grande movimento, que envolve investimento massivo, tanto em Políticas Sociais - uma vez que a igualdade e equidade de acesso aos bens sociais conversam com esta questão -, quanto em Políticas Educacionais e de formação e valorização docente [...] (Vieira; Ricci, 2020, p. 04-05).

Como o campo de pesquisa fora uma escola central da cidade de Joinville, SC, situada em um bairro onde os moradores, em geral, possuem boas condições econômicas, a maioria dos educandos relatou que possuía acesso a equipamentos e *internet* durante a pandemia (assim, a falta de acesso às aulas online não foi uma realidade vivida pelos alunos participantes da pesquisa) embora saibamos que uma grande exclusão digital se fez e faz dentre os alunos das instituições públicas de todo o país. Deste modo, Capuzzi e Santos (2020 *apud* Parras; Mascia, 2022, p. 415) sustentam que:

[...] é importante que se pense em políticas públicas que capacitem os professores para o ensino híbrido e viabilize a inclusão digital dos alunos a fim de que a educação cumpra seu papel de tornar possível o acesso à cidadania e não se torne ferramenta de fomento às desigualdades.

Apesar do acesso aos meios digitais, observou-se que vigorou de forma exclusiva nas falas do alunado uma sensação de 'trapaça' na resolução de atividades com oportunidade de pesquisas na *Internet* e outros meios. A percepção de uma ideologia de pragmatismo instrumental na educação evidenciada pela análise de suas declarações demonstrou que isso foi bastante comum para muitos alunos, uma vez que a efetivação do ensino remoto fora bastante pautada na produtividade e, para dar conta da demanda de tarefas tinham que encaminhar

atividades de pesquisa e escrita com muita constância, diferentemente do ensino presencial em que uma infinidade de metodologias podiam se apresentar e a dialogicidade se podia explorar bem mais e de modo mais democrático: **Aluna Helena:** “[...] *na pandemia a gente trapaceou muitas vezes e eu acho que a maior questão é que ficou muito mecânico assim, fazer as coisas para entregar.*”, **Aluna Alba:** “[...] *a gente não aprendia porque usava notebook ou computador ou celular pra pesquisar durante a prova [...]*”, **Aluno Florian:** “[...] *eu fazia como elas falaram, pesquisava tudo no Google online e não prestava atenção nas aulas e até hoje tenho um problema em análise em algumas matérias.*”

Helena reconhece a superficialidade (falta de envolvimento) no processo de ensino-aprendizagem; Alba e Florian destacam a dependência da tecnologia na execução da referida ‘trapaça’. Pelas suas declarações depreende-se que cumprir tarefas, acima de tudo, tornou-se preocupação de alunos no processo ensino-aprendizagem com aulas remotas, deixando em evidência a deficiência do sistema educacional do período pandêmico. Evidenciam os relatos dos estudantes que, sem um acompanhamento adequado e estratégias eficazes de engajamento, os alunos perderam bastante o interesse e a conexão com o conteúdo das aulas. Vieira e Ricci (2020) argumentam que a aprendizagem requer um planejamento pedagógico eficaz e, principalmente, a motivação dos alunos para que se engajem nos processos de ensino:

[...] diante do desafio de alcance e manutenção do engajamento dos estudantes durante o regime especial de atividades, [...] Evidenciou-se que não temos angariado êxito na tarefa de preparar nossos alunos para que sejam aprendizes e estabeleçam uma relação ativa e investigativa com o conhecimento, tampouco para que usem as tecnologias para esta finalidade. Logo, existe também uma reflexão provocada pela percepção da importância desta motivação para os processos de aprendizagem e de ensino. Este período de atividades escolares em casa evidenciou que a aprendizagem, além de envolver planejamento e mediação competente de um profissional com formação para tanto, o que, por si só, já é tarefa difícil, envolve também a capacidade de motivar os estudantes para que se engajem aos processos de aprendizagem - e os pais, em sua maioria, ainda que recebam conteúdos devidamente selecionados e planejados, não conseguem promover esta motivação de modo que seus filhos sejam independentes e autodeterminados para aprenderem, o que dificulta a realização das atividades e a aprendizagem em casa [...] (Vieira; Ricci, 2020, p. 04).

Citada por Vieira e Ricci (2020, p. 04), esta motivação capaz de gerar engajamento do alunado, faz-se a partir do momento em que os alunos percebem sentido no que aprendem. O caráter mecânico da aprendizagem no ensino remoto dificultou a vinculação do educando ao processo ensino-aprendizagem. A tanatopedagogia, dentro e fora deste contexto, ao abordar temas como morte, luto e finitude, pode contribuir para que os estudantes desenvolvam uma relação mais autêntica e profunda com o conhecimento, promovendo reflexões sobre a vida e sua transitoriedade e as relações interpessoais em face dos conteúdos tanáticos, tópicos que abrem espaço a uma educação reflexiva e afetiva, que não se limita ao rendimento escolar e que, pela abertura às experiências pessoais, provavelmente geraria maior motivação e engajamento do alunado. Assim, como a tanatopedagogia poderia tornar o ensino mais autêntico e profundo, Vieira e Ricci (2020) apontam que o ensino como um todo deveria ir além da simples transposição de conteúdos:

[...] este período provocou também muitas reflexões - ou lições, ainda que iniciais - acerca do que precisará ser mudado na escola "pós-pandemia". A primeira destas reflexões refere-se ao fato de que quem apenas segue currículos, sem estabelecer relações diretas com seu público e com a realidade que o cerca, não entendeu o mandato educacional. Ou seja, não é prática viável apenas transpor conteúdos dos documentos curriculares, prescindindo dos pilares do que constitui o fazer docente: o planejamento, a seleção de conceitos e objetos de conhecimento, a reflexão acerca do que, a quem e para que queremos ensinar. É necessário ter claro que, ainda que neste momento ocorram de forma não presencial, estas são práticas de ensino escolares e possuem, portanto, caráter intencional [...] (Vieira; Ricci, 2020, p. 03)

Como indicam Vieira e Ricci (2020, p. 03), o cenário pós-pandemia exige uma reformulação de práticas escolares, as quais devem estabelecer conexões significativas com a realidade dos educandos. Neste quadro, a tanatopedagogia surge como uma abordagem essencial na educação básica, dado que possibilita o desenvolvimento de competências cognitivas ao passo que também promove e acolhe experiências emocionais e singulares dos estudantes. Deste modo, vulnerabilidades e desigualdades acentuadas pela pandemia reforçam a importância da prática de abordagens como a de uma educação para a morte, que integram o cuidado emocional ao processo de ensino-aprendizagem. Vieira e Ricci (2020) sublinharam como o educador/a escola deveria agir quando do retorno dos alunos às escolas no pós-pandemia de Covid-19; porém, tais ações podem ser aplicadas

num *continuum* pelos trabalhadores em educação e instituições escolares, dado que se aplicam a causas recorrentes:

[...] é imprescindível também que seja atribuído maior enfoque ao acolhimento destas crianças e jovens, destinando-os um olhar atento, que nos possibilite estar sensíveis à identificação não só dos prejuízos escolares, mas de possíveis situações de violência física e sexual, bem como questões de prejuízo da saúde mental. Em resumo, a desigualdade e vulnerabilidade, já visível, e muitas vezes ignorada, na escola presencial, foi fortemente acentuada com a pandemia. (Vieira; Ricci, 2020, p. 03)

As questões de violência, de prejuízo mental, tanto quanto de desigualdade ou vulnerabilidade citadas pelos autores implicam, na maioria das vezes, em morte simbólica e, conseqüentemente, um luto a ser vivido e ressignificado. Assim, uma educação para a morte na educação básica, que promovesse um ambiente escolar mais humanizado e inclusivo e no qual o acolhimento fizesse parte essencial da prática docente, contribuiria sobremaneira para a saúde mental dos envolvidos no processo e a transformação social.

4.1.4. Necessidade de Formação Docente

As aflições dos educadores no tocante ao desconhecimento da abordagem tanatopedagógica, bem como de um possível manejo dela, fizeram-se tão profusas e declaradas durante as discussões que se elegeu, ‘necessidade de Formação Docente’ como uma categoria a ser efetivada e analisada. Quando do contato com os textos, pelo workshop, os trabalhadores em educação observaram o literário mais a partir de sua atuação profissional, assinalando a necessidade de capacitação docente e desenvolvimento de adequação pedagógica dos conteúdos para a execução de um trabalho de Educação para a Morte:

Professora Aria: *Eu preciso me sensibilizar em relação ao tema. Eu preciso saber o que dizer e como dizer, né? Além, além de... tem que ter uma técnica, né? Precisa ser pensada. Um processo, um procedimento, porque eu tenho que... se eu vou falar, eu tenho que saber o que eu estou falando também das palavras certas aqui. Tudo que nós na sala de aula gera, né... ali, algo.*

Professora Gaia: *Mas é aquilo que a gente falou e continua frisando né... a questão da capacitação, né? Pra gente poder ensinar, a gente também tem que ter propriedade do que a gente está falando.*

Professora Celeste: *Porque eu penso assim, que sem uma capacitação, né...por profissionais já estão preparados, um*

professor...vamos dizer chega na sala...nós somos leigos para falar sobre isso, porque cada um tem uma vivência, tem um sentimento. Agora como é que eu vou tratar sem uma capacitação com o meu aluno a questão do luto, da morte de um familiar, de um amigo, de um vizinho, até de um coleguinha de classe, que pode morrer, como é que eu vou tratar disso? Como é que eu vou?

As docentes assinalam a necessidade de haver formação profissional para abordar temas sensíveis como a morte e o luto de modo assertivo, sensível e responsável. Aria enfatiza a importância de se adquirir técnicas e procedimentos mais específicos e claros; Gaia destaca sobre se ter propriedade em relação ao que está ensinando e Celeste ressalta a autopercepção das limitações profissionais e a necessidade de superá-las. Suas exposições se entremeiam por uma ideologia de responsabilidade educacional, que destaca a necessidade de formação continuada para que os profissionais possam tratar de temas tanáticos nas escolas de modo eficaz e cuidadoso e evitando impactar negativamente o alunado. A reflexão de Aria, Gaia e Celeste, sobre a necessidade de formação profissional para lidar com temas tanáticos, insere-se em um debate mais amplo sobre os desafios da formação continuada no Brasil, sobre os quais Gatti (2016, p. 167) pondera:

[...] na formação continuada, oferecida sob várias condições, ou procurada em vários contextos pelos próprios professores, é que estes tentam encontrar novos caminhos e mais fundamentos e meios para seu desempenho profissional. Nem sempre esta formação se acha disponível, nem sempre ela é adequada.

A formação docente, ao olhar dos educadores participantes da pesquisa, está atrelada também à possibilidade da criação de espaços seguros nas escolas para o exercício de uma tanatopedagogia, pautando-se na prudência da abordagem, como se pode perceber a partir das falas:

Professor Orion: *E esse tema (morte) é um tema muito sensível, né? E um tema muito delicado. E é um tema tabu, né? [...] É um tabu realmente, que precisa ser quebrado e que precisa ser pensado realmente como fazer pra trazer esse tema tão importante, pra chegar aos profissionais da educação para que eles consigam repassar isso.*

Professora Celeste: *Eu penso que deve ser tratado sim, esse assunto, assim como os outros demais assuntos também são. Mas acho que tudo tem que ser assim, com leveza, com delicadeza, né? [...] porque assim, se você não tem essa leveza, essa delicadeza para falar sobre esse assunto ou qualquer outro tema com uma criança, pode desencadear algum tipo de emoção.*

Celeste enfatiza a necessidade do tratamento dos temas com delicadeza para evitar o desencadear de emoções negativas nos alunos, o que assinala a importância de um preparo em vários níveis, inclusive cultural e psicológico, para a abordagem de temas tanáticos. Orion pontua que a morte é um tema evitado na sociedade e, conseqüentemente, no ambiente escolar, sugerindo que trabalhá-lo não venha a ser um trabalho simples. As declarações de Orion e Celeste enfatizam a necessidade de se criar um ambiente protegido, que permita a exploração dos temas da morte e do luto sem ferir crenças ou valores pessoais. Suas falas indicam a importância da formação docente em tanatopedagogia para que os educadores se sintam bem-preparados e confiantes para trabalhar com assuntos tão delicados. Em relação a esta formação, Silva e Valle (2008 *apud* Kovács, 2012, p. 73) propõem:

[...] a criação de atividades de capacitação para educadores incluindo informações sobre doenças, tratamentos e como lidar com crianças e jovens doentes. Esta proposta deveria ser estendida para os colegas de sala, que convivem com o jovem no seu processo de recuperação, respondendo às questões e possíveis processos de identificação. Crianças e jovens enfermos serão assim acolhidos em suas limitações, tendo suas potencialidades valorizadas.

Compatibilizam com a ideia dos profissionais os educandos, ao requerer um tratamento gradual e delicado das temáticas da morte, morrer e lutos em ambiente escolar, como se pode observar, por exemplo, por meio das falas: **Aluna Solana:** *“Sobre ser abordado na escola, eu acho que poderia ser através de poemas mesmo. É uma forma mais simples, mas delicada, calma, e não...não tão abrupta, não tão forte, não tão direta.”*

Aluno Dante: *[...] eu acho que tem alunos que não se sentem confortáveis em falar sobre em sala de aula ou alguns temas que sejam pesados para algumas pessoas, né? Então, eu acho também que o aluno, ele tem que, se precisar falar sobre o tema, em particular, alguma coisa assim, que seja como o professor, que não seja exposto a outros, entendeu?*

Os estudantes sujeitos da pesquisa concordam com uma abordagem gradual e sensível de temas tanáticos. Solana propõe que tais temas sejam apresentados por meio de poemas, pelo fato de que pelos mesmos os assuntos possam apresentar-se de forma ‘não tão abrupta’; Dante pontua que alguns alunos podem querer conversar sobre os temas no privado, sem desnecessárias exposições. As

manifestações de Solana e Dante se relacionam por uma ideologia de respeito ao conforto e limites dos alunos, que realça a importância de uma abordagem aos temas morte, morrer, luto e demais assuntos relacionados que seja delicada, que considere a diversidade de identidades, crenças e opiniões bem como se atente aos limites de privacidade e exposição dos alunos. Neste ponto, atentamo-nos para a pertinência de que uma educação estética faça parte da formação docente, uma vez que, de acordo com Ferreira, Aragão e Pucci (2022, p. 371):

[...] a educação estética pressupõe [...] uma proposta formativa que se baseia na organização de situações sociais favoráveis à percepção sensível da realidade e ao fortalecimento dos vínculos afetivos dos sujeitos, de modo a possibilitar a ocorrência de vivências.

No intuito da construção de uma abordagem eficiente e segura para se tratar da tanatopedagogia na escola, formação docente e formação estética se complementam, uma vez que a formação docente tradicional fornece conhecimentos teórico-metodológicos e a formação estética amplia a capacidade de perícia, de afetar-se e promover experimentações sensíveis, o que torna mais fácil e constante uma conexão empática com os alunos. Logo, a escola se torna um espaço onde a morte, o morrer e os lutos passam a ser temas em desinterdição, o que gera um ambiente mais acolhedor, democrático, promotor de saúde mental e dos direitos humanos.

Neste contexto, a literatura, a pintura, o cinema e outras manifestações culturais podem servir como instrumentos para mediar reflexões e discussões acrescentadamente amplas e seguras com os educandos, tornando o aprendizado mais acessível e menos abrupto. Dessa maneira, à medida que a tanatopedagogia trabalha com e resguarda o emocional do alunado, no sentido de promover amadurecimento psíquico, também colabora na composição de uma educação altamente solidária e alinhada à realidade humana.

Ao propor a inclusão de reflexões sobre temas tanáticos, requer a tanatopedagogia não apenas o domínio de conteúdos, mas uma incursão no autoconhecimento e na sensibilização em favor do trabalho com questões afetivas e subjetivas. Como destaca Celório (2013, p. 15), "[...] toda a formação é (auto)formação, pois todo o aprendizado está permeado pela história de vida dos sujeitos." Essa perspectiva evidencia que a formação docente deve ser tida como

uma construção contínua, que considera as vivências individuais e os significados que cada professor atribui ao aprendizado.

Nesse sentido, como a postura e atitudes dos professores influenciam diretamente os alunos, abordar a tanatopedagogia no ambiente escolar exige que os educadores reconheçam sua própria relação com a morte e o luto. Kovács (2012, p. 75) reforça esta ideia ao afirmar que "[...] educadores precisam entrar em contato com sua visão de morte, seus processos de luto, já que exercem influência significativa em seus alunos, atentos às suas palavras e ações." Isso significa que o professor, além de mediar aquisição de conhecimentos, também modela comportamentos e emoções ao lidar com os temas tanáticos de modo autêntico, profundo e compassivo.

5 REFLEXÕES FINAIS

*O tempo é indivisível. Dize,
Qual o sentido do calendário?
Tombam as folhas e fica a árvore,
Contra o vento incerto e vário.
A vida é indivisível. Mesmo
A que se julga mais dispersa
E pertence a um eterno diálogo
A mais insequente conversa.
Todos os poemas são um mesmo poema,
Todos os porres são o mesmo porre,
Não é de uma vez que se morre...
Todas as horas são horas extremas...
E todos os encontros são adeuses*

Mário Quintana - Pequeno Poema Didático
In: Apontamentos de História Natural
(2012)

A partir das análises dos dados da pesquisa, evidenciou-se o contraste entre as sentenças das falas dos professores e alunos participantes e as ideologias que atualmente estruturam a educação no Brasil. Tais divergências refletem um conflito entre o cenário oficial, movido pelas ideologias neoliberais, de abordagens tecnicistas, em que se prioriza a educação empreendedora, o individualismo, a competição e grande senso de conservadorismo e uma visão mais humanista e, conseqüentemente, inclusiva de educação, a partir da qual o desenvolvimento emocional e social dos educandos são pauta tanto quanto o intelectual.

Deste modo, considerando-se o objetivo geral, estabelecido: Compreender o Lugar da Tanatopedagogia no Ensino Médio, foi possível pontuar que a investigação revelou uma obsolescência do sistema escolar a partir das falas dos professores, evidenciando que a escola não está preparada para lidar com situações-limite, como uma pandemia, ou outras que exijam isolamento ou adaptações a recursos não usuais, como o ensino remoto, o que demonstra que ainda há a necessidade da instauração de uma pedagogia complementar mais integradora e que dê conta de atingir as complexidades humanas, como a tanatopedagogia.

Durante o *workshop* literário em que se explorou temas tanáticos, alunos e professores mostraram-se surpresos ao se deparar com uma literatura mergulhada em temas tão pouco usuais e ‘mórbidos’ para o senso comum – usual em práticas pedagógicas de tanatoletamento – sua desconexão com este tipo de abordagem de conteúdos se fazia notória. Porém, o encontro com obras artísticas bem selecionadas e que traziam em si marcas da morte, do morrer e do luto não lhes

causou pavor ou ojeriza, como poderia ter ocorrido; mas sensações/sentimentos/emoções/ideias positivas/construtivas/de resiliência/de empatia, dentre outras passíveis de (re)significações valiosas. A pesquisadora percebeu que, apesar de práticas pedagógicas que envolvessem o tanatoletramento literário não serem comuns aos sujeitos da pesquisa, os mesmos foram favoravelmente impactados no curso da experiência e mostraram-se receptivos a ela ao ponto de validar o uso do objeto literário como um meio privilegiado para a promoção de uma educação para a morte.

Através da análise das falas dos educandos, detectou-se o reconhecimento da importância do suporte emocional e psíquico, bem como de uma educação emocional que pode ser melhor desenvolvida e nutrida através da literatura, o que nos mostra que a educação para eles não se pode resumir a aspectos meramente cognitivos e técnicos, mas abarcar suas demandas afetivas, psicossociais, estéticas, demandas outras que extrapolam uma pedagogia padronizada, sob uma ótica neoliberal excludente. Neste contexto, pelo que se constatou por meio de suas ponderações, embora a unidade de ensino onde estudem não se mostrasse adepta de uma abordagem tanatopedagógica, a indicação do trabalho, exame e debate de temas tanáticos foi pontuada como algo que seria importante e necessário para o ambiente escolar, competente para auxiliar não apenas no suporte, mas inclusive na educação emocional.

Foi possível perceber que estavam em sintonia de entendimento educandos e educadores quando os profissionais, por suas falas, sustentaram a necessidade de uma de educação emocional ampla e contextualizada, sublinhando a literatura como insumo capaz de promover conhecimento sobre a morte, o morrer e os lutos bem como suporte emocional, transformação e autoconhecimento. Para os profissionais em educação, em específico, a literatura não estaria a serviço apenas do cumprimento de um currículo escolar prescritivo, mas formativo, comprometido com impressões e expressões pessoais e resistente à padronização.

Neste quadro, pelo recorte estabelecido no âmbito desta pesquisa, a tanatopedagogia seria uma abordagem da pedagogia ainda a ser explorada no ensino médio regular da educação básica. A partir das reações expressas pelos educadores e educandos durante o *workshop* e pelos conteúdos de suas falas nos grupos de discussão – dentre os quais figuraram comoção, encantamento, esperança e alívio, reflexão crítica, empatia, conexão interpessoal e consciência

histórico-social – foi possível depreender que se fez uma abertura em suas subjetividades para a instauração de uma tanatopedagogia na realidade escolar que vivenciam e que concebem a literatura arte como um formidável insumo para promoção desta abordagem pedagógica.

Não formalizada no currículo escolar brasileiro, traços esparsos da tanatopedagogia são porventura integrados aos conteúdos de Ensino Religioso, História, Ciências e Literatura, porém, sem o merecido destaque. A educação para a morte o morrer e os lutos integrada às práticas pedagógicas precisa mais que nunca ter seu espaço conquistado na educação básica, pois uma educação emocional que não abarca a educação tanatológica é uma educação com lacunas, que negligencia emoções difíceis e limita a capacidade do alunado de lidar com situações desafiadoras, como as que envolvem as perdas.

Atendo-nos à apreciação do objetivo específico primeiro deste projeto – Identificação do Contexto em que a Tanatopedagogia ocorre (ou não) na escola – pontuamos diferentes aspectos e escalas da realidade do campo de pesquisa no sentido de associá-los à presença ou ausência de uma educação relacionada a temas tanáticos como a morte, o morrer e os lutos na esfera educacional e buscamos estabelecer um sentido possível para a manifestação ou lacuna de tal vertente da pedagogia.

Em primeiro plano podemos citar que a cultura escolar na qual estamos imersos na atualidade ainda dificulta a abordagem de temas sensíveis, como os relacionados ao universo tanático. Quando por suas falas os educadores sustentaram a importância da educação para o enfrentamento de tabus e preparação para experiências de vida difíceis, evidenciaram que interdições socioculturais mantêm mentes cristalizadas e há resistências por pais, alunos e inclusive outros membros da comunidade escolar em introduzir esses tópicos nas escolas para serem trabalhados criticamente; são conteúdos considerados inapropriados ou intrincados demais para serem trazidos ao cenário. A insuficiência de discussões e reflexões sobre questões como a morte e o luto foi trazida à tona na pandemia de covid-19 e as falas dos professores colaboradores da pesquisa alicerçadas no reconhecimento de resistência e negação à pandemia por parte de pais e alunos demonstraram que uma tanatopedagogia não se aplicara à rotina escolar dos educandos nem de seus responsáveis envolvidos na dinâmica das escolas em período pandêmico e nem mesmo se desenvolveu a partir dele.

Considerando as falas dos educandos, percebeu-se que eles sustentaram a importância da aceitação da morte desde a infância (a partir da pontuação da necessidade de os pequenos se familiarizarem com a ideia da finitude desde a mais tenra idade por meio da literatura e outros insumos) através de uma educação holística (por meio da expressão do seu desejo de que este tipo de educação lhes fosse uma realidade) observa-se que a tanatopedagogia ainda não faz parte do currículo escolar vivenciado pelos estudantes, porém neste contexto seria muito bem-vinda.

Importante notar que a escola não foi citada pelos alunos como um ambiente que reage a eventos tanáticos próximos aos educandos ou que envolve os próprios membros da comunidade escolar abrindo espaço para debate sobre os fatos e acolhimento; então se o faz, não o faz de modo coletivo, regular ou significativo, o que não caracterizaria uma tanatopedagogia.

A carência de capacitação docente foi um motivo elencado pelos profissionais como algo que dificultaria a implementação de uma tanatopedagogia – o que expõe a falta de abordagem das temáticas da morte, do morrer, do adoecimento e dos lutos com o alunado em sala de aula. As falas desses educadores demonstram que a tanatopedagogia jamais lhes fora apresentada, nem na graduação ou após ela – deste modo, o temor de tratar de temas tanáticos, considerados complexos, mostrou-se uma realidade. Portanto, ao olhar dos educadores, seria necessário o desenvolvimento de habilidades, como as socioemocionais, e a noção de adaptações e conduções didáticas dos conteúdos e materiais para maior segurança deles mesmos e de seus alunos para a implementação de uma tanatopedagogia em suas práticas pedagógicas.

Atendo-nos novamente à perspectiva dos alunos, reforçamos o sinal de que tópicos de finitude, convalescença e perda não recebem a devida abertura para discussão e análise na instituição de ensino - em dado momento de seus discursos sobre a importância da efetivação de uma tanatopedagogia indicaram que muitos comportamentos em relação a questões tanáticas, como o luto, são considerados “anormais”, desajustados e até mesmo reprováveis. Tal problema parece acentuar-se a partir da consideração pelos estudantes não apenas da instauração de uma tanatopedagogia, mas também da necessidade de suporte por psicólogos na escola.

A luta por intervenções psicológicas na educação era uma reivindicação de alunos, pais, trabalhadores em educação bem como trabalhadores em saúde mental

há longa data. Contudo, apenas em dezembro de 2019 instituiu-se a Lei Federal 13.935 cujo texto define

art. 1º As redes públicas de educação básica contarão com serviços de psicologia e de serviço social para atender às necessidades e prioridades definidas pelas políticas de educação, por meio de equipes multiprofissionais (Brasil, 2019, art. 1º).

Em Santa Catarina a contratação de psicólogos e assistentes sociais iniciou apenas em 2022 e, de acordo com reportagem veiculada pelo Conselho Regional de Serviço Social da 12ª Região:

[...] com a contratação de sessenta e quatro profissionais de cada área que estão atuando no Órgão Central da Secretaria de Estado da Educação (SED) e nas Coordenadorias Regionais de Educação (CRE), as quais abrangem todos os municípios do estado [...] (CRSS, 2022, n.p.)

Ou seja, um número de profissionais que visivelmente não dá conta de articular ou realizar um trabalho constante em todas as unidades escolares do estado.

O campo de pesquisa, escola pública estadual, pelos relatos dos sujeitos colaboradores da investigação, caracterizou-se como ambiente absorvido por demandas de perecimento, dor e rupturas de sua comunidade escolar; contudo, através de considerações como a da não naturalização da morte, do morrer e dos lutos, da interdição da abordagem de temas tanáticos, da reprovação de comportamentos frente a circunstâncias impactantes e do clamor por amparo de psicólogos, foi possível perceber que embora a tanatopedagogia pudesse e precisasse se apresentar em múltiplos contextos na escola, ela não está presente.

Ainda assim, a maleabilidade dos estudantes e profissionais sujeitos da pesquisa para a aceitação da proposta de inserção de uma tanatopedagogia na educação básica indica que a abordagem pode ser acolhida por educadores e/ou instituições de ensino, apesar de ideologias neoliberais que a confrontem, no intuito de se criar espaços seguros para a expressão de dúvidas/sentimentos, o combater de julgamentos/preconceitos, a promoção de escuta ativa/acolhimento, a instauração de ações preventivas, o incentivo de práticas restaurativas, dentre outros propósitos.

Mais adiante, concentrando-nos no vislumbre do objetivo específico segundo deste projeto – Inferência da medida em que a tanatopedagogia poderia ser aplicada na escola e suas implicações a partir de discussões intermediadas por textos

literários – foi possível, a partir da análise das exposições dos colaboradores da pesquisa, estabelecer que a inserção da tanatopedagogia na unidade de ensino seria de grande relevância, especialmente se considerássemos os impactos da pandemia de COVID-19 – os professores declararam que por atitudes de negação à pandemia, é válido dizer que muitos são os membros da comunidade escolar capazes de minimizar emergências ou se opor à ciência em situações de ameaça à vida. Isso pode revelar não apenas suas posições político-ideológicas ou imersão numa cultura de desinformação controlada mas inclusive desafios emocionais que podem estar associados ao medo de admitir a vulnerabilidade humana. Neste quadro, é razoável supor que uma tanatopedagogia proporcionaria a esses e outros sujeitos envolvidos com o espaço escolar uma experiência voltada para a desconstrução de tabus, estigmas e *fake-news*, assim como estímulo ao autoconhecimento, aceitação e transformação da relação com a morte, o luto e o adoecimento.

Percebeu-se pelas falas dos estudantes a defesa e a valorização da educação presencial e, neste quadrante, a educação vai além de dar conta de programas de ensino e apresentações de trabalho em ambiente escolar, mas tem nas interações sociais o maior potencializador de aprendizagens significativas. A educação presencial vem ao encontro do exercício de uma tanatopedagogia, uma vez que diálogos e discussões face a face fortalecem os vínculos entre os alunos, o que pode lhes auxiliar numa melhor compreensão e exercício do *Carpe Diem*, um melhor aproveitamento do presente frente ao entendimento da finitude, e do acolhimento mútuo perante situações de perda e luto, donde se faz imprescindível o laço.

Quando suas falas apontaram para uma interatividade e diversidade de recursos educacionais ao ponderar sobre as metodologias e insumos para a efetivação de uma tanatopedagogia, os educandos deixaram espaço aberto para todas as artes, mas alocaram a literatura num patamar bastante especial, dando ênfase ao seu efeito formador, estabilizador e regenerador. Pedagogicamente, aprendizagens muito genuínas são viabilizadas por meio do literário quando os sujeitos podem ter reminiscências de suas próprias experiências como que transpostas nas palavras de um escritor.

Essa espécie de espelho é valiosíssima no transcurso de uma educação para a morte. Por suposto os alunos sujeitos da pesquisa coadunariam com tal

percepção, uma vez que a empatia e identificação com a perda se apresentou por meio de suas falas quando se referiram a possíveis impressões os que textos com conteúdos tanáticos lhes causaram.

Os trabalhadores em educação sustentaram o valor educacional da literatura para abordar temas complexos e inevitáveis da vida colocaram o objeto literário na posição de recurso mediador ideal para que os educandos tenham acesso a conteúdos tanáticos e oportunidade de estabelecer considerações em relação a eles de modo simbólico e mais brando. Além disso, os educadores apontaram que pode haver transformação através da literatura, que os textos literários podem desempenhar um papel crucial na preparação dos educandos para lidar com suas profusões emocionais relacionadas à morte ao morrer e aos lutos. Os profissionais indicaram que o literário é capaz de auxiliar no manejo das emoções, afinal possibilita que o leitor reflita sobre uma série de questões e experimente de maneira indireta emoções e dilemas os mais variados.

Por fim, ao nos direcionarmos ao objetivo específico último deste projeto – Averiguação dos desafios e prováveis benefícios da efetivação da tanatopedagogia nas unidades de educação básica – dentre as adversidades conseguimos identificar, a partir das falas dos educadores, que a escola não estava familiarizada com a tanatopedagogia: professores e alunos desconheciam tal abordagem da pedagogia e apontaram que o caminho para a instauração de uma educação para a morte na instituição dependeria de bastante planejamento e cuidado.

Apontaram ainda os professores que parte da comunidade escolar, submersa em desinformação e não afeita a acreditar na ciência, poderia ser resistente também ao trabalho dos educadores em educação para a morte, vez que reconhecer a vulnerabilidade humana se lhe faz trabalho hercúleo. Tais apontamentos expuseram o medo dos docentes quanto à reprovação dos responsáveis pelos alunos, indicando também a importância de apoio da secretaria de educação e da direção escolar para que aquele professor menos ousado possa se sentir mais seguro em trabalhar na abordagem da tanatopedagogia.

Evidenciaram os educadores, também, a carência de um olhar mais receptivo do professorado em relação às necessidades do alunado bem como de formação docente para efetivação de uma tanatopedagogia a serviço do cuidado e da diversidade no ambiente escolar (como sugeriram os mesmos por meio da manifestação de uma ideologia de inclusão na abordagem do luto).

Os educandos apontaram como possível desafio para a instauração de uma tanatopedagogia no espaço escolar o emprego de métodos de ensino padronizados e a falta de variedade de suportes de aprendizagem, sem abertura para atividades colaborativas, o que tornaria as atividades pouco significativas.

Outro possível obstáculo apontado pelos mesmos foi em relação a uma educação inflexível e que não respeita as diversidades e a autonomia dos educandos que muitas das vezes se faz nas salas de aula – a efetivação de uma tanatopedagogia requer espaço seguro à aprendizagem, estabelecimento de trocas, significação e expressão do próprio eu. Eles evidenciaram a necessidade de atuação sistemática de psicólogos no ambiente escolar; o que, no contexto, daria suporte à efetivação de uma tanatopedagogia mais bem estruturada.

Quanto aos prováveis benefícios da efetivação da tanatopedagogia nas unidades de educação básica, podemos identificar, a partir das falas dos educandos, o exercício de uma educação holística, em que os possíveis benefícios convergem para um que lhes seria uma espécie de síntese – a aproximação de uma formação global – que levaria em conta elementos como o desenvolvimento de habilidades intelecto-morais, psicossociais tanto quanto espirituais, atividades contextualizadas, o autoconhecimento e desenvolvimento emocional dos sujeitos para que pudessem contribuir com um mundo mais compassivo e de recursos renováveis.

As falas dos educadores, em relação a uma educação emocional ampla e contextualizada, que realçam a importância da educação para o enfrentamento de tabus e preparação para experiências de vida difíceis, vão ao encontro desta educação tanatológica que se insere no arcabouço de uma educação holística/global e que trabalha o humano em sua integralidade de condições, não descartando o sofrimento, a debilidade e a efemeridade como aspectos da vida humana que precisam ser observados, assimilados e aceitos. Por sua vez, nas falas dos estudantes há o reconhecimento da importância do suporte emocional por meio da tanatopedagogia, priorizando um processo de ensino-aprendizagem comprometido com a saúde socioemocional e, conseqüentemente, a felicidade dos envolvidos neste processo.

A necessidade de inclusão e respeito à diversidade se faz urgente nas escolas, afinal elas influem no bem-estar dos educandos, salvaguardando suas vidas, assim como num melhor aproveitamento dos conteúdos escolares pertinentes ao bem dos mesmos. A educação básica brasileira ainda se reveste de

segregações, algumas até travestidas de movimentos democráticos, como a postulação da observação do Estado Laico nas instituições públicas – alguns profissionais se valem disso para calar as crenças religiosas das minorias, alegando que ‘nenhuma religião deve ser mencionada em ambiente laico’, enquanto a expressão do Estado Laico nas escolas deveria ser a abertura para que todas as manifestações religiosas pudessem ter espaço, serem estudadas, problematizadas e acolhidas.

Como a diversidade religiosa, todas as demais diversidades negligenciadas nas escolas, como as de gênero, socioeconômica e étnico-racial devem tomar lugar e ser validadas nas instituições de ensino para que a moral conservadora não asfixie uma educação com abordagens mais sensíveis e densas, que dê conta das complexidades humanas, como aquela que agrega a tanatopedagogia ao cenário escolar. No entanto, essa resistência à pluralidade se reflete também na escassez de iniciativas pedagógicas voltadas à educação para a morte, mantendo a temática à margem dos currículos escolares e restringindo seu tratamento a esferas informais ou exclusivamente subjetivas.

Além disso, observa-se uma lacuna significativa na produção acadêmica sobre tanatopedagogia na Educação, especialmente no que tange à sua aplicação no ensino médio. Os poucos estudos existentes concentram-se em abordagens psicológicas ou filosóficas, deixando em aberto a necessidade de aprofundamento pedagógico sobre como formar educadores para lidar com essas questões. Assim, a ausência de pesquisas voltadas ao desenvolvimento de práticas educativas que integrem a morte e o luto como temas legítimos no espaço escolar reforça um modelo de ensino que evita os dilemas humanos mais fundamentais, privando alunos e professores de um debate essencial para a formação integral do sujeito.

Enquanto pesquisadora, acredito que o resultado da presente pesquisa pode contribuir na compreensão de professores, gestores e demais profissionais em educação acerca do papel da tanatopedagogia e do tanatoletramento literário na formação dos estudantes da Educação Básica bem como na transformação dos ambientes de ensino no sentido de melhorar as relações entre os indivíduos e grupos que atuam nos mesmos, com ênfase no desenvolvimento da escuta sensível, acolhimento e encaminhamento aos devidos serviços de atendimento psicossocial. Aos pesquisadores em Educação em geral e profissionais da área interessados em uma melhor e mais abrangente implementação da tanatopedagogia nas instituições

de ensino tal pesquisa é revestida do potencial dar suporte aos seus estudos e práticas por se mostrar exploradora de referencial teórico significativo referente à abordagem bem como descritora de desafios e benefícios de sua efetivação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura Literária na Escola. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; Machado, Maria Zélia Versiani. **Escolarização da Leitura Literária – o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 235-255.

ALMEIDA, P. A.; TARTUCE, G. L.; GATTI, B. A., & SOUZA; L. B. **Práticas Pedagógicas na Educação Básica do Brasil**: o que evidenciam as pesquisas em educação. UNESCO, 2021. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2022/04/Praticas-pedag%C3%B3gicas-na-educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sico-Brasil.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ALVES, Elaine Gomes dos Reis. Educação para a morte: é preciso falar sobre morte, suicídio e luto na escola. *In*: LIMA, Luciana Ribeiro de; NUNES, Liliane dos Guimarães Alvim; SILVA, Silvia Maria Cintra da; SOUZA, Mariane Proença Rebello de (org.). **Práticas Críticas em Psicologia Escolar e Educacional**: experiências vividas no chão da escola e suas complexidades. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p. 441-464.

ANTUNES, Edivana Gomes Severini. **As representações sociais de profissionais da educação dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a morte e o luto**. 2019, 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2019. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/dissertacoes/2019/2019_edivana.pdf . Acesso em: 20 mar. 2024.

AMAZON. **Resenha: Mas Por Quê - A História de Elvis**, de Peter Schossow. Cosac Naify, 2008. 40 p. 03 set. 2008. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Mas-Por-Que-Hist%C3%B3ria-Elvis/dp/8575037323#:~:text=Elvis%2C%20seu%20canarinho%20amarelo%2C%20t eve,humor%20que%20atenua%20a%20dor>. Acesso em: 18 jul. 2024.

AMORIM, Marta Renata Basílio. **Reflexões sobre a obra Kierkegaardiana O Desespero Humano**. UEPB. 28 mar 2014.

A MORTE NA VISÃO de Seis Filósofos. **Nova Escola** 07 mar 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/263/a-morte-na-visao-de-seis-filosofos>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ARAÚJO, Paula Vanêssa Rodrigues; VIEIRA, Maria Jésia. A Questão da Morte e do Morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 3, p. 361-363, maio/jun., 2004.

ASCOM SEDUC. Secretaria da Educação orienta comunidade escolar sobre importância do acolhimento após enchentes. **Governo do Estado do Rio Grande do Sul**, RS, 23 maio 2024, 19:28. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/secretaria->

da-educacao-orienta-comunidade-escolar-sobre-importancia-do-acolhimento-apos-enchentes. Acesso em: 14 jun. 2024.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA. Brasil registra mais de seis mil suicídios em adolescentes em cinco anos. São Paulo/SP, 07 out. 2022. Disponível em: <https://www.apm.org.br/ultimas-noticias/brasil-registra-mais-de-seis-mil-suicidios-em-adolescentes-em-cinco-anos/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor. **Revista de Abordagem Gestáltica**, v. XVIII, n. 1, p. 20-29, jan./jun. 2012.

AZEVEDO, Ricardo. **O moço que não queria morrer**. In: AZEVEDO, Ricardo. Contos de Enganar a Morte. São Paulo: Ática, 2005.

BANDEIRA, Manuel. **Poema de Finados** In: BANDEIRA, Manuel. Estrela de Vida Inteira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Editora Edições 70, 2021.

BAUER, Martin W; GASKELL, George (orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BISPO, Milene Fontes de Menezes; ROSA, Roberto Sávio. O Mito de Sísifo: A Decisão de Viver ou Suprimir a Vida. **Filosofando: Revista de Filosofia da UESB**, [S.l.], v. 1, n. 2, dez. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BOUSSO, Regina Szylit; RAMOSA, Daniel; FRIZZOA, Heloísa Cristina Figueiredo; SANTOSA, Maiara Rodrigues dos; BOUSSO, Fernando. Facebook: um novo *locus* para a manifestação de uma perda significativa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 172-179, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/xPYxKvNwrN76gNMVrsmj5Hd/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 12 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Vigência. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 26 abr. 2019. Seção 1, p. 1.

BRASIL. **Lei Nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2019.

BUCHARD, Alan Barbosa. Reflexão Tanatológica: dos helenistas a Montaigne. **Anais do [...]** VII Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP. v. 5, 2012.

BUENO, Bruna Mena; GERSON, Milton. Aprovado projeto que cria Serviço de Capelania Escolar na rede municipal. **Câmara Municipal de Porto Alegre**, Porto Alegre, RS, 06 out. 2021, 18:22. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/aprovado-projeto-que-cria-servico-de-capelania-escolar-na-rede-municipal>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CALDEIRA, João Paulo. **A relação do homem com a morte no decorrer da história**. GGN – O Jornal de Todos os Brasis, 12 nov. 2013. *In*: <http://jornalggn.com.br/noticia/a-relacao-do-homem-com-a-morte-no-decorrer-da-historia>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CANIATO, Angela; FAUSTINONI, Chiara Ferreira. O luto dos familiares de desaparecidos na Ditadura Militar e os movimentos de testemunho. **Psicologia USP**, [São Paulo], v. 30, e180131, 2019.

CARDOSO, Margot. **As 7 Vantagens do Pessimismo**. 05 fev. 2020. Disponível em: <https://vidasimples.co/colunistas/as-7-vantagens-do-pessimismo/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CELÓRIO, José Aparecido. Por uma Educação Complexa e Sensível. **Koan: Revista de Educação e Complexidades**, n. 01, jan. 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

CONRAD, Jaqueline Maria; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Contando histórias sobre a morte: uma análise dos livros do PNBE para crianças. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 29, n. 3, p. 148-164, set/dez. 2018.

CORTELLA, Mario Sérgio. **A Morte Inexorável, uma Evidência Recusada**. FOLHA de São Paulo, 24 de outubro de 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/10/24/ilustrada/29.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CORTELLA, Mário Sérgio. **As lições que a pandemia nos traz segundo Mario Sergio Cortella**. 19 de fev. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2021/02/as-licoes-que-a-pandemia-nos-traz-segundo-mario-sergio-cortella-cklcbfnkk001f019myrmruv2d.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – Teoria e Prática**. 2. ed. São Paulo: IlContexto, 2021.

DANTAS, Jéferson Silveira; PEREIRA, Thalia Gonçalves. Novo Ensino Médio de Santa Catarina: organização curricular, implicações e sentidos formativos. **PerCursos**, Florianópolis, v. 23, n.53, p. 290 - 319, set./dez. 2022.

DUARTE, J. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

DURAND JUNIOR, Ivan. Alunos da Escola Dirce Dall'Agnol fazem desenho de esperança para desabrigados no Rio Grande do Sul. **Foca na Notícia**, Santa Catarina, 18 maio de 2024. Disponível em: <https://focananoticia.com.br/2024/05/18/alunos-da-escola-dirce-dallagnol-fazem-desenho-de-esperanca-para-desabrigados-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

EPICURO. **Carta a Meneceu**. (Álvaro Lorencini, Enzo Del Carratore). São Paulo: UNESP, 1997.

ERLBRUCH, Wolf. **O pato, a morte e a tulipa**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ESPANCA, Florbela. **À Morte** In: ESPANCA, Florbela. **Sonetos Completos**. Coimbra: Livraria Gonçalves, 1934.

ESTADO de Santa Catarina. **Lei 18.354, a qual dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social na rede pública estadual de Educação Básica**. Conselho Regional de Serviço Social – CRESS. 12. Região, 21 abr. 2022. Disponível em: <https://www.cress-sc.org.br>. Acesso em: 30 out. 2024.

FARIA, Paula Maria Ferreira de; DIAS, Maria Sara de Lima; CAMARGO, Denise de. Arte e Catarse para Vigotski em Psicologia da Arte. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 3, p. 152-165, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v71n3/12.pdf>. Acesso em: 20 de nov. 2024.

FAVARETTO, Celso F. Arte contemporânea e educação. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 53, p. 225-235, 2010.

FERREIRA, Luciana Haddad; ARAGÃO, Ana Maria Facão de; PUCCI, Renata Helena Pin. Experiência e sensibilidade: contribuições da educação estética para a formação docente continuada. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. v. 19, n. 58, p. 366-384, 2022. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/8861>. Acesso em: 12 jan. 2025.

FOLHA DE SÃO PAULO. **RS ainda tem 73 mil alunos fora da escola após chuvas**. São Paulo, 4 jun. 2024, 14:59. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/06/rs-ainda-tem-73-mil-alunos-fora-da-escola-apos-chuvas.shtml#:~:text=Pouco%20mais%20de%20um%20m%C3%AAs,%2C%20668.339%20estudantes%2C%20j%C3%A1%20retornaram>. Acesso em: 16 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVSPzTq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 de nov. 2024.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O Luto no Século 21**: uma compreensão abrangente do fenômeno. 1. ed. São Paulo: Summus, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. 51.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 80.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 14.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021.

GANDRA, Alana. Tragédia climática afeta saúde mental de profissionais e voluntários. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 12 maio 2024, 11:33. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/tragedia-climatica-afeta-saude-mental-de-profissionais-e-voluntarios>. Acesso em: 14 jun. 2024.

GATTI, Bernadete A. Formação de Professores: Condições e Problemas Atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 1, n. 2, p. 161-171, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/716/345>. Acesso em: 12 jan. 2025.

GOMES, Flaviana Bataliotti; ANJOS, Ricardo Eleutério dos. Resgatando a Relação entre o ensino da Literatura e o Desenvolvimento Humano. **Colloquium Humanarum**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 108-118 abr./jun. 2019.

GRAMACHO, Lilia. **Que Conto nos Conta? A Literatura Inspirando a Prática Clínica**. Lauro de Freitas: Solisluna, 2023.

GRANJA, Ana; COSTA, Nilza; REBELO, José Eduardo. O luto em contexto escolar: vivências na primeira pessoa. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 13, p. 57-82, jul./dez. 2012.

GRISALES, Sandra Patricia Arenas. Fazer visíveis as perdas: Morte, memória e cultura material. **Tempo Social**, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 85–104, jan. 2016.

GRZYBOWSKI, Przemyslaw Pawel. **Objetivos e aspectos práticos da educação tanatológica para pedagogos e professores**. Tradução: Renato Andrioli. Gdańsk, 2009. p. 7-19. Disponível em: <https://repositorium.ukw.edu.pl/bitstream/handle/item/191/Grzybowski%20%20Tanatopedagogia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 25 maio 2023.

GUARNIERI, Maria Cristina Mariante. Angústia e Desespero: uma reflexão sobre a morte na antropologia de Kierkegaard. **Agnes**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 57-79, 1. sem., 2009.

GULLAR, Ferreira. Um Pouco Antes. *In*: GULLAR, Ferreira. **Em alguma parte alguma**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

HAN, Byung-Chul **Sociedade paliativa: a dor hoje**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

IMHOF, Arthur E. Uma *Ars Moriendi* para os nossos tempos: para viver uma vida plena para alcançar uma morte tranquila. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 15, p. 28-36, mar. 1996.

INCONTRI, Dora. (org.) **Educação e Espiritualidade, interfaces e perspectivas**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana. As Leis, a Educação e a Morte: Uma proposta pedagógica de Tanatopedagogia no Brasil. **International Studies on Law and Education**, p. 74-82, 2011, 9 set.- dez. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle9/73-82Dora.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2024.

KOVÁCS, Maria Julia. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 457-468, set./dez. 2008.

KOVÁCS, Maria Julia. Educadores e a Morte. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 71-81, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/gvYZXXFXmV89Jq66KmvcWJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 de junho de 2024.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a Morte: quebrando Paradigmas**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2021.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. 10. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LIRA, Jéssica de Souza. **Uma Filosofia do Futuro: Religião e Ateísmo em Ludwig Feuerbach**, 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, 2018.

MAEDA, Tatiane Sayuri. **Cemitério é lugar de criança?** a visita guiada ao Cemitério Consolação como recurso para abordar a educação sobre a morte nas escolas. 2017. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20674> . Acesso em: 15 mar. 2024.

MARQUES, Patricia Regina Moreira, 2012. **Luto na Escola:** um cuidado necessário. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/991> . Acesso em: 10 mar. 2024.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ensino médio tem maior taxa de evasão da educação básica. **Agência Brasil**, 22 fev. 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202402/ensino-medio-tem-maior-taxa-de-evasao-da-educacao-basica>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Letra Magna.com Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. [S.l.], v. 5, n.11, 2. Semestre de 2009.

MENEZES, Rachel Aisengart. **Um Modelo para Morrer:** última etapa na construção social contemporânea da pessoa?. Biblioteca Digital de Periódicos da UFPR, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1590>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário à Educação do Futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MÜLLER, Giane Carla Kopper. Alcances e Fragilidades: os temas de vida e morte nos livros didáticos. **UFSM Educação**, Santa Maria, v. 30, n. 01, p. 165-180, 2005.

NARDI, Ana Luiza Toaldo; SPIECKER GASPARIN, André Marcos; AOSANI, Tânia Regina; BIDO, Eloisa. Educar para a morte é educar para a vida. **PSI UNISC**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 199-208, 6 set. 2022.

OLIVEIRA, Bruna Tadeusa Genaro Martins de. **Tanatopedagogia e educação para a saúde nos anos iniciais do ensino fundamental:** um material de apoio a professores(as), 2017, 43 f. Dissertação (Mestrado Profissional Ensino em Saúde) – Unidade universitária de Dourados, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2017 . Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6088066 . Acesso em: 12 mar. 2024.

OLIVEIRA, Bruna Tadeusa Genaro Martins de; MEDEIROS, Marcia Maria de. Construção de um Material Educativo para o ensino da Tanatopedagogia na escola. **Ensino, Saúde e Meio Ambiente**, [S.l.], v. 3, p. 183-198, abril de 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PAIVA, Lucelia Elizabeth. **A arte de falar da morte**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. 2008. Tese (doutorado) -- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001710155> . Acesso em: 12 mar. 2024.

PARENTE, Bárbara de Andrade Vaz; BARBOSA, Aline Fernanda de Sá Reis; LIMA, Lucas Brito de. Programa saúde na escola e a ação sobre o luto em tempos de COVID-19. **Health Residencies Journal**, Brasília, v. 3, n. 16, p. 01-25, 2022. Disponível em: <https://hrj.emnuvens.com.br/hrj/article/view/591>. Acesso em: 12 jan. 2025.

PARRAS, Rodrigo; MASCIA, Marcia Amador. Efeitos da Pandemia na Educação Escolar. **Linha Mestra**, [S.l.], n. 46, p. 412-422, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2022n46>. Acesso em: 12 jan. 2025.

PAULA, Rouseane da Silva. O não-lugar da pessoa idosa na educação. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 5, n. 7, p. 29-43, jul.-dez. 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Raíssa de Almeida. **Jovens enlutados**: um estudo sobre a (re)significação da dor espiritual da perda. 2017. 238f. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/29899> . Acesso em: 20 mar. 2024.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica & Epistemicídio**: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo. 2018. Dissertação (Mestrado em Metafísica) -- Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PINHEIRO, Wilzacler Rosa e Silva. **Comportamento suicida na escola e no ambiente universitário**. 2. ed. São Paulo: All Print Editora, 2022.

PISTORI, Maria Helena Cruz. Bakhtin, o círculo e os gêneros do discurso. In: AZEVEDO, I. C. M., ed. **Práticas dialógicas de linguagem**: possibilidades para o ensino de língua portuguesa. Ilhéus: EDITUS, 2018. p. 17-42.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução de Maria Lacerda de Souza. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000065.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

QUINTANA, Mário. **Pequeno Poema Didático** In: QUINTANA, Mário. **Apontamentos de História Sobrenatural**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

REIS, Daniel. RS: Secretaria de Educação tem um psicólogo para cada 37 mil estudantes na volta às aulas. **CBN**, São Paulo, 17 maio 2024. Disponível em: <https://cbn.globo.com/coberturas/sos-rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/17/rs->

secretaria-de-educacao-tem-20-psicologos-para-atender-500-cidades-na-volta-as-aulas.shtml. Acesso em: 14 jun. 2024.

SANTOMÉ, Furjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.* Petrópolis: Vozes, 1995. p. 155-172.

SANTOS, Élcio José dos. Algumas considerações sobre a questão do suicídio na filosofia de Arthur Schopenhauer. *Revista Voluntás: estudos sobre Schopenhauer*. v. 1, n. 2, p. 23-32, 2. sem. 2010.

SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. A Educação para a Vida e para a Morte: do Ensino Fundamental à Universidade. *In: SANTOS, Franklin Santana (org.). A Arte de Morrer: Visões Plurais.* v. 3. São Paulo: Comenius, 2010. p. 15-29.

SARAIVA, Vandemberg Simão. Livros e Liberdade: reflexões sobre literatura e sala de aula. *Revista Entrelaces*. v. 1. n. 15. jan./mar. 2019.

SARTORI, Antonia Aparecida Kroll. **Luto na Escola: uma realidade a ser enfrentada.** 2018. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21827>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SCHOSSOW, Peter. **Mas por quê?! - A história de Elvis.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SCLIAR, Moacyr. **Trem Fantasma** *In: O carnaval dos animais.* Rio de Janeiro: Ediouro, S.d.

SILVA, Andréia Gomes da. **Aprendizagens autobiográficas: pesquisa-ação-formação com professoras do atendimento educacional hospitalar e domiciliar.** 2022. 288f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48244>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SILVA, Lázaro Rodrigues. **Interdição da Morte e Morte na Interdição.** Psicologado, [S.l.]. 2013. Disponível em: https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento_humano/interdicao-da-morte-e-morte-na-interdicao. Acesso em: 25 ago. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo.** 3.ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA JUNIOR, A. R. da. Tanatografias e Decomposições Biográficas: Discurso da Morte na Literatura. *Revista da Anpoll*, [S.l.], v. 1, n. 30, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i30.185>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SKÁRMETA, Antonio. **O dia em que a Poesia derrotou um Ditador.** 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SOARES, Magda. Letramento em Verbete – O que é Letramento:?. *In*: SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 13-25.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

SSÓ, Ernani. **A Morte e o Escritor**. *In*: SSÓ, Ernani. Contos de Morte Morrida. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

TREVISAN, Dalton. **Uma vela para Dario** *In*: TREVISAN, Dalton. Cemitério dos Elefantes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

TORRES, Wilma da Costa. O Tabu frente ao problema da morte. **Arq. Bras. Psic.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 53-62, jan./mar. 1979.

VASQUES, Marco. **Haicais Urbanos**. Florianópolis: Editoração Artesanal Própria, 2006.

VIEIRA, Letícia; RICCI, Maíke C. C. A educação em tempos de pandemia: Soluções emergenciais pelo mundo. **Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina**, Florianópolis, p. 1-5, Editorial mensal, abril 2020. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL___Letícia_Vieira_e_Maíke_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf. Acesso 12 jan. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da Arte**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Imaginação e Criatividade na Infância**. Lisboa: DinaLivro, 2012.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Literatura e Escola: Anti-Lições. *In*: **Escolarização da Leitura Literária – o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Literatura e Escola: Anti-Lições. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; Machado, Maria Zélia Versiani. **Escolarização da Leitura Literária – o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 49-58.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura: por que a interdisciplinaridade?. *In*: ZILBERMAN, Regina; Silva, Ezequiel Theodoro da. **Leitura – Perspectivas Interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 11-17.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Instrumento de Pesquisa

1º ENCONTRO (1:00 – 1:30h de duração)**QUESTÕES GERADORAS DE DISCUSSÃO (GRUPO DE EDUCANDOS):**

- Com o surgimento da Pandemia um novo cenário surgiu. Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por vocês neste cenário para manterem suas demandas de estudos relacionados à escola?
- Vocês acreditam que falar sobre a morte, o adoecimento e os processos/momentos de luto pelos quais passamos em nossas vidas seria algo importante de se fazer na escola? Comentem sobre seus pontos de vista.

QUESTÕES GERADORAS DE DISCUSSÃO (GRUPO DE TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO):

- Com o surgimento da Pandemia um novo cenário surgiu. Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por vocês neste cenário para manterem suas demandas de trabalho?
- Vocês acreditam que falar sobre a morte, o adoecimento e os processos/momentos de luto pelos quais passamos em nossas vidas seria algo importante de se fazer na escola? Comentem sobre seus pontos de vista.

2º ENCONTRO (1:00 – 1:30h de duração)**PRIMEIRO MOMENTO (COM CADA GRUPO INDIVIDUALMENTE)**

A pesquisadora empreende junto aos participantes da pesquisa a leitura dos seguintes textos literários:

GULLAR, Ferreira. **Um Pouco Antes** In: Em alguma parte alguma. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SCHOSSOW, Peter. **Mas por quê?! - A história de Elvis**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 40 p.

TREVISAN, Dalton. **Uma vela para Dario** *In*: Cemitério dos Elefantes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

SEGUNDO MOMENTO

QUESTÕES GERADORAS DE DISCUSSÃO (GRUPO DE EDUCANDOS)

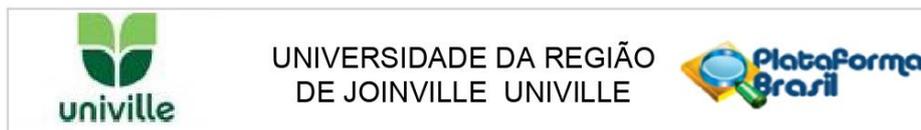
- Quais as impressões de vocês sobre os textos?
- Será esse tipo de leitura/literatura poderia contribuir de alguma maneira em nossas vidas?
- De que modo vocês acreditam que esses temas poderiam chegar aos alunos em geral?

QUESTÕES GERADORAS DE DISCUSSÃO (GRUPO DE TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO)

- Quais as impressões de vocês sobre os textos?
- Será esse tipo de leitura/literatura poderia contribuir de alguma maneira em nossas vidas?
- De que modo esses temas poderiam chegar aos trabalhadores em educação em geral?

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP



Continuação do Parecer: 6.590.305

Investigador	Brochura.pdf	19/09/2023 20:09:26	Soares	Aceito
Folha de Rosto	FolhaderostoassinadaprofeJane.pdf	19/09/2023 13:36:49	Ramone Abreu Amado Jasper Soares	Aceito
Outros	INSTRUMENTODEPESQUISA.pdf	14/09/2023 14:52:55	Ramone Abreu Amado Jasper Soares	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AnuencialstituicaoParticipante.pdf	14/09/2023 14:50:48	Ramone Abreu Amado Jasper Soares	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOINVILLE, 19 de Dezembro de 2023

Assinado por:
Marcia Luciane Lange Silveira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

ANEXO B – Declaração de Instituição Participante



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Coordenadoria Regional de Educação de Joinville – CRE
Rua Nove de Março 817 – Centro
Joinville/SC – Fone: 3461-1201

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE

Joinville, 28 de agosto de 2023.

Declaramos para os devidos fins que concordamos com os itens citados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos participantes da pesquisa, aos trabalhadores em educação e alunos do ensino médio (convidados e que se dispuserem a participar da pesquisa) na Escola de Educação Básica Professor Gustavo Augusto Gonzaga - unidade escolar da rede que constitui a Coordenadoria Regional de Educação de Joinville. Assim, autorizamos a pesquisadora responsável Ramone Abreu Amado Jasper Soares, discente da Universidade da Região de Joinville - Univille, a realizar a pesquisa intitulada "A Tanatopedagogia nas práticas de Letramento Literário – Vozes de Professores e Educandos do Ensino Médio", que tem por objetivo geral: Compreender o papel da tanatopedagogia e suas implicações nas práticas pedagógicas escolares do Ensino Médio na Educação Básica a partir de grupos de discussão. Será solicitado aos participantes da pesquisa que se dividam em 2 grupos (um de trabalhadores em educação preferencialmente formados na área de Linguagens e outro de alunos) para que as discussões ocorram nesse formato. Tais grupos deverão ser constituídos de 6 a 8 integrantes e os encontros duração média de 1 a 1:30h. As discussões se darão a partir de questões previamente formuladas pela pesquisadora e serão estimuladas também por um texto literário previamente selecionado e versarão sobre suas vivências profissionais e discentes e o papel da literatura na educação formal e no que ela possibilita de educação e suporte para além desta educação formal. As temáticas que emergiram de forma ainda mais potentes com o advento da Pandemia de COVID-19 – a morte e os lutos – em associação com a temática do envelhecimento humano e do fim dos ciclos de forma natural e não natural (e que inevitavelmente acabam se refletindo e muitas de vezes de forma dolorosa e angustiosa no ambiente escolar) serão estimulados à abordagem nos grupos de discussão para uma posterior análise de conteúdo de modo que os objetivos a que se propõe a citada pesquisa acadêmica possam ser alcançados, a fim de contribuir para o desenvolvimento de uma educação ainda mais comprometida com a valorização da vida, o bem-estar biopsicossocial tanto dos trabalhadores em educação quanto dos estudantes e, por associação, também de seus familiares. E, nesse viés, promover um maior estímulo à leitura do texto literário. A pesquisadora responsável declara que cumprirá o que determina a Resolução CNS 466/2012 e nós contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações. Informamos que esta Coordenadoria Regional de Educação poderá a qualquer fase desta pesquisa retirar essa anuência. Também foi, pela pesquisadora acima mencionada, garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e seu uso restrito a este projeto de pesquisa. Concordamos que os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e/ou revistas científicas, de maneira totalmente anônima em relação aos nomes dos participantes.

Colocamo-nos à disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,

Sônia Teresinha Leandro Paul

Coordenadora Regional

Coordenadoria Regional de Educação

CNPJ: 82951328/0001-58





Assinaturas do documento



Código para verificação: **C5S9KP26**

Este documento foi assinado digitalmente pelos seguintes signatários nas datas indicadas:

✓ **SONIA TERESINHA LEANDRO PAUL** (CPF: 381.XXX.839-XX) em 28/08/2023 às 16:32:24
Emitido por: "SGP-e", emitido em 16/05/2019 - 13:42:25 e válido até 16/05/2119 - 13:42:25.
(Assinatura do sistema)

Para verificar a autenticidade desta cópia, acesse o link <https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo/conferencia-documento/U0VEXzCwNTRfMDAwMzAxOTBfMzAyNzBfMjAyM19DNVM5S1AyNg==> ou o site <https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo> e informe o processo **SED 00030190/2023** e o código **C5S9KP26** ou aponte a câmera para o QR Code presente nesta página para realizar a conferência.

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
Pesquisa a partir de Grupo de Discussão

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa intitulada: **A TANATOPEDAGOGIA NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO – VOZES DE PROFESSORES E EDUCANDOS DO ENSINO MÉDIO**, coordenada pela pesquisadora **Ramone Abreu Amado Jasper Soares**, sob a Orientação da **Profa. Dra. Berenice Rocha Zabbot Garcia**. A pesquisa tem como objetivo compreender o papel da tanatopedagogia e suas implicações nas práticas pedagógicas escolares do Ensino Médio na Educação Básica, tendo a Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, mais precisamente a Escola de Educação Básica Professor Gustavo Augusto Gonzaga como seu *locus* de pesquisa. A pesquisa contará com um número estimado entre 6-8 estudantes do Ensino Médio e 6-8 trabalhadores em educação (preferencialmente da área de Linguagens).

A participação nesta pesquisa será individual, livre e de espontânea vontade. Você não terá custo, nem receberá qualquer vantagem financeira por participar da mesma e sua participação é voluntária. A pesquisa envolve baixo risco e método será aplicado pela pesquisadora em local público (mais precisamente, em uma sala adequada previamente preparada com mobiliário e aparelhos tecnológicos adequados no próprio ambiente da escola participante mencionada) mas não se pode descartar eventual risco. Fica ressaltado que você fique à vontade em não participar ou abandonar as discussões em qualquer momento; assim, as informações serão descartadas. O método de pesquisa privilegiado a ser utilizado aqui será grupos de discussão. Tal método propicia o estabelecimento de uma relação dialógica a partir da qual poderão emergir discursos variados que poderão contribuir sobremaneira para a investigação no sentido de que é na variedade dos conteúdos discursivos carregados de marcas culturais, familiares, institucionais, grupais, pessoais e outras mais que uma análise boa e ponderada poderá ser efetivada com o intuito de atingir o objetivo da pesquisa.

A realização desta pesquisa, que envolve a discussão sobre os temas da morte e os lutos pode ser sensível e potencialmente angustiante para os participantes, e isso pode resultar em uma série de riscos em várias dimensões da vida humana. Aqui estão alguns desses riscos bem como medidas para minimizá-los:

Dimensão psíquica/emocional: Riscos: Participantes podem experimentar angústia, tristeza, ansiedade ou até mesmo transtornos emocionais ao discutir experiências de perda e morte. Medidas para minimização: Fornecer informações claras sobre o objetivo da pesquisa e obter consentimento informado. Oferecer suporte psicológico, como contato com profissionais de saúde mental, caso surjam emoções intensas. Garantir a confidencialidade dos dados e permitir que os participantes se recusem a responder perguntas que considerem muito dolorosas.

Dimensão moral e cultural: Riscos: A pesquisa pode envolver tópicos que violem crenças ou valores culturais dos participantes, causando conflito moral. Medidas para minimização: Respeitar as crenças e valores dos participantes, garantindo que a pesquisa seja conduzida de forma sensível à diversidade cultural e ética. Permitir que os participantes escolham o nível de detalhes que desejam compartilhar sobre suas experiências pessoais.

Dimensão social: Riscos: Participantes podem enfrentar estigmatização ou rejeição social ao discutir temas de morte e luto, especialmente se forem percebidos como fracos ou emocionalmente instáveis. Medidas para minimização: Manter a confidencialidade dos dados coletados e garantir que as informações compartilhadas pelos participantes não possam ser associadas a eles publicamente. Promover um ambiente de apoio e aceitação durante a pesquisa.

Dimensão espiritual: Riscos: Discussões sobre a morte e o luto podem tocar em questões espirituais e existenciais profundas, o que pode ser desafiador para alguns participantes. Medidas para minimização: Oferecer a opção de envolver líderes espirituais ou conselheiros para apoiar os participantes que desejam discutir aspectos espirituais relacionados à morte e luto. Garantir que as perguntas sejam formuladas de maneira respeitosa em relação às crenças religiosas e espirituais dos participantes.

Dimensão intelectual: Riscos: Participantes podem se sentir sobrecarregados ou mentalmente exaustos ao discutir tópicos relacionados à morte e luto. Medidas para minimização: Fornecer informações claras sobre a natureza da pesquisa e dar aos participantes a opção de interromper a pesquisa a qualquer momento. Planejar uma abordagem sensível e compreensiva ao conduzir as entrevistas ou discussões.

O benefício que a participação em tais grupos de discussão poderá gerar ao(à) participante não será financeiro, mas o de colaborar para o enriquecimento da pesquisa científica que poderá gerar uma educação ainda mais comprometida com o bem-estar biopsicossocial tanto dos trabalhadores em educação quanto dos estudantes e, por associação, também de seus familiares.

Os conteúdos de modo integral gerados nessa coleta não serão divulgados pela pesquisadora. Esta análise dos dados coletados será entregue com publicações ao fim da pesquisa

em 2024, podendo ser apresentada em congressos e ou publicadas em periódicos científicos. Os resultados estarão à sua disposição, no curso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Univille, quando finalizado o trabalho, gratuitamente. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos/inutilizados. O(A) participante poderá expressar suas opiniões de forma aberta e descontraída, de modo que não se torne incômodo sob qualquer aspecto, nem desconfortável propor suas opiniões, as quais não sofrerão julgamento de qualquer natureza, apenas estarão sujeitas a interpretações relacionadas diretamente à pesquisa. Durante a prática dialógica (as discussões propriamente ditas no grupo de discussão) não serão feitos questionamentos que visem persuadir o(a) participante ou guiar suas falas, estando livre o(a) participante para negar-se a interagir e/ou ainda a retirar-se da proposta, sem a obrigação de esclarecimentos pela decisão tomada.

A pesquisa será realizada em dois encontros que constituem a proposta dos grupos de discussão presenciais, gravados em áudio e vídeo, dos quais participarão somente a pessoa que concordar em participar voluntariamente sob a mediação da pesquisadora. As conversas e imagens não serão divulgadas de forma alguma, apenas as falas transcritas e apresentadas em forma de texto, com o restante da pesquisa na entrega final da pesquisa, assim como os dados pessoais se manterão em sigilo absoluto se o entrevistado assim o desejar.

Este TLCE está redigido em duas vias, as quais serão rubricadas e assinadas pelas partes envolvidas na pesquisa, e nas quais estão expostas informações de extrema relevância que incluem o objeto da pesquisa, os procedimentos e o contato da pesquisadora responsável. Orienta-se que guarde o documento com você.

Informamos que todos os envolvidos terão garantia de esclarecimentos sobre as práticas propostas e ou realizadas nos encontros presenciais, antes, durante e após a realização dos procedimentos. É responsável pelos procedimentos dos grupos de discussão a pesquisadora citada, Ramone Abreu Amado Jasper Soares, disponível no (47) 999892394, em horário comercial. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato diretamente por e-mail: rahparapsico2013@gmail.com.

ATENÇÃO: A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária, não tendo qualquer tipo de remuneração. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da Univille. Endereço: Rua Paulo Malschitzki, 10 - Bairro Zona Industrial - campus Universitário – CEP 89219-710 Joinville – SC ou pelo telefone (47) 3461-9235.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO RESPONDENTE

() Eu, tenho mais de 18 anos e concordo em participar do presente estudo como participante e declaro que fui devidamente informado/a e esclarecido/a sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

() Não concordo em participar.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____ abaixo assinado(a), concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, recebendo uma cópia deste termo que informa dos procedimentos de pesquisas, seus riscos e benefícios.

Local e data	Assinatura do Respondente
Telefone para contato	Ramone Abreu Amado Jasper Soares <i>Pesquisadora Responsável</i>

ANEXO D – TCLE (responsáveis pelo estudante)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) Pesquisa a partir de Grupo de Discussão

O(A) estudante _____, pelo(a) qual o(a) Senhor(a) atende como responsável está sendo convidado/a para participar da pesquisa intitulada: **A TANATOPEDAGOGIA NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO – VOZES DE PROFESSORES E EDUCANDOS DO ENSINO MÉDIO**, coordenada pela pesquisadora **Ramone Abreu Amado Jasper Soares**, sob a Orientação da **Profa. Dra. Berenice Rocha Zabbot Garcia**. A pesquisa tem como objetivo compreender o papel da tanatopedagogia e suas implicações nas práticas pedagógicas escolares do Ensino Médio na Educação Básica, tendo a Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, mais precisamente a Escola de Educação Básica Professor Gustavo Augusto Gonzaga como seu *locus* de pesquisa. A pesquisa contará com um número estimado entre 6-8 estudantes do Ensino Médio e 6-8 trabalhadores em educação (preferencialmente da área de Linguagens).

A participação nesta pesquisa será individual, livre e de espontânea vontade. O aluno ou a família não terão custos, nem receberão quaisquer vantagens financeiras pela participação do(da) estudante na mesma e a participação é voluntária. A pesquisa envolve baixo risco e seu método será aplicado pela pesquisadora em local público (mais precisamente, em uma sala adequada previamente preparada com mobiliário e aparelhos tecnológicos adequados no próprio ambiente da escola participante mencionada) mas não se pode descartar eventual risco. Fica ressaltado que o(a)aluno poderá ficar à vontade em não participar ou abandonar as discussões em qualquer momento; assim, as informações serão descartadas. O método de pesquisa privilegiado a ser utilizado aqui será grupos de discussão. Tal método propicia o estabelecimento de uma relação dialógica a partir da qual poderão emergir discursos variados que poderão contribuir sobremaneira para a investigação no sentido de que é na variedade dos conteúdos discursivos carregados de marcas culturais, familiares, institucionais, grupais, pessoais e outras mais que uma análise boa e ponderada poderá ser efetivada com o intuito de atingir o objetivo da pesquisa.

A realização desta pesquisa, que envolve a discussão sobre os temas da morte e os lutos pode ser sensível e potencialmente angustiante para os participantes, e isso pode resultar em uma série de riscos em várias dimensões da vida humana. Aqui estão alguns desses riscos bem como medidas para minimizá-los:

Dimensão psíquica/emocional: Riscos: Participantes podem experimentar angústia, tristeza, ansiedade ou até mesmo transtornos emocionais ao discutir experiências de perda e morte. Medidas para minimização: Fornecer informações claras sobre o objetivo da pesquisa e obter consentimento informado. Oferecer suporte psicológico, como contato com profissionais de saúde mental, caso surjam emoções intensas. Garantir a confidencialidade dos dados e permitir que os participantes se recusem a responder perguntas que considerem muito dolorosas.

Dimensão moral e cultural: Riscos: A pesquisa pode envolver tópicos que violem crenças ou valores culturais dos participantes, causando conflito moral. Medidas para minimização: Respeitar as crenças e valores dos participantes, garantindo que a pesquisa seja conduzida de forma sensível à diversidade cultural e ética. Permitir que os participantes escolham o nível de detalhes que desejam compartilhar sobre suas experiências pessoais.

Dimensão social: Riscos: Participantes podem enfrentar estigmatização ou rejeição social ao discutir temas de morte e luto, especialmente se forem percebidos como fracos ou emocionalmente instáveis. Medidas para minimização: Manter a confidencialidade dos dados coletados e garantir que as informações compartilhadas pelos participantes não possam ser associadas a eles publicamente. Promover um ambiente de apoio e aceitação durante a pesquisa.

Dimensão espiritual: Riscos: Discussões sobre a morte e o luto podem tocar em questões espirituais e existenciais profundas, o que pode ser desafiador para alguns participantes. Medidas para minimização: Oferecer a opção de envolver líderes espirituais ou conselheiros para apoiar os participantes que desejam discutir aspectos espirituais relacionados à morte e luto. Garantir que as perguntas sejam formuladas de maneira respeitosa em relação às crenças religiosas e espirituais dos participantes.

Dimensão intelectual: Riscos: Participantes podem se sentir sobrecarregados ou mentalmente exaustos ao discutir tópicos relacionados à morte e luto. Medidas para minimização: Fornecer informações claras sobre a natureza da pesquisa e dar aos participantes a opção de interromper a pesquisa a qualquer momento. Planejar uma abordagem sensível e compreensiva ao conduzir as entrevistas ou discussões.

O benefício que a participação em tais grupos de discussão poderá gerar ao(à) participante não será financeiro, mas o de colaborar para o enriquecimento da pesquisa científica que poderá

colaborar para uma educação ainda mais comprometida com o bem-estar biopsicossocial tanto dos trabalhadores em educação quanto dos estudantes e, por associação, também de seus familiares.

Os conteúdos de modo integral gerados nessa coleta não serão divulgados pela pesquisadora. Esta análise dos dados coletados será entregue com publicações ao fim da pesquisa em 2024, podendo ser apresentada em congressos e ou publicadas em periódicos científicos. Os resultados estarão à disposição no Programa de Pós-Graduação em Educação da Univille, quando finalizado o trabalho, gratuitamente. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos/inutilizados. O(A) participante poderá expressar suas opiniões de forma aberta e descontraída, de modo que não se torne incômodo sob qualquer aspecto, nem desconfortável propor suas opiniões, as quais não sofrerão julgamento de qualquer natureza, apenas estarão sujeitas a interpretações relacionadas diretamente à pesquisa. Durante a prática dialógica (as discussões propriamente ditas no grupo de discussão) não serão feitos questionamentos que visem persuadir o(a) participante ou guiar suas falas, estando livre o(a) participante para negar-se a interagir e/ou ainda a retirar-se da proposta, sem a obrigação de esclarecimentos pela decisão tomada.

A pesquisa será realizada em dois encontros que constituem a proposta dos grupos de discussão presenciais, gravados em áudio e vídeo, dos quais participarão somente a pessoa que concordar em participar voluntariamente sob a mediação da pesquisadora (se menor de 18 anos com anuência de responsável legal). As conversas e imagens não serão divulgadas de forma alguma, apenas as falas transcritas e apresentadas em forma de texto, com o restante da pesquisa na entrega final da pesquisa, assim como os dados pessoais se manterão em sigilo absoluto se o entrevistado assim o desejar.

Este TLCE está redigido em duas vias, as quais serão rubricadas e assinadas pelas partes envolvidas na pesquisa, e nas quais estão expostas informações de extrema relevância que incluem o objeto da pesquisa, os procedimentos e o contato da pesquisadora responsável. Orienta-se que guarde o documento com você.

Informamos que todos os envolvidos terão garantia de esclarecimentos sobre as práticas propostas e ou realizadas nos encontros presenciais, antes, durante e após a realização dos procedimentos. É responsável pelos procedimentos dos grupos de discussão a pesquisadora citada, Ramone Abreu Amado Jasper Soares, disponível no (47)999892394, em horário comercial. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato diretamente por e-mail: rahparapsico2013@gmail.com.

ATENÇÃO: A participação do educando(a) em qualquer tipo de pesquisa é voluntária, não tendo qualquer tipo de remuneração. Em caso de dúvida quanto aos direitos do(da) mesmo(a), escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da Univille. Endereço: Rua Paulo Malschitzki, 10 - Bairro Zona Industrial - campus Universitário – CEP 89219-710 Joinville – SC ou pelo telefone (47) 3461-9235.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO PELO RESPONSÁVEL

Eu, _____, CPF: _____ declaro que estou de acordo com a participação do(a) aluno(a) _____ no presente estudo como sujeito e declaro que, assim como o fez a pesquisadora, informei-o(a) e esclareci-o(a) sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, recebendo uma cópia deste termo que informa dos procedimentos de pesquisa, seus riscos e benefícios.

Local e data

Assinatura do Responsável

Telefone para contato

Ramone Abreu Amado Jasper Soares
Pesquisadora Responsável

ANEXO E – Texto do Workshop Literário

Texto 1 do *Workshop* Literário – Gênero Conto – **Uma vela para Dario**

Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque.

Ele reclina-se mais um pouco, estendido na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario rouqueja feio, bolhas de espuma surgem no canto da boca.

Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o pode ver. Os moradores da rua conversam de uma porta a outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Mas não se vê guarda-chuva ou cachimbo a seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito peso. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que façam um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugere lhe examinem os papéis, retirados com vários objetos de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficam sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade.

Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe à multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo – os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio quando vivo só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabeção.

A última boca repete. Ele morreu, ele morreu. A gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as mãos no peito. Não consegue fechar olho nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.

TREVISAN, Dalton. **Uma vela para Dario** *In*: Cemitério dos Elefantes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

ANEXO F – Texto 2 do Workshop Literário

Texto 2 do *Workshop* Literário – Gênero Poesia – **Um Pouco Antes**

Quando já não for possível encontrar-me
em nenhum ponto da cidade
ou do planeta

pensa

ao veres no horizonte
sobre o mar de Copacabana
uma nesga azul de céu
pensa que resta alguma coisa de mim
por aqui
Não te custará nada imaginar
que estou sorrindo ainda naquela nesga
azul celeste
pouco antes de dissipar-me para sempre.

GULLAR, Ferreira. **Um Pouco Antes** In: Em alguma parte alguma. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

ANEXO G – Resenha do Texto 3

Resenha do Texto 3 do *Workshop* Literário – Gênero Literatura Infanto-Juvenil – Mas Por Quê? – A História de Elvis

Nesta história do alemão Peter Schössow, a revolta e a indignação explodem pelas páginas do livro. Não sem razão. A menina não se conforma com a morte de Elvis. Ele cantava e dançava tão bem! E agora, jaz ali, dentro da sua bolsa de couro, vermelhona e brilhante, do tempo da vovó. Elvis, seu canarinho amarelo, teve de morrer. Reviver pela lembrança os momentos com Elvis é a chave para sofrer menos. Por meio de um texto sucinto e direto, o inconformismo da menina dá lugar à serenidade. Aparentemente simples, as ilustrações acrescentam uma pitada de humor que atenua a dor. Perfeccionista, Peter toma especial cuidado com a iluminação e os enquadramentos de seus personagens. Com recursos da narrativa fantástica, Mas por quê?! não usa meias palavras para lidar com o tema da morte. Afinal, sentir saudades independe de idade.

AMAZON. **Resenha: Mas Por Quê - A História de Elvis**, de Peter Schossow. Cosac Naify, 2008. 40 p. 03 set. 2008. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Mas-Por-Que-Hist%C3%B3ria-Elvis/dp/8575037323#:~:text=Elvis%2C%20seu%20canarinho%20amarelo%2C%20teve,humor%20que%20atenua%20a%20dor>. Acesso em: 18 jul. 2024.

AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 11/04/25.

1. Identificação do material bibliográfico: () Tese Dissertação () Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Rafael Abreu Amado Jasper Soares

Orientador: Berenice R. Z. Garcia Coorientador: _____

Data de Defesa: 20/02/2025

Título: O lugar da Tancatopedagogia na educação básica e por a égide do letramento literário - Ubes de professores e alunos do ensino médio

Instituição de Defesa: Universidade da Região de Joinville-UNIVILLE

3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral Sim () Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.

Rafael
Assinatura do autor

Joinville, 11/04/2025.
Local/Data